

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Júlio César Pinto de Souza

**LEITURA PSICOSSOCIAL DA INSERÇÃO DOS REFUGIADOS
COLOMBIANOS EM MANAUS**

MANAUS
2015

Júlio César Pinto de Souza

**LEITURA PSICOSSOCIAL DA INSERÇÃO DOS REFUGIADOS
COLOMBIANOS EM MANAUS**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Orientador:
Dr Marcelo Gustavo Aguilar Calegare

MANAUS
2015

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação e aos seus autores. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S729I Souza, Júlio César Pinto de
Leitura psicossocial da inserção dos refugiados colombianos em
Manaus / Júlio César Pinto de Souza. 2015
114 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Marcelo Gustavo Aguilar Calegare
Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicossociais) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. refugiados. 2. colombianos. 3. identidade. 4. inserção social. 5.
Manaus. I. Calegare, Marcelo Gustavo Aguilar II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título

FOLHA DE APROVAÇÃO

Júlio César Pinto de Souza

Leitura psicossocial da inserção dos refugiados colombianos em Manaus

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcelo Gustavo Aguilar Calegare

UFAM (Orientador)

Assinatura: _____

Prof. Dr. Sidney Antonio da Silva

UFAM/PPG – Antropologia Social (Membro titular externo)

Assinatura: _____

Profa. Dra. Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa

UFAM/PPG - Psicologia (Membro titular interno)

Assinatura: _____

Agradecimentos

Ao arquiteto do universo, por me dar força, saúde e tranquilidade durante esses dois anos de trabalho árduo, porém profícuo.

Ao meu orientador Marcelo Gustavo Aguilar Calegare pelas prestimosas orientações, contribuições e paciência, as quais propiciaram condições deste mestrando concluir a pesquisa. Divido esta vitória com esse distinto pesquisador.

A minha esposa Rita, companheira e amiga que esteve ao meu lado nesses dois anos de abnegação e sacrifícios, mantendo sempre o bom humor e me incentivando a continuar nos momentos mais difíceis. Com todo o meu amor, obrigado por tudo.

A toda a minha família que abriu mão de férias, passeios, momentos de lazer e descontração para me oferecer condições de estudar e desenvolver minha pesquisa. Amo todos vocês.

Ao corpo docente do Programa de Pós-graduação de Psicologia da UFAM que de forma profissional e ética transmitiram novos conhecimentos que serão de extrema valia para a minha vida profissional. O meu eterno agradecimento a todos.

Aos meus colegas de Mestrado, Elane, Felipe e Max pelas importantes contribuições oferecidas durante as orientações. Muito obrigado.

Ao Sr Coronel Médico Antonio Guércio - Diretor do Hospital Militar de Área de Manaus, pelo apoio irrestrito e disponibilização de tempo para a realização das atividades desta pesquisa. Agradeço imensamente sua ajuda.

Ao Sr Coronel Médico Harold Richard Pérsi pelo apoio, no ano de 2013, na realização das disciplinas obrigatórias. Muito obrigado.

A pastoral do Migrante e a Cáritas Arquidiocesana de Manaus por abrirem as portas para este pesquisador, disponibilizando pessoal e material fundamentais para a conclusão desta pesquisa.

À Assistente social Andréia Cristina Palheta Gomes, da Pastoral do Migrante, pelo apoio prestado, seja por meio de informações, contatos ou acompanhando até os lares dos entrevistados que foi fundamental para a realização desta pesquisa. Continue sendo esta profissional dedicada que você é. Meus sinceros agradecimentos.

Às famílias dos refugiados que se prontificaram a participar da pesquisa. Sem eles este trabalho não seria possível. Muito obrigado.

O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.

José de Alencar

RESUMO

Conforme dados estatísticos disponibilizados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), em 2013 existiam cerca de 16,7 milhões de refugiados espalhados pelo mundo. Os países da América do sul somam uma população de refugiados bem inferior a outros países do Oriente médio e da Ásia. Dentre os países da América do Sul, o Brasil é um país muito procurado pelos refugiados devido à sua política de acolhimento, principalmente pelos refugiados da América Latina que tem o acesso de entrada facilitado. A solicitação de refúgio no Brasil foi facilitada após a homologação da Lei nº 9.474/97, que define mecanismos de implementação do Estatuto dos refugiados, criado em 1951. Todavia essa lei não estabelece questões a respeito da inserção social desse grupo em território brasileiro, o que causa problemas sociais quando de sua chegada em algum lugar. Diante disso, este trabalho teve como objetivo geral realizar uma leitura psicossocial do processo de inserção das famílias de refugiados colombianos em Manaus. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório-descritiva, com uso de entrevista semiestruturada com integrantes de quatro famílias que pediram refúgio entre janeiro de 2013 e setembro de 2014, residentes em Manaus, com análise de conteúdo segundo Bardin (2011). Nesta pesquisa utilizou-se como lente teórica de suporte a teoria da identidade social de Tjafel e a identidade cultural de Hall. Os resultados demonstram que os refugiados participantes vêm das cidades de Cúcuta, Caicedonia e Villavicêncio e que todos solicitaram refúgio devido às ameaças sofridas ou pela insegurança e violência existente nas suas cidades de origem. A escolha do Brasil para o pedido de refúgio teve dois motivos básicos: a segurança e a existência de conhecidos. Quanto à escolha de Manaus, os motivos foram à existência de conhecidos na cidade e a natureza. Quanto à facilitação do processo de inserção social dos refugiados na cidade de Manaus, todas as famílias atribuíram ao acolhimento o principal fator para o auxílio na inserção social. Dos aspectos que tornavam a vida dos refugiados mais fácil no Brasil foram elencados: o estudo dos filhos, o acolhimento recebido e trabalho. Em contrapartida, o que tornava a vida mais difícil foram o idioma, problemas conjugais, trabalho e moradia. O entendimento de refugiado para as famílias foi diversificado, sendo citados: ser um sem teto, vir escondido, ter acesso facilitado e ter direitos. A respeito da identidade colombiana, todos expressaram o orgulho de ser colombiano, mas sem especificar quais as características que determinam essa identidade. Sobre a identidade brasileira, todos os entrevistados designaram o brasileiro como um indivíduo de procedimentos positivos, tendo inclusive um dos entrevistados dito que gostaria de ser brasileiro. Apresentou-se ainda nesta pesquisa a desconstrução do conceito de que o refugiado sai de seu país para ocupar empregos de menor qualificação em Manaus, visto que eles já ocupavam esses empregos na Colômbia. Conclui-se que se faz necessária a elaboração de políticas públicas a fim de resguardar os direitos desse grupo, invisível à sociedade manauara. Por fim exaltou-se a necessidade de maiores pesquisas a respeito da temática, visto a escassez de trabalhos existentes.

Palavras-chave: refugiados; colombianos; inserção social; identidade; Manaus.

ABSTRACT

According to statistical data provided by the UN Refugee Agency, in 2013 there were about 16.7 million refugees around the world. The countries of South America together have a less number of refugees than other countries of Middle East and Asia. Among the countries in South America, Brazil is the most required country by refugees, mainly South American refugees, due to its admissions policy, that has facilitated their entry access. The refugee request in Brazil was facilitated after the approval of the Law Number 9.474 / 97, which defines implementation mechanisms of the refugees statute created in 1951. However, this law does not set questions about their social insertion in Brazil, causing social problems upon the arrival of these groups in some place. View of this situation, this study aimed to conduct a psychosocial reading of the inserting process of Colombian refugee families in Manaus. It is a qualitative research with an exploratory and descriptive character, using semi-structured interviews with members of four families that requested refuge between January 2013 and September 2014, residents in Manaus, and was used the content analysis according to Bardin (2011). In this research it was used as a theoretical support the theory of social identity Tjafel and cultural identity Hall. The results showed that the refugees come from the cities of Cúcuta, Caicedonia and Villavicencio and that all of them requested refuge because of threats suffered, insecurity and violence that exists in their hometowns. The refugees claim two basic reasons to choose Brazil, which were safety and the existence of acquaintances. As for the choice of Manaus were the reasons: existence of acquaintances in the city and the nature. About the facilitation process of social insertion of other refugees in the city of Manaus, all families assigned to the reception as the main factor to help in the social integration. The aspects that made life easier for refugees in Brazil, could be listed three answers: the study of children, the reception and work. On the other hand, making life more difficult were the language, marital problems, work and housing. The understanding of refuge for the families was diverse, like be a homeless, come hidden, have facilitated access and have rights. Regarding the Colombian identity, all expressed the pride of being Colombian, but without specifying what characteristics determine its identity. On the Brazilian identity, all respondents designated the Brazilian as an individual of positive procedures, having one of respondents said they would like to be Brazilian. It was presented in this research the deconstruction of the concept of the refugees as the ones that left their country to occupy lower -skilled jobs in Manaus, since they already held such jobs in Colombia. It is concluded that the development of public policies is necessary in order to protect the rights of these groups, invisible to Manauara society. Finally, it lifted up the need for more research on the subject, given the scarcity of existing investigations.

Keywords: refugees; Colombian; social insertion; identity; Manaus

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 –Itinerário percorrido pela família Soares e Carbonell..... | 51 |
| Figura 2 – Itinerário percorrido pela família Muñoz..... | 53 |
| Figura 3 – Itinerário percorrido pela família Bautista..... | 54 |

LISTA DE GRAFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 - Países com maior número de refugiados legalizados..... | 40 |
|---|----|

LISTA DE SIGLAS

| | |
|----------|---|
| ACNUR | Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados |
| CEP | Comité de Ética e Pesquisa |
| CNIg | Conselho Nacional de Imigração |
| CPF | Cadastro de Pessoa Física |
| ECA | Estatuto da Criança e do Adolescente |
| MERCOSUL | Mercado Comum do Sul |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| SINE | Sistema Nacional de Empregos no Amazonas |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e esclarecido |
| UFAM | Universidade Federal do Amazonas |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| RESUMO | 7 |
| ABSTRACT | 8 |
| LISTA DE FIGURAS | 9 |
| LISTA DE GRAFICOS | 9 |
| LISTA DE SIGLAS | 10 |
| SUMÁRIO..... | 11 |
| INTRODUÇÃO..... | 12 |
| <i>Metodologia</i> | 14 |
| CAPÍTULO 1 – PSICOLOGIA SOCIAL E IDENTIDADE | 17 |
| 1.1. Introduzindo a Psicologia Social | 17 |
| 1.2. A identidade em questão..... | 19 |
| 1.2.1. Identidade na perspectiva dos estudos culturais..... | 22 |
| 1.2.2. Identidade social..... | 28 |
| 1.2.2.1. Categorização social, estereótipo e comparação social | 30 |
| 1.3. Conclusão | 32 |
| CAPÍTULO 2 – O REFÚGIO A PARTIR DA CONVENÇÃO DE GENEBRA E O CASO DOS REFUGIADOS COLOMBIANOS EM MANAUS | 34 |
| 2.1. Refugiados: gênese de uma antiga categoria social..... | 34 |
| 2.2. Os refugiados no mundo atual | 35 |
| 2.3. Os refugiados na América Latina | 37 |
| 2.4. Os refugiados no Brasil e no estado do Amazonas..... | 38 |
| 2.5. Os refugiados colombianos em Manaus | 43 |
| 2.6. O Refúgio como uma questão social | 45 |
| 2.7. Conclusão..... | 47 |
| CAPÍTULO 3 – TRAJETÓRIAS E INSERÇÃO DOS REFUGIADOS COLOMBIANOS EM MANAUS..... | 49 |
| 3.1. Perfil, origem e trajeto dos entrevistados até Manaus | 50 |
| 3.1.1. Família Soarez..... | 50 |
| 3.1.2. Família Carbonell..... | 51 |
| 3.1.3. Família Muñoz | 52 |
| 3.1.4. Família Bautista..... | 54 |
| 3.2. Insegurança | 55 |
| 3.3. Forças Paramilitares..... | 56 |
| 3.4. Escolha do Brasil e a cidade de Manaus para o refúgio | 58 |
| 3.5. Refúgio..... | 60 |
| 3.6. Facilidades e dificuldades em Manaus | 62 |
| 3.7. A facilitação do processo de inserção social dos refugiados | 67 |
| 3.8. A distância da família | 69 |
| 3.9. Receio de algo após o refúgio e medo de ser identificado por antigos agressores | 70 |
| 3.10. O trabalho dos refugiados em Manaus | 72 |
| 3.11. Moradia, relações de amizade e socialização | 75 |
| 3.12. A identificação como refugiado..... | 79 |
| 3.13. A identidade colombiana | 84 |
| 3.14. A identidade brasileira | 88 |
| 3.15. As relações intergrupais..... | 91 |

| | |
|----------------------------|-----|
| 3.16. Conclusão..... | 93 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 95 |
| REFERÊNCIAS | 98 |
| ANEXO A | 106 |
| ANEXO B | 110 |
| ANEXO C | 111 |
| ANEXO D | 113 |

INTRODUÇÃO

Com o desencadear da II Guerra Mundial ocorreu uma expressiva evasão de pessoas das respectivas terras natais para outros países. Em face deste fenômeno, a Organização das Nações Unidas (Onu) considerou tal evasão como refúgio, estabelecendo a convenção de 1951 que originou o Estatuto dos Refugiados. Para coordenar essas atividades, a Onu instituiu o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), agência que teve a incumbência de assegurar os direitos e o bem-estar dos refugiados, empenhando-se para garantir a qualquer pessoa o direito de buscar e gozar de refúgio seguro em outro país (BARRETO, 2010).

De acordo com o Artigo 1º da Lei nº 9474/97, refugiado é aquele indivíduo que está fora de seu país natal por fundados temores de perseguição relacionados à raça, religião, nacionalidade ou opinião política (BRASIL, 2010). Atualmente, ampliou-se a definição de refugiados sendo consideradas, ainda, as pessoas obrigadas a deixar seu país devido a conflitos armados, violência generalizada e violação massiva dos direitos humanos.

Hoje a quantidade de refugiados pelo mundo é considerável. Segundo o Acnur (2014c), no final de 2013 existiam 16,7 milhões de refugiados pelo mundo. Na América do Sul, o Brasil é o país mais procurado por esse grupo em face de sua política de acolhimento a refugiados. Na perspectiva de Soares (2012, p.8), “o Brasil é frequentemente reconhecido como ‘país de acolhida’ de refugiados, dotado de uma legislação interna bem estruturada a respeito do tema, disso advém à imagem favorável também quanto à sua atuação na proteção dos refugiados”.

De acordo com o Acnur (2015), até outubro de 2014 foram reconhecidos 7289 pedidos de refúgio pelo governo brasileiro, tendo os sírios o maior número de reconhecimentos e em seguida os colombianos. Parte desses colombianos entra no Brasil pela cidade de Tabatinga, no estado do Amazonas, área conhecida como tríplice fronteira (Brasil, Colômbia e Peru). Lá os colombianos solicitam refúgio nos postos da Polícia Federal ou autoridade migratória da fronteira. A extensão da fronteira do Brasil com a Colômbia é de 1644 km, favorecendo o fluxo migratório de um país para o outro. Por ser o estado brasileiro a fazer fronteira com a Colômbia, o Amazonas, por óbvio, é a principal rota de entrada de colombianos para o Brasil.

Na região Norte, independente do local de pedido de refúgio, boa parte dos refugiados se desloca para a cidade de Manaus, sendo acolhidos pela Pastoral do Migrante, atual entidade parceira do Acnur que realiza o acolhimento dos refugiados no estado do Amazonas. Até 2014, maior parte das famílias de refugiados que se apresentaram na cidade de Manaus era de

origem colombiana, as quais têm em comum o fato de terem sido vítimas dos conflitos armados existentes ainda hoje na Colômbia. Por ser o grupo de refugiados de maior incidência em Manaus, optou-se pelas famílias de refugiados colombianos para compor o grupo investigado desta pesquisa.

Quando os refugiados chegam a Manaus, a acolhida oferecida ameniza um pouco o desconforto desses que desistem de seus lares, famílias e lugar de pertencimento de forma involuntária e abrupta, a fim de sobreviver e tendo a difícil tarefa de encontrar em uma região distante o recomeço de suas vidas. Todavia, ao chegar a Manaus os refugiados e suas famílias se deparam com diversos óbices, entre eles a dificuldade do novo idioma, a inexistência de um lar e a dificuldade para conseguir um trabalho.

Boa parte dos refugiados que chega ao Brasil encontra-se com serias restrições financeiras, chegando mesmo à situação de penúria, necessitando de auxílio para se reestruturar. Além da questão do trabalho, o preconceito e a discriminação por parte de alguns grupos locais e a diferença de idioma potencializam a dificuldade na inserção dessas famílias de refugiados na sociedade manauara. Desse modo, tais famílias se veem vulneráveis diante da marginalização infligida à maioria dos refugiados. Para Costa (2008), a nossa sociedade percebe os grupos sociais de menor poder aquisitivo com categorias inferiores, os quais se submetem a realizar aqueles trabalhos que os grupos de classes superiores não se propoiam. Por não serem valorizados, não são vistos.

Neste contexto, esta pesquisa pretende descrever, por meio de uma leitura psicossocial, o processo de inserção das famílias de refugiados, tomando por base o caso dos refugiados colombianos de Manaus. A fim de nortear esta pesquisa se estabeleceu como objetivo geral realizar uma leitura psicossocial do processo de inserção das famílias de refugiados colombianos na cidade de Manaus. Para alcançá-lo, subdividiram-se os seguintes objetivos específicos: 1) Realizar um levantamento acerca das famílias de refugiados colombianos que pediram refúgio entre janeiro/2013 e setembro/2014 e que residem em Manaus; 2) Investigar como está sendo a inserção social das famílias de refugiados colombianos selecionadas para a pesquisa em Manaus; e 3) Compreender as implicações identitárias dos refugiados colombianos a partir da inserção em Manaus.

O interesse por esse tema provém da participação ativa deste pesquisador, durante o período de maio de 2011 a junho de 2013, nas atividades de acolhimento aos refugiados. Na oportunidade verificou-se, durante as sessões de psicoterapia, que existiam muitas dificuldades na inserção dos refugiados, o que causava um sofrimento psíquico grande para os provedores da família. Tal problema desencadeou o interesse em entender este processo de

inserção dos refugiados colombianos na capital do Amazonas.

Metodologia

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa e de caráter exploratório-descritiva, de modo a ter condições de se observar, registrar e conhecer, com a maior fidedignidade possível, as situações nas relações sociais compreendidas no fenômeno pesquisado. Para Cervo e Bervian (2004), em uma pesquisa descritiva o pesquisador observa, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos sem manipulá-los. O uso da abordagem qualitativa foi mais apropriado a esta pesquisa visto que esse tipo de pesquisa se adequa melhor às investigações de grupos e segmentos delimitados, dos quais se podem descobrir dinâmicas dos processos sociais que ainda são pouco conhecidos referentes a grupos particulares (MINAYO, 2010).

Para alcançar os objetivos da pesquisa utilizou-se como instrumento a entrevista semiestruturada gravada em áudio (Anexo D). De acordo com Minayo, Deslandes e Gomes (2012), as entrevistas semiestruturadas são uma combinação de perguntas onde o entrevistado discorre livremente a respeito do assunto em pauta na pesquisa. Após a transcrição das entrevistas foi realizada a análise de conteúdo (BARDIN, 2011), criando-se categorias a partir das falas obtidas, as quais foram discutidas conforme literatura levantada.

É importante ressaltar que, por se tratar de pesquisa com seres humanos, foram seguidos todos os aspectos éticos pertinentes incluindo a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas - Cep/Ufam (ANEXO A). Ainda com o objetivo de não infringir qualquer aspecto ético, foram utilizados pseudônimos para todos os participantes da pesquisa e pessoas citadas pelos refugiados durante as entrevistas. As pessoas que aceitaram participar da pesquisa preencheram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO B). Todos os participantes foram orientados quanto à preservação das suas identidades. Por fim, todas as entidades que autorizaram a pesquisa dentro de suas instalações emitiram um termo de anuência (ANEXO C) para a realização da investigação.

Para limitação do grupo investigado e direcionamento da pesquisa foram estabelecidos alguns critérios. O primeiro critério para delimitação foi o período de solicitação do refúgio, visto que no período estabelecido os refugiados ainda estão se adaptando à nova situação e vivem intensamente as adequações impostas por uma nova cultura, ambiente, clima e costumes da região. A data de solicitação do refúgio fica registrada nas fichas existentes nas entidades de acolhimento e credenciamento de pedidos de refúgio, oficializando a informação.

O segundo critério foi a obrigatoriedade de que participantes que fossem responder a entrevista tivessem mais de 18 anos. O último critério foi que as famílias possuíssem moradia fixa em Manaus. Como critérios de exclusão foram desconsiderados os menores de 18 anos, não voluntários à pesquisa e aqueles que solicitassem para que as suas informações prestadas fossem retiradas da pesquisa. Não foi alvo de exclusão da pesquisa a questão de gênero, crença ou qualquer outro parâmetro de seleção.

De um total de 9 (nove) famílias colombianas que solicitaram refúgio no período de janeiro de 2013 e junho de 2014, apenas 4 (quatro) famílias permaneceram em Manaus. A fim de aumentar esse quantitativo, considerando que não demandou qualquer alteração em termos éticos para a pesquisa, ampliou-se esse período para setembro de 2014, aumentando assim em uma família. Desta forma, a população da pesquisa passou para 5 (cinco) famílias de refugiados colombianos que atendiam aos critérios de inclusão e que pediram refúgio ao governo brasileiro no período de janeiro/2013 a setembro/2014. A ideia inicial era de se fazer uma pesquisa com amostra censitária, porém a pesquisa foi realizada com uma amostra de 4 (quatro) famílias, visto que uma família foi embora de Manaus no final do novembro de 2014, durante a coleta de dados.

As famílias entrevistadas foram ouvidas em um local reservado e/ou nas próprias residências. Solicitou-se, dentro das possibilidades, que toda a família estivesse presente, porém somente em 01 (um) caso a família estava reunida durante a entrevista. Nos demais casos, compareceu somente parte da família. Inicialmente pretendia-se entrevistar todos os adultos das famílias. Entretanto compareceu somente um adulto (mais de 18 anos) por entrevista, representando cada uma das 4 famílias. Por se julgar que isso não seria motivo para interromper a pesquisa, cada refugiado entrevistado respondeu à entrevista, exprimindo a sua percepção e a da sua família quanto aos questionamentos.

Para a ordenação das ideias e consumação desta pesquisa, este trabalho foi dividido em três capítulos distintos. O primeiro capítulo foi configurado a partir de uma breve revisão de literatura a respeito da Psicologia Social e de algumas teorias de identidade. Para tanto, foram utilizados livros e artigos científicos do tema, bem como alguns dados secundários das entidades responsáveis pelos acolhimentos, a fim de contextualizar a Psicologia Social e a questão da identidade com o processo de inserção social dos refugiados.

Para a elaboração do segundo capítulo buscou-se contextualizar o questão dos refugiados desde o âmbito mundial até a cidade de Manaus. Para o correto entendimento do que se propõe, procurou-se, inicialmente, apresentar um breve apanhado histórico a respeito do tema dos refugiados. Em seguida, os refugiados foram contextualizados no mundo atual,

na América Latina, no Brasil, no Amazonas e na capital Manaus, dando-se ênfase aos refugiados colombianos. Por fim, discutiu-se a respeito do refúgio como uma questão social, enfatizando a ausência de políticas sociais de inserção dessas famílias de refugiados na sociedade local.

O terceiro capítulo foi direcionado para a apresentação dos resultados e a discussão desses com os argumentos apresentados em trabalhos referentes à Psicologia Social, identidade, discriminação e preconceito, bem como autores que dialogam a respeito da questão das migrações e refúgios. Como estrutura da discussão, foram usadas as falas das entrevistas feitas com o representante de cada família de refugiados colombianos que se enquadraram nos critérios estabelecidos nos procedimentos metodológicos.

As considerações finais foi uma oportunidade para se apresentar as percepções a respeito do trabalho desenvolvido, bem como apresentar propostas de outras pesquisas a respeito da inserção social de migrantes, a partir de algumas contribuições da Psicologia Social, visto que atualmente existem muitos trabalhos sobre o assunto, ordenados por outras áreas do saber, e sendo assim, com a perspectiva dessas áreas.

CAPÍTULO 1 – PSICOLOGIA SOCIAL E IDENTIDADE

1.1. Introduzindo a Psicologia Social

A Psicologia Social surgiu concomitante a outras áreas do saber. De acordo com Calegare (2010) o nome “Psicologia Social” aparece em algumas obras do final do século XIX e início do século XX. Para alguns estudiosos, o pai da Psicologia Social foi Augusto Comte (1793-1857), que ao escrever longas obras sobre a natureza das ciências, cita-a como uma ciência subproduto da sociologia e da moral que poderia responder: “como pode o indivíduo ser [...] causa e consequência da sociedade?” (LANE, 1981, p.75). Para outros, o surgimento da Psicologia Social ocorreu com Gustav Le Bon quando apresentou em seu livro “Psicologia das multidões” um esboço da relação indivíduo e o grupo social, explorando as relações de poder existentes. E para muitos, a disciplina surge explicitamente nas obras de McDougall e de Edward A. Ross, em 1908, que trazem o nome Psicologia Social no título.

Uma questão relevante a respeito dessa disciplina é que a partir de um breve exame da história, verifica-se que a mesma foi assinalada pela extrema falta de consonância a respeito de seu objeto de estudo (FERREIRA, 2011).

A composição da base teórico-epistemológica da Psicologia Social transpassa diferentes áreas do saber como a Antropologia, Sociologia e a própria Psicologia, estabelecendo uma ciência que baseia seu estudo da relação entre indivíduo e a sociedade (CALEGARE, 2010). O autor comenta que apesar de cada disciplina possuir um objeto formal distinto de estudo, possuem interseção bastante nítida em seu objeto material.

A principal questão para esse debate é o uso de métodos e perspectivas distintas para um mesmo fenômeno observado. Entendendo que a Psicologia Social estuda as relações entre os indivíduos e seus grupos sociais e entre grupos, ou seja, as interações sociais, verifica-se uma similaridade entre algumas áreas do conhecimento. Uma das áreas do saber que se assemelha a Psicologia Social é a Sociologia, que

[...] têm o objeto material idêntico ou quase idêntico, porém diferem em relação ao método que utilizam (a Psicologia Social utiliza prioritariamente o método experimental e a sociologia, não) e também no que concerne a unidade de análise (a Psicologia Social considera o indivíduo em interação com outras pessoas, enquanto a Sociologia dá mais ênfase a sociedade e às instituições sociais) (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 2009, p.18).

Outra área do saber que estuda um fenômeno semelhante à Psicologia Social é a Antropologia Cultural, ciência que estuda o comportamento do homem inserido na sua cultura, ou seja, analisa o indivíduo no contexto social, psicológico, biológico e religioso. Quanto a essa comparação, Rodrigues, Assmar e Jablonski (2009) afirmam que a Antropologia estuda as produções humanas nas diferentes culturas, as características étnicas dos povos, mas não consideram o indivíduo em si mesmo e seu comportamento frente aos estímulos sociais tal como faz a Psicologia Social.

A partir dessa brevíssima contextualização, verifica-se que a Psicologia Social foi explorada por diversos estudiosos que deram à ciência um enfoque voltado para os estudos que já vinham se desenvolvendo. Como a origem foi plural, múltiplas tradições e abordagens emergiram, tais como: o interacionismo simbólico, a psicologia social experimental, as representações sociais, o estudo intergrupais, a psicologia social crítica, entre outras. (CALEGARE, 2010). Todas essas abordagens proporcionaram a evolução da Psicologia Social, culminando com a contextualização desse campo do saber nas questões sociais.

Apesar dos intensos questionamentos de estudiosos afirmando que não se pode vincular em uma única área do saber a Psicologia Social, esta é ministrada nos bancos acadêmicos como sendo uma área da Psicologia. Quanto a esse entendimento, Calegare (2010) afirma que esse atrelamento das disciplinas causa um lapso na formação acadêmica, visto que se ensina Psicologia Social como sendo uma abordagem da Psicologia e não como disciplinas independentes que possuem interconexões.

Em relação à questão dos refugiados em Manaus à luz da Psicologia Social, constata-se a necessidade de uma pesquisa interdisciplinar para atender aos questionamentos estabelecidos a respeito desse grupo, pois a existência de um conflito cultural de dois grupos distintos apresenta-se na situação. Os pesquisadores se deparam com um desafio onde abarca questões como desmistificação, organização dos coletivos e diferenças culturais (GUARESCHI; BRUSCHI, 2013), questões que podem ser desconstruídas a partir da elaboração de pesquisas a respeito dos refugiados no âmbito nacional e regional, visto que hoje são escassas se fazendo necessárias (SOUZA; CALEGARE, 2014). Nesse contexto enfatiza-se a necessidade de estudos culturais e sociais em prol da inserção social desses grupos a fim de oferecer acesso à plena cidadania aos indivíduos que, na maior parte das vezes, são invisíveis à sociedade.

Nesse contexto, o psicólogo encontra-se com uma obrigação ética de lutar pelos direitos dos menos favorecidos, propiciando uma transformação social positiva, oferecendo melhores condições de vida e dignidade ao indivíduo ou grupo desfavorecido que vem

sofrendo com tal situação. Para isso, deve-se entender a relação do indivíduo e do grupo ao qual pertence, bem como entender as relações intergrupais de seu grupo com aqueles ao qual está em contato, buscando entender as influências recíprocas.

Para compreender como se dão essas interações, um conceito importante é aquele de identidade, que recebe diversos entendimentos em função das distintas tradições teóricas. Por exemplo, Lima e Ciampa (2012) comentam que a identidade é metamorfose e decorre dos diferentes momentos da história da pessoa e do momento histórico, social e pessoal. A identidade torna-se um fenômeno social dinâmico, pois a compreensão da relação do indivíduo com o grupo, bem como as relações intergrupais, baseia-se na identidade, principalmente nos dias atuais onde as transformações são constantes e acarretando em mudanças identitárias. Em face da correlação da identidade e a questão da inserção social de grupos sociais, objeto deste trabalho, passaremos a discorrer com maiores detalhes sobre o que se entende por identidade.

1.2. A identidade em questão

Nos últimos anos, os estudos sobre identidade foram diversificando-se a partir do enfoque dado pelo estudioso. Em determinado período da história, enfatizou-se a individualidade e a razão e em outros se considerou às expressões do eu para estudar a identidade. Por essa diversidade de perspectivas, Santos (2011, p.142) afirma que “discorrer sobre a identidade pressupõe considerar a intensa diversidade conceitual que a atravessa, expondo-a a inúmeras variações”. Para Hall (2014), houve três concepções distintas da identidade de nossa época, baseadas no sujeito do iluminismo, no sujeito sociológico e no sujeito pós-moderno. O primeiro deles

[...] estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo — contínuo ou "idêntico" a ele — ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa (HALL, 2014, p.10)

Em um segundo momento, a concepção de identidade mudou para a percepção do indivíduo como não autossuficiente ou mesmo independente de tudo, pois precisa da interação simbólica com o outro em um espaço complexo que é o mundo. Tal concepção foi denominada de sujeito sociológico. Nessa concepção, a identidade possuía um entendimento

comum de algo individual além de uma ampla arbitrariedade naquilo que faz, sendo ela constituída pelas interações simbólicas do indivíduo com o outro e o que constroem socialmente juntos. De acordo com Hall (2014, p.11), “a identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público”.

Na terceira concepção, a do sujeito pós-moderno, Hall (2014) afirma que o indivíduo não possui uma identidade fixa e essencial ou permanente, mas continuamente modificada a partir da sua relação com os diferentes sistemas culturais de que toma parte. Nesta concepção, a identidade não é vista mais como unitária, mas constituída de diversas identidades, que podem se contradizer ou mesmo não serem reconhecidas. Entende-se que tal mudança foi despertada por modificações de ordem conjuntural: “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático [...] produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2014, p.11). Nesse sentido, a identidade é relacional e marcada pela diferença (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014).

Cada cultura possui características que identificam o grupo e os indivíduos que os constituem. A identidade de um grupo se baseia na diferenciação desse grupo em relação aos outros. Para que se construa a identidade de um grupo faz-se necessária a existência de um parâmetro externo, ou seja, que exista algo fora daquele grupo para que se tome como base aquilo que eles não são. Somente dessa forma esse grupo poderá constituir características para criar uma identidade, visto que a identidade se distingue por aquilo que ela não é (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014).

A partir desse entendimento, Hall (2014) atribui como base epistemológica da discussão sobre as perspectivas essencialista e não essencialista da identidade. Em seu entendimento, a definição essencialista indica a existência de um conjunto de características bem definidas e singulares que todos os integrantes de um grupo partilham e que não se altera ao longo do tempo. Quanto à perspectiva não essencialista, o mesmo autor considera como foco a diferença e as características comuns e partilhadas por outros grupos, sendo enfatizada a transformação de significados por parte do grupo com o passar do tempo. A partir dessa discussão, a visão de sujeito assume contornos históricos e não biológicos, e o sujeito adere a identidades diversas em diferentes contextos, que são, normalmente, contraditórias, impulsionando suas ações em inúmeras direções, de modo que suas identificações são continuamente deslocadas.

A identidade tem como meios de diferenciação a simbologia concreta que auxiliam a

identificação de “quem é quem” dentro das relações sociais. Para Silva, Hall e Woodward (2014) a identidade assume um papel relacional enquanto a diferença é estabelecida por uma “marcação simbólica” em relação a outras identidades. Essa identificação pode ser direcionada para qualquer dimensão seja de gênero, nacionalidade ou local de moradia. Com isso entende-se que “a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. A luta para afirmar uma ou outra identidade ou as diferenças que os cercam têm causas e consequências materiais” (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014, p. 10).

Entretanto, a partir de qualquer dimensão da identidade existem dois aspectos que devem ser sempre considerados: o indivíduo e o social. A identidade implica no entrelaçamento do indivíduo e do social porque quando nos questionamos sobre nós mesmos ou a forma como os outros nos percebem, depara-se obrigatoriamente com a nossa identidade (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014). A identidade é o elo que conecta o indivíduo com o grupo, é o sentimento de pertença do indivíduo. Tal entendimento é o que mantém o indivíduo como um ser social e participante do grupo com ser ativo e produtivo.

A identidade se expressa a partir das varias personagens que representamos quando nos relacionamos com o outro, resultando em diferentes modos de produção identitária, sendo, portanto, a identidade uma articulação entre igualdade e diferença (LIMA; CIAMPA, 2012). A influência do grupo e suas ideias fazem com que o indivíduo, por vezes, não possua outra posição a respeito de algum assunto senão a posição que o grupo possui, porque ele deve ser igual ao grupo. Em contrapartida, a necessidade de ser diferente torna-se fundamental para que o grupo encontre uma identidade, pois a diferença, por vezes, assume uma posição impositiva e mesmo restritiva em relação aos outros grupos, transformando a diferença simbólica em uma exclusão social. Essa exclusão caracteriza-se por uma posição de inferioridade atribuída ao outro grupo. Silva, Hall e Woodward (2014) comentam que as diferenças e as identidades são construídas e não dadas e acabadas. A identidade é percebida positivamente, como uma necessidade para o indivíduo se perceber, o “aquilo que sou”, sendo apenas uma referência a si própria, ou seja, ela é autocontida e autossuficiente. Inversamente aparece a diferença que é aquilo que o outro é. Apesar do entendimento desses conceitos, mostra-se tácita a compreensão de que os conceitos de identidade e diferença se sustentam, criando um equilíbrio ao entendimento de ambos os conceitos.

A teoria da identidade passou a ser estudada por diversos estudiosos que focaram dimensões distintas sobre a identidade do indivíduo e do grupo. Essa dimensão é estabelecida a partir do fenômeno escolhido para a interpretação do que faz o grupo se unir e identificar-se reciprocamente. Com esse entendimento, pode-se dizer que existem tantas identidades

quantos sejam os grupos sociais a que pertencemos. Bonomo (2010) afirma que nos aproximamos dos diversos grupos, dos quais fazemos parte no decurso da nossa vida, assumindo diferentes pertenças e estabelecendo múltiplas relações a partir da identidade construída em nossos contextos de inserção social. Essas dimensões são construídas a partir do que eu sou e apresentam-se como dimensões dos processos identitários das identidades nacional, social, pessoal, de lugar, territorial, étnico, cultural, gênero, entre outras.

Dentre as diversas vertentes da identidade, optou-se por nos aprofundar de duas em particular, visto adequarem-se mais a questão da inserção social dos refugiados. A partir de agora, passar-se-á a falar das identidades pela perspectiva dos estudos culturais e a identidade social.

1.2.1. Identidade na perspectiva dos estudos culturais

Hall (2014) apresenta o conceito das identidades culturais como atributos das identidades que surgem do sentimento de pertença a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, principalmente, nacionais. O autor comenta que as condições atuais da sociedade estão “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (p. 10). Essas mudanças ocorridas propiciam alterações nas identidades pessoais descaracterizando a ideia de imutabilidade da identidade até então existente. Sobre essa mutação constante da identidade, o autor comenta que a perda do sentido de si estável é denominada de duplo deslocamento ou descentração do sujeito. Com esse preâmbulo, verifica-se a importância de se aprofundar os estudos na identidade cultural.

A ideia de cultura está presente desde a constituição do primeiro grupo social e ocorre com a construção, perpetuação, desenvolvimento e transmissão dos valores, crenças, mitos, lei, moral, artes, costumes e tudo que envolve o sentir, o pensar e o agir dos indivíduos. Desse modo, a constituição da identidade cultural de um grupo se expressa pelas identificações com outros que possuem os valores, crenças e costumes semelhantes. Atualmente podem-se verificar grupos que a partir de processos identitários passam a afirmar suas singularidades e pleitear direitos julgados procedentes. Quanto a essa questão, Santos (2011, p.142) comenta:

Nas últimas décadas temos visto uma forte onda de movimentos sociais (negros, indígenas, feministas, homossexuais, entre outros) que partem das questões identitárias para afirmação de suas singularidades e reivindicação de direitos sociais e políticos historicamente negados. Do mesmo modo, fenômenos que pareciam estar superados, como nacionalismos, regionalismos, fundamentalismos, racismos, chauvinismos, entre outros discursos que fundamentam as identidades culturais vêm se tornando não muito raros. Todos esses movimentos sociais das chamadas minorias culturais e técnicas e de outros fenômenos sociais aparentemente superados

têm levado a problemática das identidades culturais ao centro das discussões acadêmicas.

Daí entende-se que o estudo do conceito de identidade cultural apresenta-se como importante para refletir e analisar fenômenos psicológicos, sociais e culturais na contemporaneidade, visto que as sociedades modernas estão passando por transformações estruturais, substituindo as antigas identidades que as dominavam. Hall (2014) afirma que essas transformações que causam os deslocamentos ocasionam à descentração dos indivíduos de seu lugar no mundo social e cultural, bem como de si mesmos, resultando no que ele chama de “crise de identidade”. Essa crise ocorre pela dinamicidade das mudanças, ocasionando tamanha diversidade de identidades nos dias atuais, e concorrendo para derrubar o entendimento de uma identidade estável e permanente com a qual o indivíduo estava acostumado. Quanto à crise de identidade, Mercer (1990 apud HALL, 2014, p.09) pontua que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. Essa diversidade teve a contribuição da globalização que impactou, de forma sensível, a identidade cultural das sociedades atuais, fato que se tratará mais à frente.

Ainda com relação à diversificação de identidades, entende-se que a identidade constrói aquilo que somos, como vivemos em um grupo social e como nos comportamos diante de outros sujeitos que compõem esse grupo. Essa pluralidade de identidades pode causar sofrimento no indivíduo que se depara com situações onde se enquadra em duas ou mais categorias. Todavia, de uma forma mais ou menos automática, o indivíduo escolherá como será representado ou questionado.

A concepção da identidade cultural remete ao sentimento de pertencimento do indivíduo a uma cultura nacional na qual nascemos e absorvemos no decorrer de nossas vidas, ou seja, a identidade cultural é construída (PATRIOTA, 2002). Nesse sentido é comum que haja a projeção do indivíduo nas identidades culturais, pois ocorre uma internalização dos significados e valores, alinhando os sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que se ocupa no mundo social e cultural em que se vive (MIRANDA, 2000). Com isso, depreende-se que a mudança que está ocorrendo não parte do indivíduo, mas do meio em que ele convive.

O mundo está se transformando, juntamente com as relações sociais, economia, cultura, crenças e valores. Tal mudança leva o indivíduo a assumir variadas identidades, não tendo mais uma identidade única e essencial e sim provisória e variável, acompanhando as sucessivas transformações ocorridas nos sistemas culturais. De acordo com Hall (2014, p.11) “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se

tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades”. Sobre a relação da transformação do mundo com a identidade do indivíduo, Miranda (2000) comenta:

O sujeito pós-moderno é definido historicamente, e não mais biologicamente (como preferem os que defendem identidades raciais originais, mas sem bases científicas), porquanto o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, afetadas tanto pelos processos de socialização quanto de globalização dos meios de comunicação e informação. A sociedade em que vive o sujeito não é um todo unificado e monolítico, uma totalidade, que flui e evolui a partir de si mesma, pois está também constantemente sendo descentrada e deslocada por forças externas (p.82).

Pelo fato do indivíduo estar investido de diversas identidades que se apresentam em determinados momentos, ocorre, por vezes, conflito dessas identidades, pois passam a ser contraditórias. Essas combinações conflitantes são percebidas facilmente quando nos deparamos com um empresário, homem, negro, rico e homossexual. O pertencimento em cada um desses grupos cria conflitos, intrapessoal, intragrupal e intergrupar. Esta questão é denominada por Hall (2014) como o “jogo de identidades”, o qual afirma que “as contradições atuavam tanto fora, na sociedade [...], quanto ‘dentro’ da cabeça de cada indivíduo” (p.15). A identidade muda de acordo como o sujeito é interpelado ou representado, e que sua identificação não é automática, precisando ser conquistada e que pode ser alienada politicamente (MIRANDA, 2000).

Outro ponto importante é o entendimento de que a cultura de um povo nada mais é que a junção de diversas culturas, pois, desde a antiga Grécia, a movimentação entre culturas é algo notório. As barreiras da distância somente eram rompidas pelos exploradores e conquistadores que saíam de seus países a fim de explorar novos territórios e/ou apoderar-se dos domínios de outros. Esses desbravadores quando encontravam outros grupos tinham o costume de implantar sua cultura em detrimento da cultura desses povos. Nessas condições ocorria uma mescla cultural a partir de uma imposição do grupo opressor. Quanto a essa imposição Hall (2014, p.35) argumenta que “a maioria das nações consiste de culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta - isto é, pela supressão forçada da diferença cultural”. A imposição cultural também existiu durante a colonização de alguns países. Pode-se citar como exemplo a colonização brasileira que mesclou as culturas dos portugueses (colonizadores), nativos (conhecidos como índios) e os negros escravos da África. Isto posto, depreende-se que as nações atuais compartilham de um hibridismo cultural que pode ser interpretado como um processo que propicia a evolução e transformação da sociedade. Confirmando esse entendimento, o autor comenta que o

“hibridismo” e o sincretismo — a fusão entre diferentes tradições culturais — são poderosas fontes criativas que produzem novas culturas mais adequadas à modernidade.

Tal processo contribui para o que Hall chama de identidades nacionais. O autor afirma que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2014, p.30). A cultura nacional constrói sentidos que influenciam e coordenam não somente ações mais também autopercepções. Isso porque o grupo social ao qual pertence o indivíduo torna-se, no processo de formação da identidade, um grupo simbólico em um sistema de representação cultural.

Entretanto isso não significa que a identidade cultural nacional seja homogênea, visto que as identidades são influenciadas pelas diferenças, quer sejam étnicas, desigualdade social, características regionais e desenvolvimento da história daquele grupo, bem como a influência sofrida de outros grupos que compõe a nação (HALL, 2014).

A identidade cultural se manifesta em qualquer país do mundo, seja mais ou menos desenvolvido. Hall (2014) apresenta cinco estratégias discursivas que configuram os contornos da identidade nacional de uma nação, sendo elas: 1) narrativa da nação, por meio das histórias, cultura, crença popular e literaturas nacionais; 2) as origens, continuidade, tradição e intemporalidade; 3) por tradições que por vezes, apesar de se divulgar como antigas são de um passado bem recente; 4) refere-se ao mito fundacional que significa a estruturação – por meio de distorções, narrativas alternativas e invenções - da história da nação a fim de existir uma identificação por parte do indivíduo; 5) esta última refere-se à simbologia da identidade nacional baseada na ideia de um povo puro ou original, mesmo não sendo estes que existem na época ou que estejam exercendo o poder. Com um entendimento similar, Miranda (2000) comenta que:

Medidas de exceção são formuladas para proteger a cultura local em suas mais variadas formas e, mais que isso, é resguardado o próprio idioma nacional, que condensa uma visão de mundo específica – aquela supostamente mais adequada a dar conta de um determinado modo de vida, com seus valores e significados (p.83).

Outra característica que representa uma nação é o idioma oficial do país, tornando-se uma ferramenta unificadora de um povo. A identidade cultural de uma nação está representada em seu sistema cultural e no seu idioma. Para Rovira (2008), o idioma está intrínseco à cultura de um povo, sendo fundamental para a constituição da identidade cultural e transmissão valores, crenças e conceitos do grupo. Corroborando com a ideia da linguagem como fator importante para a construção dos processos identitários Silva, Hall e Woodward

(2014) ressaltam que a identidade e a diferença são criações sociais e culturais, sendo o mesmo que dizer que são o resultado de atos de criação da linguagem. Mesmo quando o idioma é falado com “sotaques” – muito comum no Brasil – que não cause uma barreira comprometedora para a compreensão entre os grupos, não se cria um rompimento do processo identitário intergrupos. Miranda (2000) afirma que os diferentes modos de falar não constituem barreira séria ao entendimento entre a população, e não há, sob esse aspecto, reivindicações identitárias particularizantes. Por outro prisma, a linguagem também pode ser um fator de exclusão quando o diálogo é prejudicado ou impossibilitado, ocasionando uma falta de comunicação. Quando não existe a comunicação, estabelecendo-se a diferença dos grupos, tende-se a marginalizar o outro grupo.

No caso dos refugiados, a diferença de idioma e cultural propicia um isolamento, pois a percepção dos grupos da nação anfitriã, em muitos casos, é de que eles são inferiores, por não serem brasileiros, não falarem o português, ou seja, não serem iguais a eles. Silva, Hall e Woodward (2014) afirmam que a identidade e a diferença estabelece uma relação de poder quando define o que eu sou em detrimento daquilo que o outro é.

Desta forma pode-se concluir a questão da identidade nacional descrevendo-a como sendo o somatório de valores construídos em uma cultura, que a despeito das discrepâncias regionais e peculiaridades grupais existentes, seja identificada por um traço o qual estabelece um perfil multidimensional hegemônico baseado em questões como território, instituições, língua e costumes (COIMBRA, 2006).

Pode-se dizer, portanto, que o estudo da identidade nacional de um grupo contribui para se entender a dinâmica dos conflitos intergrupais entre habitantes locais e os refugiados. As migrações ocorridas nos últimos anos para o Brasil englobam qualquer tipo de movimento de massas, inclusive o refúgio, tema deste trabalho acadêmico. Todavia é a partir desse movimento demográfico que ocorre o processo de miscigenação identitária, desconstruindo a ideia de uma identidade imutável e isolada e se estabelece uma “hibridização” na identidade dos grupos, visto que quando da ocorrência do contato intergrupais ocorre uma mutação bilateral.

Desta forma pode-se depreender que é evidente a importância da identidade cultural e a existência das características da identidade nacional para a singularização de uma nação. Entretanto, não se pode abster do fato de as nações, apesar de terem uma identidade nacional, serem compostas por grupos sociais que possuem características próprias, onde questões como classe social, etnia e religião separam opiniões e concentram grupos. Descaracteriza-se dessa forma o entendimento de que as identidades nacionais tenham sido alguma vez tão

unificadas ou homogêneas quanto fazem crer as representações que delas se fazem (HALL, 2014). A transformação constante da identidade ocorre por questões da mobilização de grupos de e para diversos pontos do globo, levando consigo uma bagagem cultural que se mescla involuntariamente com a cultura dos habitantes do território de destino. Para Hall (2014), a resposta para o deslocamento deslocando as identidades culturais nacionais é “um complexo de processos e forças de mudança, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo ‘globalização’” (p.39). A globalização é um processo, atuante em uma escala global, que transpassa fronteiras territoriais, integrando grupos e criando combinações híbridas.

Patriota (2002) comenta que a globalização apresenta-se como um paradigma que engloba o econômico, o ideológico e o cultural e que ameaça os edifícios culturais e sociais. Patrício (2009) complementa alegando que a globalização está transformando a forma como o mundo esta se apresentando para as pessoas e em como nós estamos percebendo o mundo. A globalização trouxe consigo duas questões dicotômicas, a aproximação dos grupos – com a disponibilização e alta velocidade da comunicação e do conhecimento – e uma separação das nações ou sociedades que até então tinham uma limitação territorial e temporal o que propiciava certa estabilidade e manutenção da perpetuação dos grupos. Na concepção de Giddens (1990 apud HALL, 2014), a globalização sugere um distanciamento do entendimento de sociedade como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço.

Com isso, a globalização vem acarretando um esfacelamento das identidades nacionais e a construção de uma cultura global homogeneizada que não encontra limites territoriais e temporais. Com uma argumentação corroborativa a essa ideia, Andrade (2010, p.09) comenta que “hoje em dia vários autores (...) advogam o fim da identidade nacional, devido à globalização que universaliza os sentimentos, costumes e atos, expandindo-se para além das fronteiras das nações”. O impacto da globalização para a identidade é apresentado por Hall (2014, p.40-41), que comenta:

O que é importante para nosso argumento quanto ao impacto da globalização sobre a identidade é que o tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de representação. Todo meio de representação — escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação — deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais. [...] Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos.

Com a fragmentação das identidades nacionais – que ainda permanecerem fortes – as

identidades locais, regionais e comunitárias tomaram proporções importantes, passando a assumir uma posição contrária a identidade nacional quanto à globalização. Para Hall (2014, p.42, grifo do autor),

(...) ao invés de pensar no global como "substituindo" o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre "o global" e "o local". Este "local" não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações "globais" e *novas* identificações "locais".

A respeito da questão do fomento da identidade local em detrimento da identidade nacional, Miranda (2000, p.82) comenta:

A globalização é um processo desigual que, em certa medida, pode ser considerado como a ocidentalização dos valores culturais de nossos tempos. Mas, paradoxalmente, a globalização vem fortalecendo a proliferação de identidades locais e, ainda que pareça utópico, a sociedade da informação que estamos ajudando a construir também pode dar espaço para culturas geograficamente isoladas – como é, em parte, o nosso caso.

Desta forma, inserido no discurso capitalista da globalização as diferenças e as distinções culturais transformam-se em uma linguagem global, reconhecida por quase todos independentes do país ou local que resida e da identidade que faz parte. Este fenômeno é conhecido como “homogeneização cultural” (HALL, 2014). Enquanto processo de desenvolvimento de complexas interconexões entre sociedades, culturas, instituições e indivíduos, a globalização estimula e favorece a remoção dos nossos relacionamentos e de nossas referências de vida de contextos locais para contextos transnacionais (MIRANDA, 2000). O uso de instrumentos como internet e computador estreitaram os elos – mesmo que virtual – entre as pessoas que não possuem mais preocupação de tempo e espaço para comunicar-se ou obter informações em fração de segundos, o que antes levaria, na melhor das hipóteses, algumas horas. Esta aproximação estabeleceu, de acordo com o autor, diferentes bolsões de identidades locais e étnica, reanimadas e fomentadas como maneira de resistir à introdução de novos modos identitários uniformizantes.

1.2.2. Identidade social

Como referido anteriormente, dentre as muitas perspectivas de identidade privilegiamos aquela segundo os estudos culturais e a teoria de identidade social, que passaremos a tratar a partir deste momento. Esta tem sido frequentemente utilizada nos

estudos realizados em Psicologia Social, primordialmente, tratando-se da descrição e análise das relações intergrupais, especificamente nos conflitos sociais e na exclusão social.

A teoria da identidade social foi desenvolvida por Tajfel, a partir dos anos 1970, baseando-se no estudo dos fenômenos e processos intergrupais. Segundo Tajfel (1972 apud TURNER, 2010), para se entender pertencente a um grupo social, o indivíduo deve atribuir significado e valor emocional a essa filiação ao grupo, passando a dar o significado e valor que o grupo dá a determinado fenômeno. Com essa afirmação o autor explica que a identidade social do indivíduo está estreitamente relacionada com o seu reconhecimento como pertencente a um grupo social e o significado emocional e avaliativo resultante desta associação. Quando se menciona o termo grupo social, deve-se entender que a reunião em grupos é algo ligado à dimensão social, pois a necessidade de se reunir com outros que comungam das mesmas ideias faz parte da natureza humana. Os indivíduos se reúnem em grupos e assumem uma identidade instituída por esse grupo, passando a se diferenciar dos outros que não fazem parte dele. O estabelecimento desse processo identitário desencadeia-se a partir do entendimento das relações intergrupais, as quais se encontram integradas aos conceitos de categorização social e da comparação social.

De maneira sucinta, Bonomo (2010) pontua que a identidade social deriva do reconhecimento das categorias sociais às quais se pertencem, bem como do valor e significado emocional que se atribui a essa pertença.

Atualmente essa teoria é amplamente utilizada pelas ciências humanas a fim de compreender as relações entre grupos. De acordo com Amâncio (1997), a identidade social posiciona-se hoje como principal teoria para análise das relações intergrupos por ter uma “posição explicativa da diferenciação e da discriminação sociais” (p.291). Esse conceito entende a identidade como sendo a autopercepção de um indivíduo a partir do seu conhecimento e seu grau de pertencimento a um determinado grupo.

1.2.2.1. Categorização social, estereótipo e comparação social

Para que haja uma divisão e se estabeleça um lugar do indivíduo dentro da sociedade, ou seja, se estabeleça um grupo ao qual ele pertença, é necessário que haja a categorização social. De acordo com Deschamps e Moliner (2014, p.32), na “categorização social os sujeitos estão eles próprios no interior de uma rede de categorias [...]. As pessoas são sujeitos da categorização e objetos tratados por este processo cognitivo que eles utilizam”. Por meio dessa categorização, classifica-se e dispõe-se o ambiente social a fim de inserir o indivíduo onde melhor se enquadra. Para Tajfel (2010), a categorização social faz parte de um processo

que reúne os objetos sociais e/ou os eventos grupais que são equivalentes no que se refere às ações e as intenções do indivíduo, bem como o seu sistema de crenças. Para o autor, a categorização social está direcionada para um objeto social, mesmo que aparentemente entenda-se que esteja direcionada para um objeto físico. Pode-se entender essa categorização como um processo cognitivo do indivíduo para ordenar a sua realidade, por meio da junção de características que os assemelham a outros indivíduos que passam a constituir e serem percebidos como do mesmo grupo. Dessa feita,

a categorização é um processo cognitivo que ajuda o sujeito a organizar e simplificar a sua realidade, juntando objectos, pessoas, acontecimentos, ideias e instituições, etc., em grupos cujos membros tendem a ser percebidos, muito mais do que se verifica na realidade, como iguais e partilhando um conjunto de características básicas comuns (ANTUNES, 2008, p. 81).

Com a elaboração dessa categoria, estabelece-se um estereótipo supervalorizado do grupo ao qual se pertence. Da mesma forma, é estabelecido um entendimento de inferioridade dos outros grupos, ou seja, o meu grupo é melhor que o outro grupo. O estereótipo é a comunhão de traços em comum de determinado grupo, ou conforme Deschamps e Moliner (2014, p.34-35), é um “conjunto de crenças relativas às características de um grupo [...] o resultado do efeito de acentuação das semelhanças intragrupo”.

A categorização admite a existência de estereótipos os quais propiciam ao indivíduo que pertence a um grupo uma carapaça de proteção, visto que proporciona recursos simbólicos para a elaboração da diferença social. Desta forma, “a categorização social, que só é possível através da comparação social por meio do confronto entre o próprio grupo e os grupos de relação, compondo o mecanismo base para a construção da identidade social” (BONOMO, 2010, p.61).

O indivíduo define-se a si próprio e define os outros em função do seu lugar num sistema de categorias sociais. A elaboração dessas definições transpassa por três dimensões, um plano cognitivo, um plano comportamental e um avaliativo, segundo Deschamps e Moliner (2014). Na primeira dimensão o efeito de contraste manifesta-se pelo exagero na diferenciação entre as categorias, mantendo uma vantagem qualitativa e quantitativa para o seu grupo. O termo cognitivo refere-se ao fato de o indivíduo ter consciência de que pertence a um grupo. Neste processo de categorização, a capacidade cognitiva é fator decisivo para a apreensão dos subsídios disponibilizados nos diversos contextos sociais, agindo como um princípio determinante da percepção em estabelecer quem está dentro e quem está fora do grupo.

No que tange ao plano comportamental, cabe abordar a categorização dos comportamentos discriminatórios que foi desenvolvida durante um experimento feito por Tajfel (2010), chamado de grupos mínimos, no qual se verificou a existência de uma norma de favoritismo em relação aos membros do grupo ao qual pertence, mesmo que o vínculo seja pequeno. O autor ainda esclarece que a simples ordenação e entendimento de que o indivíduo faz parte de um grupo, o condiciona a favorecer e valorizar as atitudes desse grupo. Em contrapartida, o grupo desvaloriza os comportamentos e atitudes dos exogrupos, estabelecendo-se assim uma fronteira cognitiva, buscando sempre o entendimento do que é melhor a partir do consenso do grupo ao qual pertence.

O plano comportamental pode ser melhor explicado por meio da diferenciação categorial, a qual pode-se entender como um “processo psicológico que permite apreender como um indivíduo organiza sua percepção subjetiva do entorno físico e social” (DECHAMPS; MOLINER, 2014, p.39). A diferenciação categorial procura compreender como funciona a relação entre os grupos e como essa relação reforça o processo de identificação do indivíduo com o seu grupo, bem como o processo de diferenciação com o grupo de categorias sociais diferentes. O sentimento de pertença ao grupo e a diferenciação com indivíduos de outros grupos faz parte de um processo o qual é responsável pela compreensão e ordenação do sentido de realidade dos indivíduos de determinado grupo.

Na comparação social se processa um embate entre o próprio grupo e os outros grupos com os quais se relaciona. Nesse processo de comparação entre grupos, os indivíduos são motivados pela busca e manutenção de uma autoimagem social positiva, resultando dessa dinâmica a estratégia de supervalorização do próprio grupo em detrimento dos outros grupos (SOUZA, 2004). Sobre o assunto, Bonomo (2010, p.62) comenta que:

(...) as práticas empreendidas pelo próprio grupo e pelos outros grupos com os quais o grupo se relaciona são, então, orientadas por uma tendência à atribuição de características e valores negativos aos exogrupos e avaliação positiva das características relacionadas ao grupo de pertencimento, bem como uma constante avaliação desta pertença a partir de seus componentes avaliativos, cognitivos e afetivos.

Através das relações grupais, segundo os processos de comparação e categorização social, surgem “as possibilidades de produção de solidariedade e exclusão a partir das identificações sociais” (SOUZA, 2004, p. 66-67).

Para que haja a distinção entre os grupos, faz-se necessário a existência de uma valorização de uma das partes para que exista uma diferença. No caso da categorização, ocorre a valorização das características do endogrupo e a conseqüente desvalorização dos outros

grupos (DESCHAMPS; MOLINER, 2014). Faz-se a análise no plano avaliativo, pois se considera que a ideia de estar fazendo parte de um grupo pode ter uma conotação de valor positivo ou de valor negativo. Com esse entendimento, Deschamps e Moliner (2014) afirmaram que o uso de estereótipos, para diferenciar os grupos, não tem somente uma função cognitiva, mas também avaliativa, pois os traços que os constituem levam os indivíduos a fazerem julgamentos negativos sobre os outros grupos.

Esses estereótipos são desta forma a base dos preconceitos, pois a partir dos estereótipos do seu grupo – que passa a ser o correto, melhor e mais desenvolvido – estabelece-se a inferioridade dos outros grupos, as diferenças que fazem os outros grupos serem subalternos e desvalorizados em relação ao seu. Partindo dessa premissa, pode-se entender que são nos diálogos do dia a dia e nos contatos com outros grupos que os estereótipos se concretizam, provocando a resposta necessária para a defesa do endogrupo e a diferenciação dos grupos contrários, estabelecendo-se um cenário típico das experiências de preconceito (BONOMO, 2010).

Exemplos recentes de preconceitos que foram desencadeados a partir de estereótipos são as guerras do Oriente Médio, marcadas por doses extremas de preconceito religioso e mesmo o preconceito racial que trouxe muitas dificuldades para a população. Outro exemplo são os negros, vítimas de preconceito por conta da cor da pele, que são vistos como menos privilegiados em termos de inteligência e capacidade de trabalho, e até mesmo capacidade de relacionar-se (FERREIRA; CAMARGO, 2011).

1.3. Conclusão

Posto isto, levando a teoria para o objeto de estudo deste trabalho, supõe-se que exista preconceito e discriminação dos grupos locais com os refugiados, inferindo-se, portanto, que por serem estrangeiros e terem características diferentes, principalmente o idioma e a cultura, a sociedade manauara estabelece uma diferenciação com esse grupo social. Os manauaras colocam os refugiados como um grupo inferior e que devem ocupar a margem da sociedade. Tal fato é considerado esperado por Silva, Hall e Woodward (2014), que comentam que no processo de reconstrução das identidades as relações conflituosas entre diferentes grupos nacionais, étnicos ou raciais são esperados.

Apesar de não se mostrar explícita essa diferenciação, com agressividade ou ataques a grupos de estrangeiros, a diferenciação aparece em alguns assuntos do cotidiano e forma tênue. A maior das diferenciações é no trabalho, por estarem em uma situação instável e de

vulnerabilidade, os refugiados, por vezes, se submetem a “serviços que a maioria da população não quer fazer. São os chamados trabalhos sujos” (OLIVEIRA, 2008, p.52).

Mesmo com as orientações oferecidas pelas entidades de apoio aos refugiados, torna-se uma questão de sobrevivência e manutenção da dignidade da família, aceitar sem reclamar as ofertas indecorosas dos proprietários das empresas e lojas que oferecem serviço para esse grupo. Mostra-se, com isso, o preconceito a partir da ideia de que os manauaras são melhores que os colombianos, por isso devem fazer os serviços que ninguém deseja. São estrangeiros e, portanto, inferiores ao grupo local por falarem outro idioma, por estar ali pedindo emprego, por terem outras ideias, outra cultura.

Nesta pesquisa este processo contribui para compreender a interação da sociedade manauara com os refugiados, apontando como essa interação reforça o posicionamento da sociedade local como grupo superior e opressor ou grupo de refugiados. Para os manauaras, os refugiados estão invadindo o seu *habitat* e como eles são os estrangeiros devem se sujeitar aos desejos e interesses dos moradores locais. Os manauaras se sentindo pertencidos ao grupo de moradores da cidade, o que é primordial para a profícua convivência entre os elementos do grupo, é conduzido a favorecer os elementos desse grupo (seu grupo) a fim de reforçar e nutrir a sua identidade social positiva. A teoria mostra-se evidente na prática quanto se verifica, na situação dos refugiados na cidade de Manaus, uma manifestação encoberta do favoritismo pelo grupo de pertença dos manauaras, quando ignora o grupo dos refugiados ou lhes oferecem condições de emprego e salário inferiores às oferecidas ao povo local.

CAPÍTULO 2 – O REFÚGIO A PARTIR DA CONVENÇÃO DE GENEBRA E O CASO DOS REFUGIADOS COLOMBIANOS EM MANAUS

2.1. Refugiados: gênese de uma antiga categoria social

Apesar de o termo refugiado ter sido cunhado na década de 1940, o tema do refúgio é muito antigo, pois milhões de pessoas já deixaram seus países por razões políticas, religiosas, sociais, culturais ou de gênero. A pesquisa histórica identifica a existência de refugiados na Grécia antiga, Roma, Egito e Mesopotâmia, onde o refúgio era marcado pela perseguição religiosa (BARRETO, 2010). Desde a passagem bíblica do “Êxodo” até as atuais grandes movimentações de grupos sírios para as diversas regiões do mundo, os refugiados transpassam a história da humanidade.

No século XX, durante a I Guerra Mundial, o problema dos refugiados se tornou uma questão internacional decorrente dos grandes deslocamentos populacionais, após a desintegração do Império Otomano e da Revolução Russa de 1917 (SILVA, 2012). Em 1945, após a II Guerra Mundial, os órgãos internacionais voltaram às atenções para a grande movimentação de massas que fugiam do terror e da violência, quando mais de 40 milhões de europeus se deslocaram por ocasião da guerra (HOBSBAWM, 1995).

Após essa mobilização internacional, a Onu publicou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que tem como principal objetivo assegurar ao indivíduo os direitos e liberdades fundamentais. Porém, verificando-se a necessidade de amparar esse grupo de “sem pátrias”, foi instituído durante a Convenção de 1951, em Genebra, o Estatuto dos Refugiados e Apátridas, o qual entrou em vigor em 28 de julho de 1951. Esse estatuto estabeleceu os direitos dos “sem pátria” a nível internacional, designando-os oficialmente como refugiados, trazendo a definição e as especificidades da situação de refugiado, bem como procedimentos básicos no tratamento com esse grupo (ACNUR, 2014b).

Desta forma, se entende que esse tipo de fenômeno social, apesar de ter sido designado a pouco mais de sessenta anos, faz parte da história da humanidade há séculos e o sofrimento e busca por uma vida digna é algo perseguido por todos esses povos que em algum momento da história sofreram perseguição, humilhação ou foram subjugados por classes opressoras da época. Tal fenômeno perdura nos dias atuais nos diversos continentes e vem aumentando de maneira alarmante, como veremos a seguir.

2.2. Os refugiados no mundo atual

Em 2009, foram registrados 15,1 milhões de refugiados no mundo (ACNUR, 2010). Após quatro anos, esse número aumentou para 16,7 milhões, devido aos conflitos na Síria, no Sudão do Sul e na República Centro-Africana (ACNUR, 2014c). Percebe-se que a movimentação de massas em busca de refúgio tornou-se um fenômeno mundial em franca expansão, necessitando de estudos quanto às questões sociais, econômicas e políticas nos países que recebem esses grupos. As questões referentes aos refugiados são controladas pelo Acnur, órgão responsável por quase dois terços desses refugiados. O restante dos refugiados são os palestinos, que têm suas questões norteadas pela Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente (UNRWA).

Apesar do refúgio ser um assunto antigo, ainda hoje existem muitas dúvidas a respeito do que seja o refugiado. Alguns o consideram um fugitivo, remetendo à ideia de que foge por algo que fez de errado. Outros o comparam como imigrantes. Termos como migrações, imigrações, deslocados e refugiados são muito usados nos estudos de movimentações de grupos humanos, porém facilmente tais palavras são confundidas e utilizadas incorretamente. Para se entender melhor o tema tratado neste artigo, vejamos a seguir o significado de migração, refugiados, apátridas e deslocados, todos derivados da ideia maior de movimentações humanas.

O termo migração remete ao entendimento de uma movimentação de pessoas ou grupos que saem de seu ambiente original. De acordo com Fantazzini (2005), os movimentos migratórios podem ser verificados na história da humanidade como uma forma de obtenção de uma nova vida em busca de transformação social, fuga e procura de uma vida mais digna e oportunidades. A migração é qualquer movimentação de entrada ou saída de indivíduos ou grupos do seu país para outro ou dentro de um mesmo país. Portanto, a migração é em si um fenômeno geográfico com implicações territoriais e existenciais que envolve tanto a materialidade quanto a produção social e a corporeidade (MARANDOLA Jr; GALLO, 2009).

A questão da migração não deve ser entendida como algo desejado pelo migrante. Por vezes essa movimentação origina-se pela força do capital. Em seu livro sobre a mobilidade de trabalho, Gaudemar (1979) argumenta que a força de trabalho é mobilizada em termos espaciais, setoriais e profissionais, e que essa mobilidade refere-se às qualidades que a força de trabalho vai se subordinando ao capital na sua produção e circulação. Portanto, entendemos com isso que os movimentos migratórios não devem ser entendidos como naturalizados, mas sim decorrentes de contingências sociais que forcem as pessoas a se deslocarem. Com o

advento, fortalecimento e expansão do capitalismo, cada vez mais pessoas estão sendo levadas a migrarem em busca de trabalho.

Alheio aos motivos das migrações, verifica-se que apesar das mudanças sociais sofridas nas diversas culturas e sociedades, ainda se percebe um preconceito quando se refere a migrantes, principalmente aos refugiados que podem ser entendidos como migrantes, por causas específicas e amparados pelo Estatuto elaborado pela Onu e nos quais focaremos este trabalho.

Os refugiados possuem uma legislação específica, visto a sua peculiaridade. Esse grupo sofre grande preconceito, pois a palavra “refúgio” remete à ação de fugir, esconder-se e, desta forma, esses refugiados estariam se escondendo por ter cometido algum delito ou por estar sendo procurado pela justiça de seu país. Como fugitivo, ele passa a ser discriminado pela sociedade do país que o recebe. De acordo com o Artigo 1º do Estatuto dos Refugiados, refugiado é a pessoa que

(...) em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele (ACNUR, 2010b p. 48).

Entende-se, portanto, que o refugiado é um migrante que procura o amparo e a assistência humanitária. Vale lembrar que no caso específico dos refugiados, as pessoas se deslocam para outro país em busca da sobrevivência, para ter a chance de reconstruir sua vida e readquirir a segurança social e a dignidade perdidas no seu país de origem.

Dentre esses grupos que se movimentam em busca de um lar, existem os apátridas. De acordo com a Acnur (2012a), a apatridia se refere a uma condição do indivíduo na qual este não é considerado como um nacional por qualquer Estado. Os apátridas são grupos minoritários que sofrem algum tipo de discriminação pelo governo de seu país, não sendo reconhecidos como cidadãos, ficando desta forma sem nacionalidade. Ou seja, o apátrida não possui nacionalidade. Existem diversos grupos nesta situação ainda hoje, como por exemplo, os curdos, os palestinos e os tibetanos. O Acnur acolhe esse grupo e, em 2012, estimou que existissem 12 milhões de apátridas no mundo (ACNUR, 2012a).

Os apátridas também podem ser refugiados, porém essas duas categorias são distintas. Tais grupos minoritários sofrem pela inexistência de uma identidade nacional e se limitam à convivência dentro de seu próprio grupo identitário, sendo impedidos de participar da

sociedade e usufruir dos direitos básicos de um cidadão, como acesso à educação e atendimento médico-hospitalar. Frequentemente, o apátrida sequer possui carteira de identidade, apenas se reconhecendo como pessoa sem possuir qualquer comprovante de quem seja.

Dentre as movimentações de massas, existem aquelas que ocorrem dentro do próprio país de origem, esses grupos são os deslocados que se evadem da região onde vivem por razões semelhantes ao dos refugiados. Todavia, não cruzam as fronteiras para outros países, permanecendo no seu país e sendo reconhecidos como cidadãos, mantendo todos os direitos como tal. O deslocado não deve ser confundido com o refugiado, apesar de ambos fugirem por motivo de conflitos armados, violações dos direitos humanos, entre outros. Outra característica importante é o fato de que os deslocados “permanecem sob a proteção de seu próprio governo, ainda que o governo possa ser a causa da fuga” (ACNUR, 2014a). De acordo com tal agência, em 2008 havia aproximadamente 26 milhões de deslocados internos no mundo, mas cujo auxílio era dado a cerca de 14,4 milhões deles em 22 países, incluindo aqueles com maior número: Sudão, Colômbia e Iraque (ACNUR, 2014a).

Após a compreensão dos diferentes tipos de migrantes, pode-se entender a importância no estudo desses grupos sociais que passam por situações de sofrimento intenso, necessitando apoio e acolhimento para refazer sua vida. Direcionando-se agora somente aos refugiados, é fácil perceber que existem alguns povos onde o índice de refugiados é muito alto. Em contrapartida, outros países não possuem casos de refugiados. De acordo com dados estatísticos do Acnur (2015), os povos que mais solicitaram refúgio nos últimos quatro anos foram os sírios, bangladeshianos, senegaleses, ganeses e colombianos. Torna-se importante citar que o crescente contingente de refugiados vem causando preocupação às autoridades locais espalhadas pelo globo, representando uma problemática econômico-social que desafia a comunidade internacional há mais de cinquenta anos.

2.3. Os refugiados na América Latina

A maior parte dos problemas de refúgio no mundo é procedente de conflitos internos ou guerras civis - declaradas ou não declaradas - nos países de origem dos refugiados (MOREIRA, 2005). Tais conflitos atentam contra os direitos da população civil que, normalmente, é o grupo que mais sofre, visto que sua liberdade é restringida pelo medo e insegurança proporcionados pelo terror dos conflitos armados.

A questão dos refugiados na América Latina já vem sendo tratada desde a década de 1960. Podem-se citar alguns fatos que propiciaram maciças movimentações demográficas dentro dos territórios latinos. Entre as décadas 1950 e 1980, diversos países da América Latina vivenciaram ditaduras militares, acarretando diversos embates entre governo e grupos dissidentes. Nesse período, vários países da América Latina foram palco de graves conflitos armados por motivos políticos, o que provocou um fluxo de mais de 2 milhões de refugiados provenientes apenas dos países da América Central (MOREIRA, 2005). Entre os povos que sofreram com os governos opressores e conflitos armados, obrigando-os a procurar abrigo em países vizinhos, estavam os nicaraguenses, salvadorenhos e guatemaltecos. Os países que mais se receberam refugiados dos países em conflito foram Honduras, Costa Rica e México (ACNUR, 2000).

Outro evento que merece destaque é o conflito ocorrido no Chile, pois ocasionou o abandono de milhares de cidadãos de suas casas à procura de um novo lar além das fronteiras do seu país, após o golpe militar do General Augusto Pinochet, em 1973, tendo sido acolhidos principalmente na Argentina e no Peru (MOREIRA, 2005).

Atualmente, o número de refugiados que chegam à América Latina é pequeno se comparados a outras áreas do mundo, não sendo o principal destino dos refugiados em nível global. Todavia, pode-se dizer que internamente vem ocorrendo uma movimentação considerável de refugiados. Estes percorrem os países próximos à procura de proteção, visto que todos os países da América Latina são signatários da Convenção de 1951, com exceção de Cuba e México (ACNUR, 1996).

Nos últimos anos, os refugiados que vêm se despontando na América Latina são os colombianos. Os conflitos internos existentes na Colômbia ainda hoje obrigam muitas pessoas a se evadirem de forma abrupta de sua terra natal, fugindo para outra região do país ou procurarem refúgio nos países vizinhos (ZANONI; JUNGES; FACHIN, 2011). E um desses países procurados é o Brasil, com veremos adiante.

2.4. Os refugiados no Brasil e no estado do Amazonas

O governo brasileiro vem estabelecendo uma política externa amigável e concordante com os posicionamentos da comunidade internacional ocidental, aceitando imigrantes e refugiados. Essa postura vai ao encontro das solicitações da Onu quanto ao apoio que todos os países deveriam dar a esses grupos que se evadem de seu país devido à violência e perseguição. Com essa postura, o Brasil, “não apenas passava a se inserir no âmbito de

atividades da Onu, como também atraía mão-de-obra qualificada para seu território” (HYADU, 2009, p.185).

A primeira participação efetiva do Brasil nos assuntos referentes aos refugiados foi quando o governo brasileiro assinou a Convenção de 1951. Em consequência deste acordo, Lima e Simões (2012) relataram que, em 1954, o Brasil acolheu 40.000 europeus, o que acarretou sua escolha para compor o Comitê Consultivo do Acnur e fazer parte do seu Comitê Executivo, em 1957. No entanto, “somente a partir de 1977 que se verificou uma relativa política de recepção de refugiados, ano em que o Acnur instalou um escritório no Rio de Janeiro” (HYADU, 2009, p.188).

No governo militar foi estabelecido alguns critérios restritivos, a fim de impedir que refugiados latino-americanos entrassem em território brasileiro, cuja ideologia comunista fora perseguida e desbancada com veemência a partir idos de 1964. Na época, o governo brasileiro estabeleceu, em acordo com o Acnur, que o Brasil manteria a “limitação geográfica”, só aceitando receber refugiados do continente europeu (HYADU, 2009). Somente em 1989, a limitação geográfica foi retirada e o governo brasileiro passou a reconhecer todos os refugiados sem distinção de origem. Com essa mudança, de acordo com Moreira (2010) “o número de refugiados acolhidos pelo país dá um salto significativo, passando de 322 para 1.042 pessoas (após o recebimento de 720 angolanos) em 1994” (p. 117).

Com todas essas transformações políticas e sociais, em 1997 o Brasil foi o primeiro país da América do Sul a estabelecer mecanismos governamentais, ou seja, uma legislação interna específica voltada aos refugiados. Naquele ano, foi homologada a Lei Federal nº 9.474/97, bem como um órgão governamental para estudar e decidir a respeito dos refugiados. O Art 1º define:

Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país; II – não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior; III - devido à grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país (ACNUR, 2010b, p.09).

A Lei 9474/97 amplia a ideia inicial constante na Convenção de 1951, reconhecendo o refúgio a partir da violação de seus direitos como ser humano. Aydos, Baeninguer e Dominguez (2008) afirmam que a principal modificação foi “reconhecer como refugiado

também todo indivíduo que devido à grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país” (p. 06).

O órgão governamental instituído para estabelecer e decidir assuntos pertinentes a refugiados foi o Comitê Nacional para Refugiados (Conare), que estabeleceu o reassentamento como recurso concreto para os refugiados. Com isso, o Brasil passou a ser o país que mais acolhe refugiados na América do Sul e que possui programas de reassentamento (MOREIRA, 2007).

Atualmente, é divulgado pela comunidade internacional que o Brasil é considerado um modelo de acolhida e proteção à população refugiada na América do Sul, possuindo uma lei a respeito do tema que é considerada avançada e por envolver órgãos governamentais, entidades da sociedade civil e órgãos da comunidade internacional em tal atividade (JUBILUT; APOLINÁRIO, 2008). A legislação brasileira para refugiados é uma das mais completas por entender os refugiados de uma forma bem ampla abarcando todos os problemas vividos por eles, contemplando desde os motivos clássicos, apresentados na Convenção de 1951 até os motivos ampliados de refúgio, apresentados pela Declaração de 1984 (MOREIRA, 2004).

Apesar de existir uma lei bem estruturada e abrangente no Brasil para os refugiados, quando levantados dados estatísticos comparativos da quantidade de refugiados legalizados verifica-se que o Brasil está muito aquém de outros países que também acolhem refugiados. Essa disparidade em termos quantitativos denota uma inconsistência no que preconiza a lei e o que realmente se pratica para a legalização dos refugiados. A figura abaixo apresenta os nove países que mais acolhem refugiados. Apesar do Brasil não estar entre os principais países que legalizam refugiados, julgou-se importante inseri-lo na figura a fim de se fazer uma comparação que discorreremos a seguir.

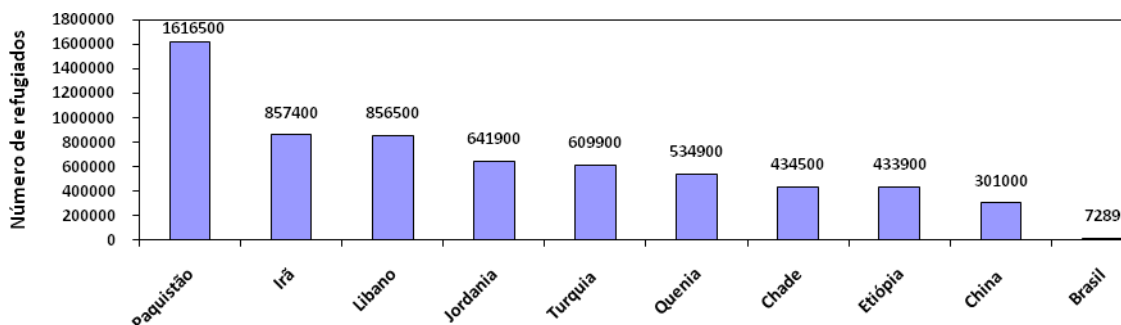


Gráfico 1 - Países com maior número de refugiados legalizados.
Fontes: Acnur (2014c, 2015)

Com esses números, verifica-se que apesar da lei do refugiado ter sido considerada avançada, há vários países que recebem muito mais refugiados que o Brasil. De acordo com informações da Acnur, por meio do seu sítio eletrônico, até outubro de 2014 o Brasil tinha 7289 refugiados reconhecidos pelo governo, de mais de 81 nacionalidades diferentes.

Todavia, verificou-se um aumento na preocupação na situação dos refugiados no Brasil, como descrito pela Acnur (2015), que divulgou um aumento na análise das solicitações para refúgio. Em 2014, o Conare deferiu 1952 pedidos de refúgio, enquanto em 2013 foram deferidos 648 pedidos. Para termos um perfil dos refugiados no Brasil, tendo como base o país de origem, até 2014 os sírios foram os que se destacaram, com 1524 refugiados reconhecimentos, seguidos pelos colombianos com 1218 (ACNUR, 2015).

Mesmo com essa melhora em termos de análise e reconhecimentos, a quantidade de pedidos autorizados ainda está muito abaixo da quantidade de pedidos realizados. Em 2013, foram 5882 solicitações de refúgio, sendo deferidos 11% dos pedidos. A situação melhorou em 2014, com 23,5 % de deferimentos. Entretanto a quantidade de refugiados no Brasil está muito aquém do desejado, visto que os 7289 refugiados estão muito abaixo do número legalizações por outros países. Além disso, fazendo-se uma comparação da dimensão territorial e quantidade de refugiados aceitos, o Paquistão (796.095 km²) que tem um espaço territorial praticamente 10 vezes menor que o Brasil (8.515.767,049Km²) abriga 220 vezes mais refugiados.

Neste momento cabe uma ressalva importante para o estudo em pauta: por que não constar nesse ranking os haitianos? Afinal a quantidade de haitianos no Brasil hoje está em torno de 50.000. Para responder a esta questão, faz-se necessário um adendo para esclarecer que o haitiano não é considerado pelo Acnur como sendo um refugiado. Após o trágico terremoto ocorrido em janeiro de 2010 no Haiti, que destruiu boa parte do país, milhares de haitianos saíram do seu país em busca de melhores condições de vida. Conforme divulgou o Acnur (2015, p.01) a respeito dos haitianos,

[...] apesar de solicitarem o reconhecimento da condição de refugiado ao entrarem no território nacional, seus pedidos foram encaminhados ao Conselho Nacional de Imigração (CNIg), que emitiu vistos de residência permanente por razões humanitárias. De acordo com dados da Polícia Federal, mais de 39.000 haitianos entraram no Brasil desde 2010 até setembro de 2014.

Os haitianos que são recebidos no Brasil não são tratados como refugiados, mas como imigrantes e quando são autorizados a permanecer no Brasil recebem um visto humanitário. A razão para não aceitar a inclusão dos haitianos como refugiados é que a saída de sua terra

natal para procurar uma oportunidade de melhoria de vida não se encaixa nas condições impostas no Art 1º da Lei nº 9.474/97.

Quanto a essa questão cabe-se ressaltar que, em nosso ponto de vista, a aceitação dos quase 50 mil haitianos no Brasil deve-se a um posicionamento estratégico da política externa brasileira, que visa oferecer uma solução diplomática para a presença de tropas brasileiras no Haiti. A presença de tropas brasileiras nas forças da Onu possibilita ao governo brasileiro transformar um anseio quase utópico em realidade, isto é, ocupar um assento permanente no Conselho de Segurança da Onu. Apresentando este posicionamento por meio de seu trabalho sobre conjuntura internacional, Lamas (2004, p.04) descreveu que,

[...] por outro lado, há um sentimento de que o Brasil não pode perder a oportunidade que lhe é oferecida de mostrar sua capacidade de liderar processos no âmbito internacional, especialmente se tem em vista suas aspirações a ocupar um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU. Como afirma o Ministro das Relações Exteriores Celso Amorim, “Nossa idéia em participar sempre foi condicionada, do ponto de vista da política externa, pela convicção de que uma participação ativa do Brasil nos daria maior autoridade moral para influir nas resoluções da ONU”. Neste sentido, uma participação ativa e bem sucedida no Haiti pode significar a ampliação do espaço do país no âmbito internacional e o fortalecimento da candidatura a membro permanente do Conselho de Segurança.

Retomando nossa argumentação a respeito dos refugiados no Brasil, do ponto de vista da ocupação geográfica a maioria deles ocupa os grandes centros das regiões mais desenvolvidas do país. A região do país de maior concentração de refugiados é a Sul, com 35% das solicitações, seguida da região Sudeste, com 31%, e em terceiro lugar a região Norte, com 25% das solicitações de refúgio. A região Centro-Oeste tem 7% dos pedidos de refúgio e a Nordeste apenas 1% (ACNUR, 2015).

Até 2013, os dados apontavam para uma maior incidência de refugiados na região Sudeste, em face dessa região ser a mais desenvolvida do país e se tornar mais atrativa. Todavia, na análise estatística feita pelo Acnur (2015), verificou-se uma modificação no cenário populacional de refugiados: passou haver mais refugiados na região Sul do que no Sudeste. A justificativa para essa realocação de refugiados explica-se pelo inchaço do mercado de trabalho da região sudeste, o que não dava oportunidade para que os refugiados trabalhassem e recebessem um salário digno.

O interior do Rio Grande do Sul possui um polo industrial desenvolvido, porém tem uma carência de mão de obra, pois boa parte da população procura empregos que ofereçam melhores salários e um serviço menos extenuante. Essa carência tem sido resolvida com a mão-de-obra dos refugiados, que descobriram essa necessidade e passaram a migrar para a

região Sul do país. Rollsing e Trezzi (2014) comentaram que a indústria do interior gaúcho tem buscado a mão de obra de migrantes em decorrência da escassez de força de trabalho oriunda da população local, que se interessa por empregos melhores e mais rentáveis.

Em relação à região Norte, até 2013 houve aumento de 14% dos pedidos de refúgio, devido à proximidade da fronteira com os outros países sul-americanos. Por outro lado, após 2013 os pedidos de refúgio na região Norte foram reduzidos, visto que a maior parte deles era feita por colombianos e os mesmos estão se utilizando do Acordo de Residência do Mercosul para entrar no Brasil. Por meio deste, os colombianos obtêm residência temporária por 02 anos e, posteriormente, conseguem obter residência permanente (ACNUR, 2015).

Os refugiados que entram no país pela região Norte têm uma maior facilidade, visto a grande extensão de fronteiras de fácil transposição. Nessa região, a área de maior movimento e entrada de refugiados é a tríplice fronteira existente entre Brasil, Peru e Colômbia, pelas cidades de Tabatinga, Santa Rosa e Letícia, respectivamente. No Brasil, o município de Tabatinga está localizado no extremo oeste do estado do Amazonas, a 1100 km de Manaus, recebendo refugiados principalmente da América do Sul e América Central (OLIVEIRA, 2008). Outro caminho para entrada na região Norte do país é pela cidade de Pacaraima, em Roraima. Dali os refugiados se deslocam até a capital Boa Vista e, em seguida, dirigem-se a Manaus (SILVA, 2010).

2.5. Os refugiados colombianos em Manaus

Segundo a Acnur (2014d), atualmente a Colômbia ocupa a segunda posição entre os países com maior número de refugiados no Brasil, sendo que muitos dos refugiados que entram pela região Norte são colombianos (OLIVEIRA, 2008). Devido à proximidade e à política acolhedora de refugiados, o Brasil é uma opção para os colombianos que saem de seu território para fugir da violência e em busca de melhores condições de vida. Cabe ressaltar que apesar da vinda para o Brasil, os países que os colombianos mais procuram são o Equador e a Venezuela, devido à similaridade do idioma e da cultura, o que beneficia a reconstrução de uma nova vida.

Boa parte dos refugiados dirige-se a Manaus, capital do estado, por oferecer melhores condições de acolhimento com as entidades parceiras do Acnur, atualmente a Pastoral do Migrante, e ser o local onde os refugiados são entrevistados pelos membros do Conare ou representantes desse Comitê. É rotineiro os colombianos solicitantes de refúgio chegar com seus núcleos familiares, porém em alguns casos o chefe da família chega primeiro, sendo

acompanhado posteriormente da mulher e dos filhos. Boa parte dessas famílias colombianas perambulava dentro da Colômbia, ou seja, eram deslocados internos que tentavam se fixar em outras partes do seu país em busca de segurança. Esses grupos de colombianos estão sendo permanentemente obrigados ao deslocamento devido ao conflito interno na Colômbia que se arrasta há décadas, em algumas regiões, sem previsão de um término (OLIVEIRA, 2008). Devido à violência em vários pontos do país, essas famílias fogem para países vizinhos, carregando com eles o sofrimento de ter que deixar sua terra pela incapacidade do governo oferecer-lhes segurança.

Os refugiados não permanecem nas regiões de fronteira por conta da insegurança nessas áreas. Devido à facilidade de transitar entre um país e outro, bem como aos altos índices de violência, os refugiados colombianos sentem-se inseguros e com medo de continuarem próximos aos seus agressores ou de novas agressões (OLIVEIRA, 2006). Desse modo, descolam-se até Manaus, por ser um centro urbano distante e que pode lhes propiciar mais tranquilidade, além de oportunidades de trabalho e condições de se reestruturar financeiramente.

Em alguns casos, para alguns refugiados colombianos o trauma sofrido é tão forte que as famílias não se sentem seguras na cidade de Manaus, mesmo sabendo que estão a milhares de quilômetros de seu país. Alguns consideram que ainda existe a possibilidade de serem atacados pelos agressores. Tal medo, quase irracional, agregado à fragilidade psíquica que se encontram essas famílias por estarem em um ambiente cultural bem diferente, propicia a opção por migrar para as grandes capitais do Sudeste brasileiro, como São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, em busca de maior segurança e possibilidade de empregos dignos (SILVA, 2010).

Aquelas famílias de refugiados colombianos que procuram criar raízes na cidade de Manaus recebem das entidades parceiras do Acnur algum apoio a fim de ajudar na inserção social da família. A respeito da integração dos refugiados, Moreira (2007) comenta que enquanto eles aguardam a tramitação legal do procedimento de refúgio, já vão se inserindo na sociedade local por meio do mercado de trabalho e do estudo do novo idioma.

Apesar de existir um acolhimento inicial, a fim de reduzir o impacto da nova cultura e idioma, existem questões que vão além da capacidade dessas entidades em face da complexidade da questão do refúgio. Na próxima seção trataremos desse assunto em maiores detalhes.

2.6. O Refúgio como uma questão social

Ao abandonarem os seus lares, os refugiados colombianos saem praticamente com a roupa do corpo e algum dinheiro e, quando chegam ao outro país na esperança de conseguir reestruturar a sua vida e de sua família, muitas vezes encontram o descaso e a aversão do povo daquele país.

Historicamente os tipos de migração serviram para fortalecer, quando necessário, a economia do país que recebia esses estrangeiros. Um bom exemplo disso é a chegada dos irlandeses na Inglaterra, os quais contribuíram para o rápido desenvolvimento da indústria britânica. Os irlandeses eram obrigados a trabalhar excessivamente, em condições subumanas, como descreveu Engels (1975) ao comentar sobre o tratamento recebido pelos irlandeses: trabalhos que exigiam apenas força física e pouca habilidade, com remuneração que alcançava apenas para sobreviver. Outro bom exemplo foram os italianos que chegaram ao Brasil ao final do século XIX e ocuparam as frentes de trabalho agrícola, que antes tinham como força de trabalho o escravo. Devido ao conhecimento de plantações e cultivo, eles foram por muitos anos explorados pelos barões do café. A partir desta percepção contraditória que se tem dos migrantes – o interesse e o indesejável – Oliveira (2008) comenta:

Ao mesmo tempo em que os imigrantes são duplamente indesejados porque “chegam” trazendo outra cultura, outro jeito de ser e de se comportar na sociedade de destino, são rejeitados porque “chegam” para “roubar” os empregos dos nacionais. Entretanto, enquanto nova força de trabalho os migrantes continuam sendo necessários para realizar determinados serviços que a maioria da população não quer fazer. São os chamados trabalhos “sujos”. O racismo e a xenofobia fazem com que os poderosos do mundo finjam não perceber isso, e os migrantes são sempre vistos como indesejáveis. Mesmo que o Estado tenha plena consciência de que são necessários, não cria mecanismos para estabelecer políticas migratórias inclusivas (p.47-48).

Destarte, pode-se dizer que os grupos de refugiados geram uma questão social, pois encontrarem-se em uma posição de desigualdade na sociedade. Além disso, verificam-se também conflitos sociais, quando se apresenta uma animosidade entre a sociedade local e os refugiados que “invadem” seu habitat com um idioma, costumes e hábitos discordantes daqueles conhecidos no ambiente que os recebe (MOREIRA, 2007).

Para reduzir esse impacto cultural e reduzir essa desigualdade, as famílias de refugiados colombianos recebem das entidades parceiras do Acnur, atualmente a Pastoral do Migrante em Manaus, apoio a fim de ajudar em sua inserção social. Durante a sua experiência, período de junho de 2011 a julho de 2013, na participação do acolhimento

oferecido a esses refugiados, este pesquisador verificou que após acomodar a família e oferecer temporariamente alojamento e alimentação, atendendo às necessidades básicas para sobrevivência das mesmas, a equipe responsável pelo acolhimento auxilia com outras providências importantes para sua inserção social. Tal procedimento acalenta os provedores das famílias que chegam com medos e incertezas de conseguirem ou não alimentar e cuidar dos seus filhos. A ajuda financeira também é providenciada, de forma temporária, até que os adultos consigam um emprego e possam prover a família.

Na busca pela facilitação da inserção social dos refugiados, a pastoral do Migrante designa uma assistente social para acompanhá-los na obtenção dos documentos necessários para trabalhar: Cadastro de Pessoa Física (CPF) e carteira de trabalho. A retirada do CPF é importante para que eles voltem a se sentir visíveis na sociedade, pois perderam de forma abrupta e violenta a sua identidade ao abandonar seu país natal.

A carteira de trabalho é providenciada, em caráter temporário, até que seja julgado o pedido de refúgio pelo Conare. Essa carteira temporária oferece condições para que os adultos das famílias possam se inserir no mercado de trabalho local como pessoas produtivas, aumentando sua autoestima e provendo as necessidades básicas de seus familiares. Após a retirada da carteira, os refugiados são encaminhados ao Sistema Nacional de Empregos no Amazonas (Sine) a fim de procurar um emprego.

Quanto ao emprego, é importante comentar que os refugiados colombianos, por vezes, recebem ofertas de empregos que os manauaras não desejam, ou seja, serviços pesados, desgastantes e demeritórios para a sociedade local. Além dos serviços indesejados, ainda existe a questão da remuneração, que muitas vezes é menor que a dos manauaras que se aventuram a fazer o mesmo serviço.

Outro aspecto importante para oferecer condições aos refugiados de uma nova vida com dignidade é encontrar um lar para a família. Uma moradia fixa, mesmo que alugada, oferece aos refugiados uma ideia e sensação de pertença, oferecendo um impacto positivo para a família que passa a interagir com os vizinhos e comunidade local. A assistente social da Pastoral do Migrante ainda auxilia a família na matrícula das crianças refugiadas nas escolas públicas de Manaus. Tal providência visa atender ao que prescreve o Estatuto da Criança e do Adolescente (Eca). Além de dar continuidade aos estudos, a imposição de as crianças estarem frequentando uma escola propicia a socialização dos menores refugiados com outras crianças da comunidade local.

Por fim, a Pastoral do Migrante oferece aos refugiados aulas de português e apoio psicossocial, com o acompanhamento da assistente social e de psicólogos. Esta medida visa

derrubar uma das principais barreiras para a inclusão dos refugiados na sociedade. O idioma diferente e a conseqüente comunicação deficitária com os brasileiros, por vezes, é bastante traumático, visto que ambos não conseguem se entender causando desconforto, irritação e chacota em alguns momentos.

Apesar de existir um acolhimento inicial e a pastoral oferecer todas essas medidas facilitadoras, reduzindo o impacto da nova cultura e idioma, existem questões que vão além da capacidade dessa entidade em face da complexidade da questão do refúgio. De acordo com Moreira (2005), a integração local proporcionada pelo Acnur possibilita ao refugiado reconstruir sua vida, mas esta solução também acarreta algumas dificuldades a respeito da sua adaptação a uma nova cultura e receptividade dos habitantes locais.

A ausência de políticas sociais para tratar dos refugiados é um dos pontos críticos. A questão social dos refugiados no Brasil é muito parecida com a dos refugiados no mundo, visto que, apesar de velada, existe uma discriminação da sociedade quanto à sua presença. É comum os refugiados não serem bem quistos ou bem-vindos. Eles sempre levam o estigma de estrangeiros, passando a carregar essa identidade consigo. O estranho normalmente nos incomoda, pois é diferente e nos tira de uma situação de conforto e domínio sobre uma situação.

2.7. Conclusão

O tema refugiados surgiu somente após a II Guerra Mundial, por meio da convenção de 1951, porém é um assunto atual que vem tomando proporções alarmantes. A desigualdade na forma de interpretar a situação dos refugiados é bastante visível e vai de acordo com cada país, considerando o apoio oferecido em alguns países e as restrições impostas ao pedido de refúgio em outros.

Estudiosos propõe que a tendência mundial seja um aumento progressivo de movimentações de massas das mais diversas áreas do mundo à procura de novas terras. Tal fenômeno foi potencializado com a globalização. Com isso, haverá transformação em diversas dimensões das sociedades locais, sejam estas: social, econômica, cultural e etc. Na América do Sul, após o Acordo de Residência do Mercosul e associados, a partir de 2013, essa movimentação de massas ganhou nova forma, sendo necessários mais estudos para verificar que tipo de transformações ela acarretará às sociedades locais.

O Brasil é possuidor de uma legislação específica, onde convoca e designa órgãos governamentais para participar desse acolhimento e oferecer dignidade a esses grupos em

situação de vulnerabilidade. No entanto, medidas efetivas para contribuir com a inserção dos refugiados estão restritas às entidades parceiras do Acnur, limitando a possibilidade de reestabelecimento de uma vida digna. A homologação da Lei 9474/97 serviu somente para projeção do Brasil como país preocupado com os direitos humanos, demonstrando uma articulação política para obter visibilidade mundial.

A carência de um posicionamento ativo do governo para inserção dos refugiados contribui para a manutenção de problemas sociais, econômicas e culturais associados a esses grupos. Essa carência de apoio em forma de políticas públicas acarreta na invisibilidade dessas pessoas, sendo até mesmo percebidas como uma ameaça para a sociedade local. Os habitantes locais normalmente apresentam certa xenofobia pela incerteza do que esperar desses refugiados. Isso reforça a necessidade de se criarem políticas públicas de inclusão social dos refugiados para trabalhar, morar e cuidar da família.

De acordo com a assistente social responsável pelo acolhimento dos refugiados em Manaus, a partir de 2013 algumas famílias de colombianos, entraram no Brasil para residir, se utilizando do acordo de residência do Mercosul, o qual torna o processo de entrada e permanência no Brasil mais fácil e rápido, diminuindo drasticamente a burocracia que até então existia. Além dessas vantagens existe a certeza da permanência no país por determinado tempo, tranquilidade essa que o pedido de refúgio não oferecia. No entanto, esse acordo de residência não oferece o acolhimento e o auxílio financeiro que os refugiados recebem do Acnur a partir da solicitação de refúgio. Por fim, mesmo com essa opção de mecanismo para entrar no Brasil, tem-se apenas a incerteza de alguma transformação quanto à perspectiva e conduta da comunidade manauara em relação ao colombiano que reside em Manaus.

CAPÍTULO 3 – TRAJETÓRIAS E INSERÇÃO DOS REFUGIADOS COLOMBIANOS EM MANAUS

No capítulo anterior pode-se vislumbrar que o fenômeno do refúgio não é algo recente e muito menos um problema restrito aos países da Europa e África. Tal fenômeno existe na América do Sul e no Brasil, onde existem leis que norteiam os direitos desse grupo. Verificou-se também que os refugiados colombianos ocupam a segunda colocação no *ranking* de pedidos de refúgio no Brasil.

Os refugiados colombianos entram, em sua maior parte, pelo Amazonas, tendo em vista a extensa área de fronteira existente entre esse estado e a Colômbia. Os pedidos de refúgio dos colombianos são provenientes das violências e insegurança estabelecidas em seu país devido aos conflitos armados deflagrados nas diversas cidades colombianas. Entende-se com isso que a sua saída é uma imposição para a preservação da segurança e vida da família, e não uma opção em busca de melhores condições de vida, como os haitianos que vem para o Brasil.

Quando chegam ao Amazonas, boa parte dos refugiados se desloca para Manaus a fim de solicitar refúgio e acolhimento para a Pastoral do Migrante, visto que somente nesta entidade, dentro do Amazonas, se oferece acolhimento psicossocial, moradia e recurso financeiro para a sobrevivência temporária da família de refugiados. De acordo com a literatura apresentada nos capítulos anteriores, a chegada de grupos estrangeiros estabelece conflitos sociais, pois esses estrangeiros são vistos como aqueles que vêm trazendo uma cultura e idioma diferentes, chegando para roubar o emprego dos nacionais (OLIVEIRA, 2010). Em relação aos refugiados colombianos que estão na cidade de Manaus, existe esse conflito com os moradores locais? Existe esse estigma de ladrão de emprego, traficante ou fugitivo?

A dificuldade em comunicar-se cria também diferenças que separam os grupos, pois “a diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas” (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014, p. 81). Tais questões estabelecem uma diferenciação e com isso o estabelecimento de identidades tanto para o grupo local quanto para os refugiados. Todavia, verifica-se nos estudos de identidade que a hibridização identitária ocorre no mundo globalizado e durante a miscigenação de povos, mesmo quando existe uma hierarquização de grupos. O grupo investigado de refugiados colombianos que moram em

Manaus teve a sua identidade transformada ou permanece com a sua identidade nacional inalterada?

A fim de responder esses questionamentos e outros a respeito da inserção social dos refugiados em Manaus, será apresentada nas próximas laudas uma discussão a respeito dos resultados obtidos na pesquisa de campo realizada com o grupo investigado. Tal discussão utilizou-se como suporte teórico as questões das identidades.

A seguir apresentar-se-ão as categorizações feitas a partir da análise de conteúdo (BARDIN, 2011) das entrevistas feitas com as 4 famílias de refugiados colombianos que permaneceram em Manaus, segundo critérios já apresentados na introdução desta dissertação. Reitera-se que cada uma das famílias teve apenas um representante participante da entrevista devido ao comparecimento de apenas um adulto por família. A fim de manter a confidencialidade das informações foram criados nomes fictícios para cada uma das famílias, integrantes dessa família mencionados na pesquisa, profissionais citados durante a entrevista e para cada um dos representantes das 4 famílias os quais responderam à entrevista.

3.1. Perfil, origem e trajeto dos entrevistados até Manaus

3.1.1. Família Soarez

A família Soarez é composta de 4 pessoas: marido (José), mulher (Sophia) e dois filhos pequenos. Pediram refúgio em janeiro de 2013, na cidade de Manaus. Sophia tem 29 anos e foi quem compareceu à entrevista. Saíram de Villavicencio em partes. Primeiro José foi para Bogotá e de lá para Leticia antes do restante da família, cidade da tríplice fronteira com Tabatinga (Brasil) e Santa Rosa (Peru). Um mês depois, vieram os filhos e Sophia. Após se reencontrarem, a família cruzou a fronteira e seguiu de barco até Manaus sem Sophia, que ficou em Leticia para resolver problemas com a sua documentação durante um mês, até poder ir à capital amazonense (Figura 1).



Figura 1 - Itinerário percorrido pela família Soares e Carbonell
 Fonte: Google Earth, 2015

A família atualmente está vivendo problemas envolvendo violência intrafamiliar, ocasionada por consumo de bebida alcoólica excessivo de José. Devido ao problema com o marido, Sophia pensa em voltar para a casa dos pais, na Colômbia.

3.1.2. Família Carbonell

A família Carbonell é integrada pelo marido (que não compareceu à entrevista), mulher (Samanta) e três filhos menores de idade. O pedido de refúgio da família foi solicitado em março de 2013, na cidade de Manaus. Um dos filhos nasceu no Brasil, por isso não está sendo computado como refugiado, pois tem nacionalidade brasileira. Samanta tinha dificuldade de entender as perguntas, mesmo em espanhol, tendo por vezes que solicitar o auxílio da filha mais velha para entender a pergunta e responder. O pedido de refúgio da família foi solicitado em março de 2013, na cidade de Manaus.

Moravam na cidade de Villavieja, tal como a família Soares, no Departamento de Meta. Devido à violência e as ameaças a família deslocou-se para Bogotá e depois para Leticia. Nesta cidade atravessaram para Tabatinga, no Brasil, onde pegaram um barco para chegar a Manaus (Figura 1). De acordo com Samanta, a família chegou junto a outras vinte pessoas de outras famílias de colombianos. Já tinham familiares em Manaus, tendo o apoio da cunhada que os acolheu por quinze dias em sua casa, conseguindo uma casa para alugar em seguida.

3.1.2.1. Caracterização de Villavicencio

A Villavicencio é a capital do Departamento de Meta, considerado o centro comercial mais importante dos *Llanos Orientales*. Segundo dados da prefeitura (www.villavicencio.gov.co), a cidade possui uma população urbana de 452.472 habitantes. Está localizada na base da Cordilheira Oriental, parte oeste do Departamento. Tem como limites municipais: ao norte como os municípios de Restrepo e El Calvario; a leste, com o município de Puerto Lopez; ao sul com Acácias e San Carlos de Guaroa; e a oeste com Acácias e o Departamento de Cundinamarca. Seu clima é quente e bastante úmido, com temperaturas médias de 27 °C e está localizada a 90 km da cidade de Bogotá (<http://pt.db-city.com>).

O setor industrial é o terceiro maior setor do município de Villavicencio, principalmente produtos manufaturados, como alimentos e bebidas, móveis, calçados e reparação de veículos automóveis, vestuário e têxteis e confecções, onde há presença de grandes empresas e também de médio e pequeno porte. Quanto ao setor agrícola, o município tem destaque na agricultura, pecuária, caça, pesca e a exploração da madeira. As culturas mais representativas em Villavicencio são arroz, milho e soja. Villavicencio é o principal produtor de arroz em Meta. Apesar disso, a cidade apresenta baixos níveis de competitividade devido à baixa produtividade que ainda existe, a baixa qualificação da mão de obra e educação deficitária.

3.1.3. Família Muñoz

A família Muñoz é composta por quatro integrantes: uma mulher (Rita) de 48 anos e duas filhas, além de outro filho mais velho, de 24 anos, que não veio com elas para o Brasil. Pediram refúgio na capital amazonense em agosto de 2014. Rita declarou que antes de vir para Manaus era uma *desplazada* (deslocada) na Colômbia. Isso significa que ela teve que sair de sua cidade natal e ir morar em diversas cidades da Colômbia a fim de fugir das ameaças que vinha sofrendo.

Moravam na cidade de Cúcuta (Figura 2), no Departamento de Norte de Santander.



Figura 2– Itinerário percorrido pela família Munoz
 Fonte: Google Earth, 2015

O filho mais velho foi recrutado pelas forças paramilitares, porém o mesmo abandonou o grupo e a família passou a ser perseguida desde então. Deslocaram-se para Curumani, no departamento de Cesar, continuando a terem problemas e se sentindo ameaçados. Então foram morar na Venezuela, onde permaneceram dois anos. Após a morte de Hugo Chaves e a ocorrência de mudanças na Venezuela, inclusive conflitos internos, Rita e a família voltaram para a Colômbia, porém o rapaz retornou em pouco tempo para a Venezuela onde está até hoje. Rita e suas filhas menores voltaram mais uma vez foi para a Venezuela, atravessando o país e entrando no Brasil pela cidade de Pacaraima (Roraima), cidade fronteiriça. Chegaram até Boa Vista e deslocaram-se para Manaus, onde encontrou o pai de uma das filhas que também é colombiano, mas veio antes para o Brasil. Rita tem como objetivo trazer o seu filho mais velho para ficar com ela em Manaus.

3.1.3.1. Caracterização de Cúcuta

Cúcuta, fundada em 1733, está localizada na cordilheira Oriental. A cidade tem uma população de 624.650 habitantes (www.cucuta-nortedesantander.gov.co/) sendo a maior cidade e a capital do departamento de Norte Santander. A cidade está localizada a 320 metros acima do nível de mar e tem como limites: ao Norte, Tibu e Puerto Santander; ao Sul, Villa

Rosario, Los Pátios e Bochalema; a Leste, República da Venezuela; e a Oeste, Zulia e San Cayetano.

A economia da região tem como destaque a atividade comercial, principalmente por ser uma cidade fronteiriça com a Venezuela. As indústrias mais desenvolvidas são as relacionadas com a construção, especificamente aqueles que produzem cimento, tijolos, argila e cerâmica. No setor de mineração, com destaque na economia local, explora-se o carvão térmico, coque, cascalho, pedra, areia e argila. Nos últimos anos, devido à crise o índice de desemprego aumentou.

3.1.4. Família Bautista

A família Bautista é composta por 5 integrantes: o marido (Leonardo), a esposa e três meninos. Pediram refúgio em maio de 2014, na cidade de Tabatinga. Leonardo, que tem 33 anos, foi o único que compareceu à entrevista, alegando que a esposa permaneceu em casa com os filhos. Saíram da cidade Caicedonia, deslocando-se para a cidade de Leticia. Atravessaram a fronteira e em Tabatinga pegaram um barco para Manaus (Figura 3). A família saiu de Caicedonia tendo em vista a violência que os moradores da cidade estavam sofrendo com a presença dos grupos paramilitares.

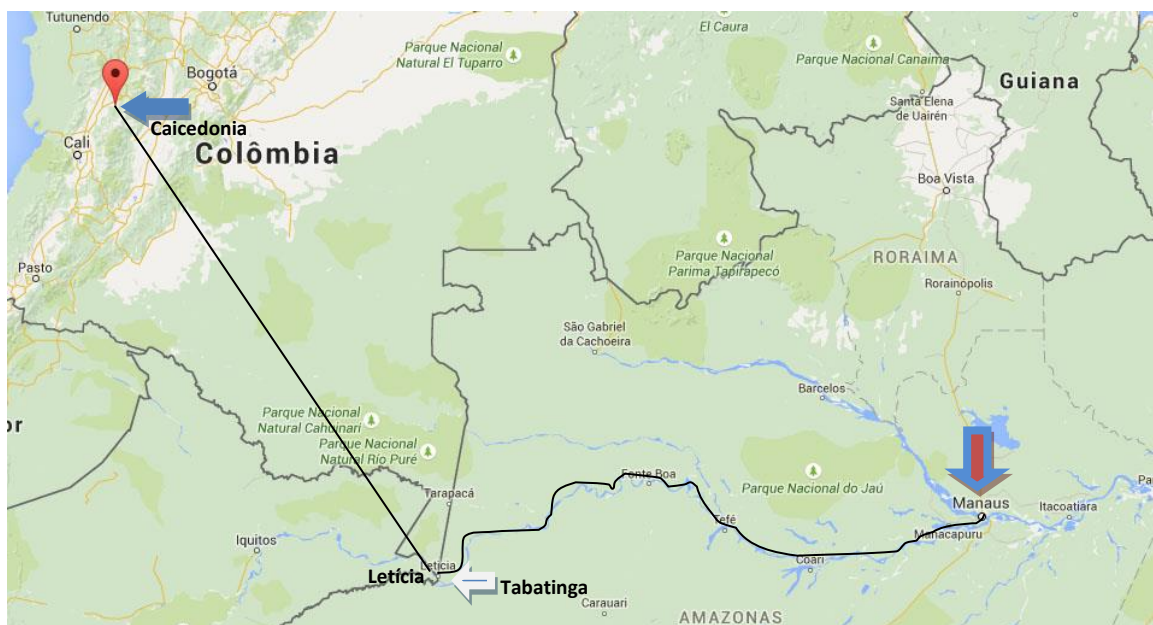


Figura 3– Itinerário percorrido pela família Bautista
Fonte: Google Earth, 2015

3.1.3.1. Caracterização de Caicedonia

Caicedonia é uma cidade e localizada no departamento de Valle del Cauca, na Colômbia.

A cidade fica a 172 Km da capital do departamento, a cidade de Cali. Localizada em uma área montanhosa, tem a sua economia baseada na agricultura e no comércio, tendo como principais produtos de comercialização o milho, o café, a cana de açúcar e banana (www.caicedonia-valle.gov.co/).

3.2. Insegurança

A violência nas cidades da Colômbia é notória. Boa parte dessa violência se origina de grupos paramilitares. Nas cidades das famílias que participaram dessa pesquisa não é diferente. De acordo com a Human Rights Watch (HRW, 2010), estes grupos são extremamente brutais, impactando contra a situação humanitária e dos direitos humanos da população colombiana que sofre com abusos graves e generalizados, massacres, execuções, estupros, ameaças e extorsão.

A insegurança é um problema e foi motivo de pesquisa de opinião, realizada a pedido do Departamento Administrativo Nacional de Estatística (Dane), na cidade de Villavicencio. De acordo com uma matéria do jornal digital *El Tiempo* (2014), 43% dos pesquisados relataram sentir-se inseguros. Os assassinatos em Villavicencio são em massa, arrasando famílias inteiras, conforme se pode verificar nestas falas:

*Ahí mataron a la familia de mi esposo, a un sobrino, al cuñado, al yerno de él...
Todos ellos (SOPHIA)¹*

*Estaba mi cuñada, que mataron la familia de ella y ella se vino más antes que ellos.
Porque ella fue perseguida de ellos, ella se vino (SAMANTA)²*

Todavía, apesar desse número ser preocupante para as autoridades, foi considerado bom, visto que em anos anteriores esses números eram maiores. Nas pesquisas realizadas pelo Dane, no ano de 2012, 60% dos moradores de Villavicencio responderam sentir-se inseguros, enquanto no ano de 2013, este percentual caiu para 48% (PERIODICO ELECTRONICO EL TIEMPO, 2014). Este argumento usado pelas autoridades colombianas visa justificar o alto índice de violência que o país se encontra desde 1980, visto que, de acordo com Lyra (2014) a história colombiana é marcada por guerras civis e tensões políticas, com a atuação de grupos paramilitares em parte do território nacional.

O tráfico de drogas afeta a convivência pacífica, visto a quantidade de homicídios

¹ Ahí mataram a família do meu esposo, um sobrinho, o cunhado, o genro dele...todos eles.

² Estava minha cunhada que mataram a família dela e ela veio antes que a gente. Porque ela foi perseguida por eles, ele veio

relacionados ao microtráfico o qual influencia negativamente a percepção de segurança na cidade. O Secretário de Governo do município de Villavicencio afirma que a questão da segurança no município não é fácil, pois há "grupos criminosos, grupos organizados, quadrilhas criminosas, FARC, tudo" (EL TIEMPO, 2014, p.81). Verifica-se na fala de um dos entrevistados essa violência que aterroriza a população:

*porque na Colômbia tem muita violência, muita coisa... Tem muitos roubos também
(LEONARDO)*

A cidade de Cúcuta também apresenta grande preocupação quanto à segurança. Cúcuta tem como característica ser uma cidade fronteiriça o que aumenta o problema da insegurança. De acordo com o jornal Estado de São Paulo (2000 apud BALBINO, 2010) a política de segurança do governo colombiano expulsou os grupos guerrilheiros para locais isolados, como as regiões de fronteira, oferecendo um risco as cidades dessa região por se tornarem áreas de abastecimento de armas e drogas.

Para as autoridades do município de Cúcuta dois são os grandes grupos que preocupam a manutenção da segurança: venezuelanos e os grupos paramilitares. No sitio eletrônico Banca de Negócios (2014), consta uma entrevista com o ministro da Defesa da Colômbia, Juan Carlos Pinzón, o qual advertiu sobre a presença dos venezuelanos "criminosos" que atravessam a fronteira, especificamente na cidade de Cucutá, gerando insegurança entre a população. Tal divulgação deixa claro que a segurança por vezes fica comprometida.

Desta forma constata-se que boa parte da insegurança no país se deve às forças paramilitares. A ameaça representada por esses grupos é algo sério e merecedor de atenção. Na pesquisa do HRW (2010), os órgãos de segurança do país estimam que as forças irregulares totalizam mais de 4.000 membros, apontando que "em 2009, foram catalogados a presença de forças paramilitares em pelo menos 173 municípios, em 24 dos 32 departamentos da Colômbia" (p.3). Pelos cálculos de algumas ONGs esse valor sobe para 10.200 membros. Em face dessa relação intrínseca entre insegurança e forças paramilitares na Colômbia, passar-se-a a comentar a respeito das atividades desses grupos.

3.3. Forças Paramilitares

Em diversos departamentos da Colômbia observa-se que a violência está associada à

presença das forças paramilitares. Segundo relato dos refugiados participantes desta pesquisa, concluiu-se que a violência relatada em suas respectivas cidades está ligada aos grupos paramilitares e ao narcotráfico, fato que evidenciar-se-à nas próximas linhas. Esses grupos armados se confundem com o narcotráfico, visto que existem acordos bilaterais entre essas facções. Em tais acordos os traficantes utilizam os grupos paramilitares e as guerrilhas para produzir e transportar cocaína, utilizando a droga como uma grande fonte de renda (MOURA; CASTRO, 2007). A respeito do narcotráfico, Lyra (2014) comenta que os cartéis de drogas surgiram a partir da década de 1980, com o aumento do poder da indústria do narcotráfico, sendo hoje promotores da insegurança humana naquele país.

O departamento de Valle del Cauca é um dos muitos que sofrem com esses grupos narcotraficantes. De acordo com a HRW (2010), o grupo paramilitar que prevalece na região denomina-se “Los Machos”. Esse grupo representa o braço armado dos narcotraficantes preexistentes. Conforme um memorando emitido pelo comitê técnico de contagem de gangues criminosas da Colômbia, a polícia local afirma que o grupo “Los Machos” opera em dois municípios do departamento de Valle del Cauca com 44 membros (HRW, 2010).

Outra cidade controlada pelos grupos opressores é Cúcuta. De acordo com a HRW (2010), na cidade de Cúcuta os grupos paramilitares estabelecem toques de recolher em bairros da cidade, a partir das 21 horas, buscando obter lucros nas atividades ilícitas, tais como o tráfico de drogas. A entidade ainda apresenta em seu relatório uma colocação feita por um observador internacional em Cúcuta a respeito desse controle: "eles controlam os bairros por limpeza social" (p.51).

Outra ação tomada pelos grupos paramilitares é matar os guardas da comunidade a fim de colocar cooperativas de guardas sob o seu controle, o que propicia maior controle sobre a mesma (HRW, 2010). As ações repressivas são comuns nas áreas dominadas pelos grupos paramilitares que se usam de violência, assassinatos, ameaças e sequestros para obter controle e recursos para as atividades ilícitas. Os líderes e chefes de comunidades, bem como os sindicatos, comumente são coagidos a colaborar com o grupo paramilitar, sendo punidos e ameaçados aqueles que se recusam a colaborar (HRW, 2010).

Na cidade de Villavicencio, de onde fugiram duas das famílias entrevistadas, verifica-se a presença de um grupo paramilitar, que domina o município, denominado “Los Cuchillos”. O grupo assumiu o controle da cidade, em 2007, após uma luta pelo controle das planícies com várias facções de outros grupos da região que estavam ativos (HRW, 2010). Tal grupo recruta soldados nas cidades, incluindo crianças e adolescentes. São inúmeros os relatos da existência de subgrupos operando na área, sob o comando do “Los Cuchillos”. Essas pequenas facções

ameaçam e matam civis para controlar o local. Tal procedimento coercitivo visa manter a influência nas áreas, principalmente a rurais, com o objetivo de controlar a produção e o comércio de cocaína. A Defensoria Pública monitora o grupo “Los Cuchillos” e elabora relatórios e notas a respeito desse grupo. Em uma nota para monitoramento de risco, a Defensoria pública (2008 apud HRW, 2010) faz uma advertência quanto à expansão desse grupo armado:

Isso se refletiu em uma espiral violência contra a população civil como ameaças, assassinatos seletivos, deslocamento forçado, recrutamento ilegal ou uso de crianças e adolescentes, intimidação e terror, especialmente contra líderes os Conselhos de Ação Comunitária e Associações Camponesas são declarado um alvo militar por esse ator armado (p.82).

A insegurança obriga muitas famílias a se evadir da cidade, por vezes, deixando tudo para trás a fim de garantir a sua sobrevivência. Como será visto nos próximos casos, o abandono de seus lares e a busca da segurança em outras cidades da Colômbia por vezes é ineficaz, visto que esse grupo possui tentáculos nas diversas áreas da Colômbia e caçam suas famílias por todo o país a fim de manter a ordem e controle dos demais.

3.4. Escolha do Brasil e a cidade de Manaus para o refúgio

A intenção em se entender o motivo da escolha pelo Brasil e por Manaus para o pedido de refúgio foi identificar o porquê dessa opção. Para as famílias entrevistadas, a escolha do Brasil para o pedido de refúgio teve dois motivos básicos: a segurança e a existência de conhecidos. Das quatro famílias entrevistadas, três afirmaram que a segurança foi o fator para a escolha do Brasil para residir após o pedido de refúgio. Essa busca pela segurança pode ser identificada nas seguintes falas:

Se vinieron aquí a Brasil, que dicen que tiene más... Tiene más seguridad, en Brasil. Tiene más seguridad que en Bolivia, que en Paraguay, otros... Otras ciudades (SOPHIA).³

Eu pensei que aqui era mais... Mais pacífico (LEONARDO).

La familia de él [marido dela] eligió para acá, que era mejor vivir en Brasil, vive tranquilo uno (SAMANTA).⁴

³ Vieram para o Brasil que dizem que tem mais...tem mais segurança no Brasil. Tem mais segurança que na Bolívia que no Paraguai, outros...outras cidades.

⁴ A família dele escolheu para cá que era melhor para viver em Brasil, vive tranquilo.

Uma segunda categoria de resposta foi dada por Rita, caracterizada pela existência de conhecidos no Brasil para a escolha. Tal escolha pode ser observada na seguinte fala:

El pai de A. e um sobrinho (RITA).

Quando questionados, alguns refugiados alegaram que o motivo de terem vindo para o Brasil foi à segurança. A escolha de um local seguro para reestruturar a vida da família é plenamente justificada. A insegurança estabelecida na população pelos grupos paramilitares desencadeiam uma evasão e deslocamento de famílias inteiras que inicialmente mudam de cidade e por fim de país. Esses deslocamentos são citados por Silva (2010), que comenta que os deslocados internos são pessoas forçadas a saírem de seus lares dentro de seu próprio país e que não atravessam uma fronteira internacional para encontrar segurança, apesar de sofrerem a mesma violência sofrida pelos refugiados.

De acordo com Oliveira (2008), uma das causas da migração internacional na região amazônica são os conflitos armados. Este e outros fatores desencadeiam fuga destas condições de vida. A insegurança estabelecida nas suas cidades de origem, bem como as ameaças que integrantes da família estavam sofrendo, inclusive com assassinatos, criou uma necessidade de buscar um novo ambiente de moradia com maior segurança para as famílias.

Esta falta de segurança desencadeia a fuga da população para outros territórios. Conforme Villa e Ostos (2005, p. 101), “na Colômbia, desde o governo Samper, devido ao conflito civil, milhares de colombianos fugiam para outros países à procura de segurança física e institucional”.

Em relação à escolha de Manaus para moradia, duas famílias alegaram que a escolha da cidade foi devido à existência de conhecidos em Manaus, conforme se verifica nas falas abaixo:

Porque... Porque mis suegros ya estaban viviendo a acá (SAMANTA).⁵

Porque como el pai de A. morava aqui, por meio dele (RITA).

O representante da família Bautista alegou que a escolha de Manaus foi devido à questão da natureza, conforme se verifica na seguinte fala:

⁵ Porque meus sogros estavam vivendo aqui.

É porque Amazonas. Aí tem muita natureza, animal, muita coisa assim (LEONARDO).

A representante da família Soarez não soube especificar o motivo da escolha. Esclareceu apenas que o marido falava muito a respeito de Brasil, conforme mostra essa fala:

Ele falava muito de Brasil. Do Brasil. Eu não sabia que ciudad era Brasil, nada de eso. Eu acho que eles... Toda a família pensava en venir aquí a Brasil (SOPHIA).⁶

A existência de conhecidos ou parentes propicia um acolhimento mais seguro para os refugiados que chegam, evitando problemas com local de pernoite e alimentação. Para Aydos, Baeninger e Dominguez (2008), a existência de uma rede social no país de acolhimento favorece a migração internacional, inclusive o fenômeno dos refugiados. Os autores ainda acrescentam que estas redes sociais criadas pela migração são classificadas conforme as bases sobre as quais estão apoiados os relacionamentos dos migrantes, entre elas as relações de parentesco e amizade. Complementando essa ideia do acolhimento por parte de parentes Elias e Scotson (2002) comentam que esse tipo de rede de parentesco oferece aos seus membros uma considerável tranquilidade e segurança. Um local para instalar sua família, o idioma e as orientações por um grupo de confiança são fatores preponderantes para um acolhimento satisfatório e redução da ansiedade e temores com o desconhecido da chegada.

Moreira (2007) comenta que no Brasil o acolhimento dos refugiados é realizado em grande parte por entidades civis que se mobiliza para propiciar condições de integração desses refugiados no país. No caso de Manaus, atualmente a responsável pelo acolhimento é a Pastoral do Migrante, em parceria com o Acnur, a qual tem realizado um trabalho difícil, mas eficaz, sendo motivo de elogios por parte de todos os refugiados entrevistados nesta pesquisa.

3.5. Refúgio

Sabe-se que muitos pedidos de refúgio devem-se às ameaças e assassinatos cometidos pelos grupos paramilitares contra a população colombiana. No entanto, buscou-se entender melhor as causas que obrigaram as famílias entrevistadas a abandonar de forma abrupta seus lares e familiares, para buscar em um território desconhecido com diferenças culturais marcantes uma nova vida para a família.

No caso das famílias entrevistadas, todas solicitaram refúgio devido à violência sofrida em suas cidades pelos grupos paramilitares. Dos entrevistados dois alegaram ter pedido

⁶ Ele falava muito do Brasil. Do Brasil. Eu não sabia que cidade era Brasil, nada disso. Eu acho que eles... Toda a família pensava em vir para o Brasil.

refúgio devido a ameaças diretamente sofridas, uma devido ao medo e uma devido à violência existente na sua cidade. Quanto às ameaças diretas, ambas as famílias são de Villavicencio, como se observa nos trechos abaixo:

Yo no sé... Digamos, yo no sé los problemas de mi... De la familia de mi esposo. Porque... Ahí mataron [...] todos ellos. No sé... La verdad, no sé el problema de ellos. Porqué se vinieron, no sé. Sólo sé porque mi esposo me decía que ellos lo amenazaron, por los problemas que ellos tenían. Yo no...de ahí se vinieron (SOPHIA).⁷

Aquí ya estaba mi cuñada, que mataron la familia de ella y ella se vino más antes que ellos. [...] nosotros después venimos, porque ella nos comunicó que mejor era venirse para acá (SAMANTA).⁸

No que se refere ao medo de retornar ou residir na Colômbia, temos o seguinte exemplo:

Porque a mi dá miedo regresar a Colombia. Eu não quero regresar a Colombia (RITA).⁹

Em relação à solicitação de refúgio devido à violência no país, temos:

É porque eu tenho meus filhos, eu pensei que era melhor aqui porque na Colômbia tem muita violência, muita coisa... Tem muitos roubos também. Aí tem umas coisas que aconteceram, então eu corri para cá (LEONARDO).

Uma das formas que as forças paramilitares possuem para implantar o domínio nas diversas cidades da Colômbia é por ameaças e implantação do medo na população. Em ambos os casos as forças paramilitares se utilizam de violência psicológica e física. De acordo com Oliveira (2006), a violência institucionalizada na Colômbia promoveu o deslocamento de milhares de colombianos nas últimas décadas que passam a viver sob o flagelo da guerra, permanecendo em continua fuga da violência ou das ameaças inerentes aos conflitos.

Corroborando esse pensamento, Oliveira (2008) comenta que ainda existem os casos de pessoas recrutadas involuntariamente pelas facções que tentam abandonar o conflito e passam a enfrentar severas perseguições e ameaças até chegar ao ponto extremo da fuga. O medo existe em todas as populações que estão sob o domínio dos paramilitares. No relatório da HRW (2010) verifica-se em diversos momentos falas de entrevistados que alegam ter medo devido à forma violenta como os grupos paramilitares atuam a fim de manter o controle

⁷ Eu não sei... Digamos que eu não saiba dos problemas de meu...da família do meu esposo. Porque... Ahí mataram [...] todos eles. Não sei... a verdade é que eu não sei dos problemas deles. Porque vieram, não sei. Só sei que meu esposo me dizia que eles o ameaçaram pelos problemas que eles tinham. Eu não... e assim vieram

⁸ Aquí já estaba mina cuñada que mataram a familia dela e ela veio antes que e gente[...] Nós depois viemos porque ele comunicou que era melhor que nós viéssemos para cá.

⁹ Porque para mim da medo voltar para a Colômbia. Eu não quero voltar para a Colômbia.

nas cidades.

A solicitação de refúgio ocorre, de acordo com Moreira (2006), quando um indivíduo devido a uma agressão, ameaça ou a acontecimentos que perturbem a ordem pública numa parte ou na totalidade do seu país de origem, seja obrigado a deixar o lugar de residência habitual para procurar abrigo em outro país. No caso dos refugiados colombianos, o cerne da problematização está nos grupos humanos que estão sendo eminentemente forçados ao deslocamento por causa do conflito interno que se arrasta por décadas, em algumas regiões da Colômbia, sem previsão de um término (OLIVEIRA, 2008).

Para Pierin (2009), as ameaças à segurança física dos refugiados têm origens diversas, dentre elas o crime organizado e as forças paramilitares. As ameaças físicas vão desde o roubo, agressão e a violência doméstica até o abuso infantil, a violação e o tráfico de pessoas (ACNUR, 2006). Os refugiados colombianos, não tendo opção fogem para as regiões de fronteira a fim de encontrar condições de refazer sua vida. Conforme Silva (2010), os refugiados colombianos fugindo da violência ou das mútuas ameaças dos oponentes em conflito terminam por migrar para regiões de fronteira, como a do Alto Solimões na Amazônia.

Normalmente essas famílias de refugiados saem de suas cidades com poucos pertencem e recursos limitados, somente para a viagem, visto a forma abrupta como são expulsos de suas casas e cidades a fim de não serem assassinados e sofrerem violências de toda espécie. Para Pierin (2009, p.27), “a vulnerabilidade dos refugiados aumenta quando eles possuem recursos econômicos e materiais limitados e suas estruturas familiares e comunitárias foram destruídas ou sofreram tensões”.

3.6. Facilidades e dificuldades em Manaus

A respeito das facilidades encontradas pelos refugiados colombianos residindo em Manaus, tivemos como propósito compreender os aspectos positivos avaliados por eles a respeito de sua inserção social. Por meio das respostas foram elaboradas três categorias: estudo dos filhos, o acolhimento recebido e trabalho. Da primeira categoria temos o seguinte exemplo:

Os meus filhos agora estão estudando e eu acho que é mais fácil, como família, morar aqui em Manaus. Bom, sobre o território tudo... Brasil, não é? [...] O mais velho está adaptando muito bem por aqui. E agora ele tem muitos amigos na escola. Então isso (SOPHIA).

Quanto ao acolhimento, duas famílias consideraram-no como algo que tornou a vida deles mais fácil em Manaus. Pode-se identificar essa categoria nas falas abaixo:

Entonces eu penso que la doctora Anastácia, en casa abrigo, la doctora... Me trataron muy bien, ayudaron con documentos, dieron alimento para nosostras. Nos trataron muy bien, entonces yo pienso que fue ahí de casa abrigo, porque eles ajudaram a morar aqui. Mas la doctora me ayudó a conseguir el trabajo, donde estoy trabajando. Y por medio del trabajo pude pagar el alugo, estoy ganando salario mínimo. Entonces yo pienso que también por la casa abrigo, que ellos esperaron que yo buscara empleo para poder pagar el alugo. E ajudaram muito. Entonces... Eu penso que también por meio de la casa abrigo se me abrieron muchas portas (RITA)¹⁰

No, porque no começo, ajuda que eu recebi da Anastácia, ela foi muito boa para nós, porque uno chega no tendo onde morar, não tem trabalho, não fala bem[...] É, da pastoral[...]. Se não fosse por essa ajuda... Teria sido mais difícil (LEONARDO)

A terceira categoria foi o trabalho, como se pode verificar na seguinte fala:

Mi vida más fácil aquí en Manaus por lo que es... Uno lleva una cosa, cualquier cosa, uno lleva a vender y todo lo vende. En cambio, lo que no tiene ahí en Colombia, aquí tiene, sí, ¿me entiende? Aquí uno sale a trabajar, sale sin nada, uno... Ya a la tarde uno ya llega con platita. ¿Sí, me entiendes? Y eso allá en Colombia no hay (SAMANTA)¹¹

Verifica-se que um dos pontos intitulados como facilidade que os refugiados tiveram em Manaus foi o estudo dos filhos de uma das entrevistadas. Tal questão esta intimamente ligada ao acolhimento oferecido aos refugiados na cidade de Manaus, pois quando a família se apresenta na Pastoral do Migrante para solicitar refúgio ela recebe uma serie de orientações. Além do apoio financeiro e auxílio para retirada de alguns documentos, quando a família possui menores de idade no seu grupo, os mesmos são encaminhados para escolas próximas da região onde o refugiado reside a fim de matriculá-los, seguindo assim o que prescreve o Estatuto da Criança e do Adolescente. A possibilidade de oferecer uma nova vida a família, observado nos filhos estudando novamente e se reestabelecendo, é um trabalho desenvolvido durante o acolhimento pela assistente social da Pastoral do Migrante.

Passemos agora para as dificuldades vivenciadas pelos entrevistados na inserção social

¹⁰ Então eu penso que a Dra Anastácia, da casa abrigo, a Dra...me tratou muito bem,ajudaram com os documentos, nos deram alimento..Nos trataram muito bem, então eu penso que foi assim a casa abrigo, porque eles ajudaram a morar aqui. Mais a Dra me ajudou a conseguir trabalho, onde estou trabalhando. E por meio do trabalho pude pagar o aluguel, estou ganhando salario mínimo. Então eu penso que também pela casa abrigo queeles esperaram que eu fosse buscar emprego para poder pagar o aluguel e ajudaram muito. Então... eu penso também por meio da casa abrigo me abriram muitas portas.

¹¹ Minha vida mais fácil em Manaus por que...um leva uma coisa, qualquer coisa, um leva uma coisa e vende tudo. E troca...o que não tem na Colômbia aqui tem, sim, me entende? Aqui se sai para trabalhar, sai sem nada...e a tarde já chega com dinheiro. Me entende? E isso na Colômbia não tem.

em Manaus. Neste questionamento foram elaboradas quatro categorias para as respostas: idioma, problemas conjugais, trabalho e moradia. A categoria idiomas foi citada por três das quatro famílias como sendo o fator que deixava a sua vida mais difícil em Manaus. Pelas falas pode-se identificar essa dificuldade:

El idioma. La gente no me entendía, todo con señal, todo (RITA).¹²

Eu gostaria que entendessem meu idioma também (LEONARDO).

Hablar portugués. [...] Sí. Solo difícil es que... Hablar portugués, pero ahora ya un poco, ya defiendo. Eso fue difícil para mí (SAMANTA).¹³

A questão do idioma é de extrema importância para a inserção dos grupos que migram para um país de idioma diferente, pois este é o que diferencia os grupos e produz uma identidade, por meio da diferença cultural e social do grupo. Silva, Hall e Woodward (2014) definem bem este posicionamento quando afirma que “é apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais” (p.77). A respeito da linguagem, Coelho e Mesquita (2013) afirmam que esta é a base em que se apoia a vida social nos dias atuais, visto que realiza a mediação das relações sociais e permite a inscrição do indivíduo neste ou naquele lugar social. Complementando, Silva (2014) comenta que a língua é o elemento central no processo de construção da identidade nacional.

Entende-se, desta forma, que o desconhecimento da língua desencadeia uma separação social, criando diferenças e posições de dominação. Rovira (2008) comenta que a diferença de idioma ocasiona problemas de identidade pessoal e cultural para os povos que vão para um país onde a língua não é a mesma de sua terra natal. A autora complementa afirmando que “a situação coloca desafios ainda mais complexos, quando a cultura dominante no país anfitrião subestima a língua materna do imigrante” (p.01).

Pelo exposto verifica-se que a dificuldade relatada pelos entrevistados é algo que dificulta na inserção social dos refugiados. O oferecimento de aulas de português para esses grupos propicia uma melhor inclusão no grupo.

Outra categoria de dificuldade é de problema conjugal, como se pode verificar isso pela fala abaixo:

Então... Outra coisa também que... Agora a veces tenemos todo así, problemas con mi marido, esas cosas. Então... Eu... Eu vou embora daqui. A veces é... Muchas brigas con meu marido. A veces eu quero ir morar para onde mis pais. [...] é isso

¹² O idioma. As pessoas não me entendiam, tudo por sinal, tudo.

¹³ Falar português[...]sim. A única coisa difícil é...falar português, mas agora já entendo um pouco. Isso foi difícil para mim.

que eu quero. Agora eu penso muchos en meus filhos também (SOPHIA).¹⁴

Neste relato de Sophia encontra-se a questão da violência intrafamiliar. Em suas operações ao redor do mundo, o Acnur (2012) colheu evidências indicando que várias refugiadas sofreram ou conhecem mulheres que sofreram violência dos seus parceiros durante o processo de refúgio, período em que as mulheres estão mais vulneráveis. Este problema social afeta mulheres de todas as classes sociais e nas diversas culturas. Este não foi o primeiro caso de violência intrafamiliar registrado entre refugiados.

Esta violência pode dificultar as mulheres na inserção social, visto a redução da sua autoestima e perda da dignidade como pessoa e ser humano. Os traumas causados pela violência inibem a integração de refugiadas no país de refúgio. Desta forma é essencial oferecer mecanismos de prevenção e enfrentamento da violência para possibilitar uma perspectiva de vida com qualidade (ACNUR, 2012). Verifica-se, portanto, que a questão da violência intrafamiliar afeta as relações da família, desestruturando as relações interpessoais tão importantes para a inclusão social dos refugiados.

E da dificuldade do trabalho e da moradia, temos os seguintes exemplos:

Mais difícil que a gente não tem onde morar, assim, como uma ajuda para poder viver um pouco mais melhor (LEONARDO).

Pues aqui a única dificuldade é o trabalho (LEONARDO).

A dificuldade em encontrar trabalho foi uma das categorias encontradas entre as dificuldades encontradas em Manaus. Verifica-se, porém que o mercado de trabalho estabelece uma limitação para a ocupação de cargos por refugiados. Quando o profissional se apresenta para um emprego e se declara refugiado, automaticamente estabelece-se um preconceito que logo se transforma em discriminação ao estabelecer serviços mais simples e com remunerações menores. De acordo com Perez-Nebra e Jesus (2011, p. 228), “a discriminação se apresenta em todas as dimensões das relações de exploração, especialmente nos mundos do trabalho indivíduos”.

Os refugiados são considerados uma ameaça ao mercado de trabalho local, pois disputam com os profissionais da região os empregos existentes, causando uma repulsa da sociedade com relação aos refugiados, caracterizando a xenofobia. Com esse posicionamento que é seguido pelos comerciantes e empresários, os serviços que restam para os refugiados

¹⁴ Então... Outra coisa também que... Agora às vezes temos, assim, problemas com meu marido, esas coisas. Então...Eu...Eu vou embora daqui.As vezes é muitas brigas com meu marido. As vezes eu quero ir morar com meus pais. [...] é isso que eu quero. Agora eu penso muito nos meus filhos também.

são aqueles que os manauaras não querem. Na concepção da sociedade local, os refugiados chegam para roubar os empregos dos manauaras, limitando-se a realizar serviços que os habitantes locais não querem realizar (OLIVEIRA, 2010). Uma justificativa para esse posicionamento pode ser visto “Segundo a teoria da identidade social, quando os indivíduos se percebem como membros de um grupo, sendo essa pertença importante no contexto da relação com outro grupo, são levados a favorecer os membros do seu grupo, a fim de manter e reforçar a sua identidade social positiva” (CABECINHAS; LAZARO, 2007, p.414).

Com relação à prática do trabalho, Jubilit e Apolinário (2008) comentam que a população refugiada enfrenta problemas para trabalhar, seja pela dificuldade com o idioma, falta de qualificação e discriminação social. Essa questão da dificuldade na obtenção do trabalho está relacionada a um estigma marginalizante do refugiado que é visto pela comunidade como um indivíduo fugitivo. Por vezes o indivíduo estigmatizado somente percebe essa posição quando no estabelecimento de relações e na procura por um emprego, momento em que se depara com tal realidade. O estigma estabelece uma aversão dos habitantes locais com o grupo de refugiados, pois de acordo com Goffman (1988), quando não existe a aceitação por parte de um grupo, em que este não está disposto a manter com o outro grupo um contato em “bases iguais”, este último é colocado como inferior. Corroborando com essa questão da aversão, “se o grupo é simbolicamente marcado como inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais” (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014, p. 14).

No entanto, vale salientar que todos os entrevistados tem baixa qualificação profissional. Nesse sentido, as atividades que pleiteiam realizar em Manaus são as mesmas que eles realizavam na Colômbia. Mais adiante veremos essa questão do emprego e do trabalho em maiores detalhes.

Em relação à questão da moradia, esta é um obstáculo para as entidades de apoio e acolhimento na cidade de Manaus. Os refugiados, quando necessário, são encaminhados para a casa do migrante Jacamim, a qual é de responsabilidade do governo do estado. O Acnur possui parceria com o governo que oferece acomodações para os refugiados que são apresentados pela Pastoral, entidade parceira do Acnur.

Os refugiados contam como apoio da Pastoral, do ACNUR e do governo nas primeiras semanas do processo de integração local. Eles são acolhidos e são assistidos com alimentação, disponibilização de local para permanecer temporariamente (albergues e abrigos públicos) e orientação jurídica (MOREIRA, 2006).

A questão da moradia para refugiados é notória em todas as cidades que possuem esse

grupo e foi alvo de discussão em uma das reuniões do Instituto de Reintegração de Refugiados (2011), quando se levantou que os maiores problemas quanto à moradia para os refugiados estão nos altos preços dos aluguéis e as exigências burocráticas das imobiliárias, como fiador e comprovação de renda.

Existem propostas a fim de reduzir esse problema da moradia. Silva e Naruto (2011) apresentaram a proposta de um Centro de Acolhida, o qual concentraria as necessidades iniciais do refugiado assim que pedisse o refúgio e apoiando-se em três pilares básicos: Proteção, Assistência e Integração. Proposta similar foi oferecida pelo Instituto de Reintegração de Refugiados (2011) com a construção de abrigos públicos específicos para refugiados. Desta forma, a possibilidade de oferecer uma moradia aos refugiados ofereceria condições para a inclusão social desejada.

3.7. A facilitação do processo de inserção social dos refugiados

Procurou-se saber, dos próprios refugiados, o que pode ser feito para facilitar o processo de inserção social de outros refugiados na cidade de Manaus. As famílias foram unânimes na resposta, atribuindo ao acolhimento o principal fator para o auxílio na inserção social dos refugiados, como podemos ver nas falas a seguir:

Eu acho que quando chegam primera vez. É difícil. Difícil. Porque uno no entiende la lengua. Ayudar lo que no puede dar para aprender a primera vez. Porque aqui em Manaus, cuando llega primera vez as pessoas, ele não fica desamparado, não. Porque aqui ajudam muito, caritas da igreja, estas coisas. Não fica desamparado, não. Ellos no... Todos los refugiados no quedan desamparados aqui em Manaus, muitas partes, no. Somos bien recibidos. Sí, pasa necesidades, poco, no todo. No de comer, no. Sino para dormir, a veces no tiene la cama, la colchoneta, la camita, la maca. Sólo eso, porque aquí lo reciben bien. Eso no lo puede, que ay que un colombiano ha pasado necesidades. Necesidades, no. Só que aqui ajuda muito. No queda desamparado (SOPHIA).¹⁵

Que conozcan a la doctora Anastácia. Ella dá más orientaciones a los refugiados, imigrantes, todos (RITA).¹⁶

Pues, seria muito bom se tivesse onde a gente chegar. Chegar num lugar onde pode ficar pelo menos nos primeiros meses, que a gente precisa, que não sabe nada, não tem trabalho. E acomodar [...] trabalho, não é? Seria bom, isso que eu gostaria.

¹⁵ Eu acho que quando chegam primeira vez, é difícil. Difícil. Porque um não entende a língua. Ayudar os que os que chegam pela primeira vez para aprender. Porque aqui em Manaus, quando é recém-chegado as pessoas, eles não ficam desamparados, não. Porque aqui ajudam muito, caritas da igreja, estas coisas. Não fica desamparado, não. Eles não... Todos os refugiados não ficam desamparados aqui em Manaus, muitas partes, não. Somos bem recebidos. Sim, passar necessidades, são poucos, não todos. Não de comer, não. Senão para dormir, as vezes não tem cama, o colchonete, a cama, a ,maca, somente isso, porque aqui nos recebem bem. Isso não ocorre que um colombiano já tenha passado necessidade. Necesidades, no. Só que aqui ajuda muito. Não fica desamparado.

¹⁶ Que conheçam a Doutora Anastácia. Ela dá mais orientações aos refugiados, imigrantes, todos.

Que quando uno chega sempre faz muito difícil a chegada, que não conhece ninguém, não fala (LEONARDO).¹⁷

*Ahí hablé con Anastácia, vaya allá en policía federal, saca documento, ya le da protocolo, llega CPF, cartera de trabajo, con eso trabaja, consigue uno aquí[...]
(SAMANTA).¹⁸*

As famílias foram unânimes na resposta de que o acolhimento é o principal fator para o auxílio na inserção social dos refugiados. Na cidade de Manaus a entidade responsável pelo acolhimento é a Pastoral do Migrante, que possui uma assistente social para atender as necessidades dos migrantes que chegam. Essa assistente social é vinculada ao Acnur, escritório de Brasília. Quando os refugiados solicitam o refúgio, passam a receber o apoio da Pastoral que oferece auxílio nos primeiros meses e orientações a respeito de documentos individuais e datas de apresentação para acompanhamento do processo de solicitação de refúgio. A Pastoral providencia atendimento na área psicossocial a fim de oferecer condições dignas de vida para os refugiados em um primeiro momento. O apoio recebido envolve recursos financeiros nos primeiros meses e auxílio para retirada de alguns documentos. Quando existem crianças e adolescentes no grupo, os mesmos são encaminhados para escolas próximas da região onde o refugiado reside a fim de matriculá-los. Todo esse processo é acompanhado pela assistente social Anastácia, da Pastoral do Migrante, que teve seu nome citado em por todos os refugiados entrevistados como sendo a figura principal para a facilitação da inserção social deles na cidade de Manaus.

Aqui cabe uma ressalva a respeito da participação do governo quanto à questão da inserção social do refugiado. Apesar do apoio oferecido pelas entidades, torna-se notório que somente essas medidas adotadas pelas entidades são insuficientes para garantir uma inserção social dos refugiados na cidade de Manaus, oferecendo a oportunidade de uma nova vida com dignidade a esse grupo. A participação do governo em relação à inclusão social do refugiado, bem como a elaboração de políticas públicas que propiciem condições desses grupos se reestruturarem na cidade de Manaus é tímida, limitando-se a cessão de alojamentos quando existem vagas. Sobre essa questão, Souza e Calegare (2014b, p. 178) comentam que

(...) questões de ordem política, social, econômica e cultural transformam os refugiados colombianos em um grupo de excluídos, pois uma série de óbices

¹⁷ Pois, seria muito bom se tivesse onde a gente chegar. Chegar num lugar onde pode ficar pelo menos nos primeiros meses, que a gente precisa, que não sabe nada, não tem trabalho. E acomodar [...] trabalho, não é? Seria bom, isso que eu gostaria. Que quando um chega sempre é muito difícil na chegada, que não conhece ninguém, não fala..

¹⁸ Aí falei com Anastácia, vai à Polícia Federal, tire o documento, receba o protocolo, pegue o CPF, carteira de trabalho, com isso trabalha, consegue um aqui[...]

dificulta a inclusão social desses grupos que não encontram nas autoridades federais o amparo necessário para reiniciar a sua vida com a família, apesar de os refugiados serem uma realidade em Manaus.

3.8. A distância da família

Investigou-se como os entrevistados lidavam com a separação de seu país e familiares, havendo resposta que aludiam à falta de proximidade física e afetiva, bem como à dificuldade de estarem em contato pelos meios de comunicação:

Eu falo com eles, pero... Sim. Pela Internet, ou se não eles ligam para mim, essas coisas. (...) A veces eu quero ir morar para onde mis pais.[...] Então, é isso que eu quero (SOPHIA).¹⁹

A principio me... En casa abrigo lloraba muito, muito. Más porque allá en casa abrigo yo no podía ligar a mi filha, mi hijo, a mi familia, mi filho. Então não podia nada, nada. Entonces eu ficava llorando sozinha porque não gostava que as meninas olhassem llorando (RITA).²⁰

É difícil para os dois. Pela distância. Uno quiere siempre ubicarse com a gente (LEONARDO).²¹

Es difícil hablar con ellos, porque yo casi no sé manejar computador. Lo único que habla es mi hija y mi marido, por Internet (SAMANTA).²²

Quanto à saudade, verifica-se que a grande questão é a distância e a impossibilidade de conviver com os familiares. Essa relação familiar costumeiramente possui laços fortes. O afastamento abrupto, por vezes, ocorre sem a oportunidade de se despedir dos parentes e amigos, causando um sofrimento pela separação. Em uma reportagem do sitio eletrônico Rede Brasil Atual, Rosa (2013) apresenta as questões de dois imigrantes que citaram a saudade como um dos fatores mais penosos na migração. Em seu trabalho com migrantes nordestinos, Lobo (2014) comenta sobre a questão do apego com as coisas do seu lugar de origem, bem como as relações interpessoais, o meio social e cultural que convivia, assim como suas representações sociais representadas na manutenção de hábitos e costumes.

Considera-se importante citar que a construção da identidade está ligada ao seu lugar

¹⁹ Eu falo com eles, mas... Sim. Pela Internet, ou se não eles ligam para mim, essas coisas. (...) As vezes eu quero ir morar para onde meus pais.[...] Então, é isso que eu quero.

²⁰ A principio na casa abrigo chorava muito, muito. Más porque lá na casa abrigo eu não podía ligar para meu filho, minha família, meu filho. Então não podia nada, nada. Então eu ficava chorando sozinha porque não gostava que as meninas me olhassem chorando.

²¹ É difícil para os dois. Pela distancia. Eles querem siempre comunicar-se com a gente.

²² É difícil falar com eles, porque eu quase não sei manejar computador. O único que fala é mina filha e meu marido, pela internet.

de origem. Quando da saída, principalmente da forma inesperada como acontece com os refugiados, de seu lugar de origem, há um abalo na segurança existencial e na identidade, que precisam ser compreendidos como elementos centrais do processo migratório (MARANDOLA Jr.; GALLO, 2009).

3.9. Receio de algo após o refúgio e medo de ser identificado por antigos agressores

Buscou-se identificar a persistência de algum tipo de receio após o pedido de refúgio, bem como a existência de medo dos refugiados em ser identificado por outros colombianos, mesmo residindo a milhares de quilômetros das cidades de origem e sendo pouco provável a existência de elementos dos grupos paramilitares em Manaus para persegui-los. Tal questão originou-se em face da experiência dos atendimentos clínicos realizados com outros colombianos durante o acolhimento realizado no período de 2011 a 2013. Após analisar as respostas, verificam-se duas categorias duas categorias: não tem medo algum ou tem algum tipo de medo. Quanto ao não ter medo algum, duas das quatro famílias deram esta resposta, alguns de forma enfática e pontual, conforme veremos nas falas abaixo:

No. Gracias a Diós, no. [...] No hay problemas (LEONARDO).²³

Me siento segura aquí, porque aquí no és como Colombia, aquí no hay violencia de esa. Mi refugio... Eso para mí, no me preocupa nada, porque siento protegida, me siento bien, vivo tranquila. En Colombia viviera como... Como digo yo... Con miedo, yo diría. En Colombia. Aquí vivo bien, porque és una ciudad grande, aquí nadie conoce a mí (SAMANTA).²⁴

No entanto, outras duas famílias relataram ter algum medo, explicando que tal sentimento é oriundo tanto de alguém reconhecê-los, quanto de conviver com um dos membros familiares – resposta que deve ser entendida em seu contexto: o ex-marido acolheu inicialmente a entrevistada, mas depois a maltratava e a agredia, obrigando-a a pedir ajuda as autoridades que a encaminhou para a Pastoral. Vejamos as falas abaixo:

Ele [referente ao marido] fala que é muito rico. Então ele tem medo que paguem qualquer pessoa, que vai procurar. Tudo isso. Ele fala isso (SOPHIA).

²³ Não graças a Deus, não[...] Não tem problemas.

²⁴ Me sinto seguro aqui, porque aqui não é como na Colômbia, aqui não tem violência. Meu refúgio...isso para mim não me preocupa em nada, porque me sinto protegida, me sinto bem, vivo tranquila. Na Colômbia, vivia como...como digo, eu... com medo, eu diria. Na Colômbia. Aqui vivo bem, porque é uma cidade grande, aqui ninguém me conhece.

No. Sólo por el pai de A., eu não quero ficar mais com ele (RITA)²⁵

Quanto ao medo de serem identificadas por antigos agressores, as famílias se dividem mais uma vez: duas famílias responderam que sim e duas responderam que não, de maneira categórica. As famílias Soarez e Muñoz responderam que sim, possuem medo de serem reconhecidos por colombianos agressores:

Ele, sim, [esposo] sente muito medo. E então... Porque agora aqui em Manaus há muitos colombianos. Então ele, sim, tem... Ele sente medo. Eu não, porque eu não... No sé nada de eso (SOPHIA).²⁶

Sim. Sim, um pouquinho. Não muito. Não muito. Pero sí, porque aquí hay mucha gente colombiana y esa gente está en todas las partes. Todas las partes está esa gente (RITA).²⁷

Alguns entrevistados alegaram ter receio de ainda sofrer com a violência vivida na Colômbia. Entende-se que a migração é revestida de uma insegurança do desconhecido, pois migrar é “sair do seu lugar, envolvendo processos de desterritorialização e reterritorialização” (MARANDOLA Jr; GALLO, 2009, p. 02). Entretanto, alguns consideram que ainda existe a possibilidade de serem atacados pelos agressores. Tal medo, quase irracional, agregado à fragilidade psíquica que se encontra essas famílias por estarem em um ambiente de idioma, ambiente e culturas bem diferentes, propicia a opção dessas famílias a preferirem migrar para as grandes capitais do Sudeste brasileiro em busca de maior segurança e possibilidade de empregos. Quanto a isso, Silva (2010) menciona que alguns refugiados optam por migrar para cidades como São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, em busca de maior segurança para ele sua família, além de aumentar as possibilidades de encontrar um emprego digno.

Moreira (2005) comenta sobre a existência de alguns casos de refugiados colombianos que vivem em constante estado de tensão, temendo por sua segurança no território brasileiro, visto a proximidade com a Colômbia. O medo de ser identificado torna-se plausível no que se refere à existência de muitos colombianos em Manaus. De acordo com a Pastoral do Migrante (2015), nos últimos dois anos a maior quantidade de pedidos de refúgio em Manaus foi de colombianos, como 90 pedidos, em seguida o de venezuelanos com 23 pedidos. Sem contar os migrantes que não pediram refúgio e que estão no país por outras vias, sejam as legais ou as ilegais. Quanto a esse receio Souza, Lima e Oliveira (2012) comentam sobre a existência

²⁵ Não somente pelo pai de A..Eu não que mais ficar com ele.

²⁶ Ele, sim [esposo] sente muito medo. E então... Porque agora aqui em Manaus tem muitos colombianos. Então ele, sim, tem... Ele sente medo. Eu não, porque eu não sei nada disso.

²⁷ Sim. Sim, um pouquinho. Não muito, mas sim, porque aquí tem muita gente colombiana e essa gente está em todas as partes. Em todas as partes.

de casos de refugiados colombianos que têm medo de reviver os horrores e as ameaças que eles sofreram quando moravam em seu país natal, desenvolvendo uma aversão aos seus compatriotas.

Verifica-se, portanto que esse receio origina-se dos horrores sofridos no período que essa família esteve na sua terra natal, no centro de um embate armado. Tal incerteza pode criar uma busca incessante por lugares seguros, obrigando essas famílias a mudarem de cidade constantemente. A existência de muitos colombianos em Manaus propicia esse medo que os refugiados têm em relação aos outros colombianos, mantendo esse grupo, por vezes, isolados, com uma relação distanciada.

3.10. O trabalho dos refugiados em Manaus

Procurou-se identificar as atividades laborais desenvolvidas pelos refugiados na Colômbia a fim de comparar o que eles faziam e o que fazem atualmente. Considera-se que a existência de um trabalho fixo propicia uma melhor adaptação e, em consequência, facilitação na inserção social. Das famílias entrevistadas, duas possuem alguém com emprego fixo, enquanto outras duas famílias não possuem emprego fixo, mas esporadicamente trabalham:

Sí, mi esposo trabaja. Siempre trabajó. Cuando él llegó, siempre trabajó. Para dinero, para comida, para los chicos, que se van a estudiar. Siempre trabajó (SAMANTA).²⁸

Eu lavo roupa. Una lavandería. [...] Trabajo segunda, terça e sexta-feira (RITA).²⁹

Eu trabalho de pedreiro aqui (LEONARDO).

Meu marido trabalhava. Él és... Como que falam aqui... Saiu de el emprego. Ele trabalhava em pedreiro. Empresa de... Banco Brasil. Ele fazia trabalhos. Pedreiro. Como servente. [...] Eu já trabalhei. Já não sigo trabalhando. Mas eu trabalhava também. Aqui em Manaus. Agora não trabalho, só que agora faço aseo por locais. Casa de família (SOPHIA).³⁰

Quando questionados a respeito da sua atividade laboral na Colômbia as famílias apresentaram empregos similares, senão iguais. Verifica-se nas falas:

Eu trabalhava. Siempre me tocava trabalhar, siempre. [...] Trabalhava num motel.

²⁸ Sim, meu esposo trabalha. Sempre trabalhou. Quando ele chegou, sempre trabalhou, sempre trabalhou. Para dinheiro, para comida, para as crianças, que estudam. Sempre trabalhou.

²⁹ Eu lavo roupa. Una lavandería. [...] Trabalho segunda, terça e sexta-feira.

³⁰ Meu marido trabalhava. Ele é...como se fala aqui... saiu do emprego. Ele trabalhava como pedreiro. Empresa do Banco do Brasil. Ele fazia trabalhos. Pedreiro. Como servente. [...] Eu já trabalhei. Já não sigo trabalhando. Mas eu trabalhava também aqui em Manaus. Agora não trabalho, só que agora faço limpeza em casa de família.

Camareira. Camareira num motel (RITA)³¹

De camarera, de limpieza, tudo isso. Ele [marido] trabalhava lá também de... Ele... En Colombia él es maestro. De construcción, esas cosas (SOPHIA)³²

Yo trabajaba en casa de familia, así, en restaurante. Así, también trabajaba de pedrero con mi marido. Mi esposo trabajaba de pedrero allá. Él siempre ha trabajado de pedrero. Él es pedrero (SAMANTA)³³

En Colombia, tu trabajabas también como pedrero?[entrevistador] Sí (LEONARDO)³⁴

O trabalho é uma das condições para que haja a inserção social saudável de um grupo. Nos resultados apresentados, duas famílias afirmaram que os provedores possuem trabalhos fixos, o que oferece maior estabilidade, as outras duas não possuem trabalhos fixos. A existência de um trabalho fixo propicia uma inserção social, visto que oferece condições financeiras para o sustento da família. A obtenção de um emprego fixo, desta forma, é algo favorável para as famílias colombianas. Entretanto, na cidade de Manaus o mercado de trabalho não oferece muitas opções para os migrantes, limitando as ofertas de emprego a empregos secundários. Conforme afirma Araújo (2009), um dos grandes desafios dos refugiados no Brasil é se inserir no mercado de trabalho e conseguir uma condição social digna, sendo este um dos principais desafios para a sua autoconfiança. Em face dessa dificuldade, a maior demanda de trabalho para esse grupo ainda são os subempregos.

Costa (2008) afirma que as sociedades percebem os grupos sociais de menor poder aquisitivo com categorias inferiores, os quais devem se submeter a realizar aqueles trabalhos não desejados pelos habitantes locais. Complementando, Oliveira (2008) argumenta que os migrantes tendem a permanecer em atividades laborais marginais e no mercado secundário de trabalho. Tais considerações remetem ao entendimento de que a situação de refugiado pode interferir na questão sócio-laboral, ou seja, a situação de refugiado contribui para o entendimento de que ele deve ocupar atividades laborais não desejadas pelos habitantes locais.

Quanto ao trabalho desenvolvido pelos refugiados, verifica-se que as atividades laborais nas quais esse grupo se insere não requer uma qualificação específica, com alto grau de conhecimento. Oliveira (2008) comenta que tal marginalização ocorre devido à falta de

³¹ Eu trabalhava. Sempre procurei trabalhar, sempre. [...] Trabalhava em um motel. Camareira. Camareira num motel.

³² De camareira, de limpeza, tudo isso. Ele [marido] trabalhava lá também de... Ele... na Colômbia era mestre de obras, essas coisas.

³³ Eu trabalhava em casa de família, em restaurante e também trabalhava de pedreiro com meu marido. Meu esposo trabalhava de pedreiro lá. Ele sempre trabalhou de pedreiro. Ele é pedreiro.

³⁴ Na Colômbia, tu trabalhavas também como pedreiro?[entrevistador] Sim.

“qualificação para conseguir remuneração melhor do que os trabalhadores nativos ou locais” (p.38). No entanto, verificou-se nos resultados da pesquisa que todas as famílias possuem empregos em atividades de baixa qualificação, seja na área de limpeza ou serviços gerais, similares ou iguais às desempenhadas no país de origem. Tal posicionamento foi apresentado por Silva (2010, p. 208) quando afirma que “os refugiados que se encontram em Manaus são pouco qualificados e se dispõem a aceitar qualquer tipo de subemprego”. Assis (2007) apresenta argumento que ratifica essa ideia quando afirma que os migrantes têm maior atuação no mercado de trabalho secundário, na área do serviço doméstico, no caso das mulheres, e o setor da construção civil e de restaurantes, no caso dos homens.

Quanto a sentir-se satisfeita com o emprego, somente uma família sente-se satisfeita. As demais famílias apresentam insatisfação no emprego atual. As falas abaixo confirmam:

Sí. Sim, gosto. Gosto porque son solo 03 días por la semana. Puedo aquí [...]lavar también roupa, aquí... Descansar (RITA).³⁵

Não, mas... Não. Eu não sinto satisfeita (SOPHIA).³⁶

Pues, gustaria algo fijo, más fijo, gustaria, sim (LEONARDO).³⁷

Estoy buscando también, que no hay otra forma (SAMANTA).³⁸

A questão discutida e considerada como uma insatisfação do emprego mostra-se, não pelo serviço que desenvolve, mas pela inconstância do serviço o que causa uma instabilidade financeira para a família. Saladina (2001) comenta que muitos trabalhadores imigrantes são excluídos socialmente, embora inseridos informalmente no mercado de trabalho, porque não conseguem acesso a condições decentes de trabalho e são sujeitos de exploração.

O entendimento de trabalho atual é bem diferente da ideia que se tinha há século atrás. No que diz respeito ao trabalho, “resgata-se que este compareceu na história da humanidade com a concepção de intermediar o atendimento às necessidades imediatas da sobrevivência” (COUTINHO, 2007, p.33). Hoje o trabalho possui outra conotação diferente, direcionado para o recebimento de recursos a fim de adquirir bens e serviços, sendo-lhe, com isso, empossada uma conotação econômica. Além dessa conotação existe ainda a questão da representação social que este emprego tem para o indivíduo, especificamente o refugiado. O trabalho insere o indivíduo na sociedade, pois nos dias atuais “o trabalho passou a significar um instrumento

³⁵ Sim. Sim, gosto. Gosto porque são apenas 03 dias por semana. Posso aqui [...] lavar também roupa, aqui... Descansar.

³⁶ Não, mas... Não. Eu não sinto satisfeita.

³⁷ Pois, gostaria de algo fixo, mais fixo, gostaria sim.

³⁸ Estou buscando também, porque não tem outra forma.

do valor e da dignidade humana” (KRAWULSKI, 1998, p. 12).

Os refugiados têm no trabalho não somente a questão da remuneração, mas, principalmente, a possibilidade de se enquadrar em um novo grupo social, onde as exigências e cobranças são diferentes das que eles conhecem. A representação social do trabalho para esses refugiados faz parte da sua construção como sujeito enquanto sujeito social (SPINK, 1993). De acordo com Moscovici (2004), as representações sociais não são reflexos da realidade, mas das construções mentais dos objetos, indissociáveis das atividades simbólicas individuais e da inserção no grupo social.

Verifica-se com isso que a satisfação das famílias que possuem emprego fixo em Manaus não se limita à questão financeira, mas a uma facilitação de inserção na sociedade local. As famílias que não possuem esta estabilidade laboral reagem nas dificuldades financeiras que enfrentam, mas também pela incapacidade de se sentirem pertencentes à sociedade manauara.

3.11. Moradia, relações de amizade e socialização

No que se refere a como as famílias se sentem quanto ao local onde residem, procurou-se verificar a satisfação e o sentimento de apego ao lugar, considerando essa questão como mais uma para se avaliar a facilitação ou não da inserção social dos refugiados. As famílias Muñoz, Soares e Carbonell disseram que estavam satisfeitas com o local onde residem, transpassando apego pelo local. Leonardo, da família Bautista, declarou que insatisfação pelo local, informando desejo de mudar-se de onde mora. Vejamos as falas dos entrevistados:

Sí, eu me sinto bem em morar lá. Gosto desse local, bonito. Meus filhos gostam de morar aí, porque é seguro (SOPHIA).³⁹

Muito legal. Muito legal aqui. Eu gosto mucho aqui dessa rua, dessa casa, de la dona de la casa. Tudo (RITA).⁴⁰

En esa casa que yo estoy viviendo me siento bien ahí (SAMANTA).⁴¹

Sim, eu gostaria. Ter la... Oportunidade. Cambiar, morar em outra casa. Esse é muito pequeno. Espacio es poco para 05 pessoas (LEONARDO).⁴²

³⁹ Sim eu me sinto bem morando aqui. Gosto desse local, bonito. Meus filhos gostam de morar aqui, porque é seguro.

⁴⁰ Muito legal. Muito legal aqui. Eu gosto muito aqui dessa rua, dessa casa, da dona da casa. Tudo.

⁴¹ Nessa casa que eu estou vivendo me sinto bem.

⁴² Sim, eu gostaria de ter a oportunidade de trocar, morar em outra casa. Essa é muito pequena. Espaço é pouco para 5 pessoas.

A moradia é muito importante para a inserção social, pois gostar do ambiente onde se mora indica não apenas ligação com o entorno físico, mas também com o entorno social. Essa moradia representa para os refugiados um espaço de construção da sua identidade, onde este passa a se sentir pertencido ao local e a ter apego. Para Fernandes (2004, p. 77), “o ambiente físico e o espaço construído e habitado seriam uma espécie de sustentação da memória que, em parte, estabelece quem somos e de onde viemos. Uma identidade ligada ao passado e ao futuro”. Nesse sentido, a existência de um espaço para viver remete ao sentido de morar, o qual contribui para a construção identitária do indivíduo. Quando a moradia não transpassa uma satisfação ou apego ao local, essa identificação com a comunidade é dificultada, ou mesmo inexistente.

Por outro lado, no que diz respeito às relações de amizade, considerou-se a necessidade de entender como as famílias se relacionam com a comunidade a qual está fazendo parte. Verificou-se que as famílias Muñoz, Carbonell e Bautista apresentaram certo distanciamento nas relações de amizade com os vizinhos e integrantes da comunidade. Somente a família Soares apresentou uma relação de ajuda mútua. Verificam-se esses resultados nas falas a seguir:

Conversam. Se ellos piden un favor para mi, eu faço quando eu tenho, tudo isso. E quando... Ellas también, quando eles olham que eu não tenho, então eles traem para mim... Isso, gosto de eso... Outros são peruanos, brasileiros e uma colombiana. São meus vizinhos (SOPHIA).⁴³

Bem. Eu não fui uma pessoa que no fué amigable, mas não gusta estar en las casas, no. Só siento afora, sabe, assim? "Vizinha, senta aqui, aqui hay una cadeira". Tu sientas, pero no gusta entrar en las casas. É bom día, boa tarde, boa noite, assim. Pero bien... Bem, todo bem (RITA).⁴⁴

Aqui não falam muito, assim, com as pessoas. Pero com vecinos eu me dou bem (LEONARDO).⁴⁵

No, los vecinos son buenos. A veces yo hablo con ellos. A veces... No, yo vivo en mi casa y ellos en su casa, sí? (SAMANTA).⁴⁶

As famílias Carbonell, Bautista e Soares ainda comentaram a respeito da relação dos filhos com outras crianças, conforme as falas abaixo:

⁴³ Conversam. Se eles pedem um favor pra mim, eu faço quando eu posso, é isso. E quando... elas também olham que eu não tenho, então eles trazem para mim. Disso eu gosto. Outros são peruanos, brasileiros e uma colombiana. São meus vizinhos.

⁴⁴ Bem, eu não sou uma pessoa que não seja amigável, mas não gosto de estar na casa dos outros, não. Só sento do lado de fora, sabe, assim? “Vizinha, senta aqui, aqui tem uma cadeira”. Tu sentas, mas não gosto de entrar nas casas. É bom día, boa tarde, boa noite, assim. Mas está bem...tudo bem.

⁴⁵ Aqui não falam muito, assim, com as pessoas, mas com os vizinhos eu me dou bem.

⁴⁶ Não, os vizinhos são bons. As vezes eu falo com eles. As vezes...Mas eu vivo na minha casa e eles nas suas casas.

Os filhos deles brincam muito com meus filhos. Gosto deles (SOPHIA).⁴⁷

Más que todo la niña y a mi hija mayor. Ella no sale nada, a ella no le gusta tener a amigos. Ahorita que estaba estudiando, ella venia del colegio, venia para acá. Así, ¿me entiendes? Vive muy solita (SAMANTA).⁴⁸

Para Phinney (2004), “os migrantes adultos chegam a um novo país com um sentido bem estabelecido de sua identidade nacional” (p.51). A viagem até o país que reside obriga ao refugiado a sentir-se como o “outro”, mesmo que temporariamente. Tal percepção não o deixa sentir-se em casa (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014). Todavia, com o tempo, o migrante torna-se propenso a modificar seus valores e percepções quanto ao que ele é, podem propiciar uma hibridização da identidade. No entanto, as crianças estão mais propensas a absorverem a nova identidade nacional. Phinney (2004) apresenta bem essa propensão quando comenta que “os filhos dos migrantes que tendem a se identificar com o seu país de residência, tornando-se mais forte essa identidade nacional com as próximas gerações” (p.51). Essa socialização dos filhos de refugiados que participam das atividades sociais como festas, escolas a lado de crianças brasileiras propicia um repertório de valores, crenças e conhecimentos que são difundidos e compartilhados com os familiares. Este sentimento de pertença dos filhos é positiva aos refugiados e favorece a inserção social desse grupo que passa a ter reforçada a construção de uma identidade social positiva junto a comunidade que faz parte (DESCHAMPS; MOLINER, 2014). Deve-se, portanto, compreender que a identificação com a identidade brasileira propicia aos grupos de refugiados uma facilitação na inserção social, pois as diferenças são amenizadas e conseqüentemente a identificação com o grupo de habitantes locais vai se fortificando, por se compartilhar as mesmas ideias e posicionamentos.

A respeito da participação em atividades sociais e lazer com a família, procurou-se identificar o nível de socialização, bem como as práticas de lazer da família. Quanto às atividades sociais, verificou-se que a família Soarez socializa com outras famílias. As famílias Muñoz e Bautista possuem uma socialização limitada e a entrevistada da família Carbonell foi restritiva na sua resposta deixando claro que não socializa. Vejamos esses entendimentos nas falas abaixo:

Quando é dia de domingo, eles fazem... És un asado [...] eles convidam nós. E eu não siento así, rechazada, não. Ele invitam muito meus filhos, essas coisas. Eu não siento, así... rechazada, não. Não sinto. Eu sinto bem quando estou com eles, assim, falando, tudo reunido. No, eu não siento así, no... Sinto bem com eles (SOPHIA).⁴⁹

⁴⁷ Os filhos deles brincam muito com meus filhos. Gosto deles.

⁴⁸ Más que tudo a menina, a minha filha maior. Ela não sai para nada, ela não gosta de ter amigos. Agora ela estava estudando e voltava do colégio, veio para cá. Assim, me entende? Vive muito sozinha.

⁴⁹ Quando é dia de domingo, eles fazem... É um churrasco [...] Eles nos convidam. Eu não me sinto excluída,

Ayudando con alguna cosa o invitando para fiesta[...] Meus filhos que vão, por exemplo, para festas (LEONARDO).⁵⁰

No que se refere às relações de amizade com os vizinhos e moradores do bairro onde moram, verifica-se que as famílias mantem uma relação distanciada, porém mantem uma postura de boa vizinhança. De acordo com Elias e Scotson (2002), as comunidades que recebem estrangeiros têm uma expectativa de que esses *outsiders* se enquadrem às normas de controle social e crenças do grupo, demonstrando disposição para se adaptar e conviver harmoniosamente.

Uma entrevistada afirma que possui um relacionamento onde ajuda e é ajudada quando necessário. Elias e Scotson (2002) apresentam o caso da comunidade de Winston Parva, que prestou apoio aos imigrantes que chegaram à década de 1940 na cidade e como foi prestado um apoio e esse grupo necessitado. Todavia esse apoio está envolto de uma questão de entendimento de superioridade do grupo que acolhe: “diferentes grupos que ocupam a mesma vizinhança possuem estratificações sociais distintas. Os imigrantes ocupam um quadro social inferior ao dos moradores locais já residentes e estabelecidos no local” (p.63).

As outras famílias apresentam uma relação de amizade distanciada com os vizinhos. As barreiras, porém praticamente não existem quando se trata da relação entre crianças moradoras e refugiadas. A participação nas atividades sociais da comunidade praticamente é limitada a idas à igreja ou momentos rápidos de socialização na frente das casas, e, conversas rápidas. Mostra-se que essa relação entre vizinhos possui uma distinção entre os grupos, sendo esta característica definidora do comportamento intergrupar (ALFINITO; CORRADI, 2011). Quando essa relação não se constrói logo no início, ficando um hiato entre os grupos, a comunidade local pode não se revelar receptiva aos refugiados, sobretudo em virtude das diferenças culturais entre eles (MOREIRA, 2007).

Uma forma que os refugiados têm para estabelecer um relacionamento com aceitação desse grupo estrangeiro é se apegarem a situações que “engrandecem os habitantes locais para justificar a sua superioridade e que rotulam as pessoas do loteamento como sendo de categoria inferior” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.65). Essa procura pela aceitação obriga o refugiado a mudar para obter um contato com esse grupo, o que Berry (2004) chama de aculturação.

Por outro lado, quanto ao que as famílias fazem para se divertir, todos disseram que

não. Eles convidam muito meus filhos, essas coisas. Eu não sinto, assim excluída, não. Não sinto. Eu me sinto bem quando estou com eles, assim, falando, tudo reunido. Não, eu não me sinto assim, não... Sinto-me bem com eles.

⁵⁰ Ajudando com alguma coisa ou convidando para festas [...] meus filhos que vão, por exemplo, para festas.

saiam para espaços abertos, como áreas de lazer coletivo. A família Muñoz ainda cita almoços no final de semana com a família e conhecidos. Vejamos as falas a seguir:

Então, quando tenhamos e todo dia domingo levamos a nossos filhos para Ponta Negra (SOPHIA).⁵¹

Quando tem tempo de sair, a gente sai para Ponta Negra (LEONARDO).

Pasear, a banhar, comer, hacer un asado, comer (SAMANTA).⁵²

Ligou, como tudo bem, porque también iba venir para almorzar, mas ellos (RITA).⁵³

Uma das opções de lazer encontrada pelas famílias é o passeio a lugares públicos, como a Ponta Negra, e banhos públicos na cidade de Manaus e cercanias. Encontros de familiares e amigos em almoços também é uma opção apresentada pelos entrevistados. Quanto aos encontros para almoçar, pode-se entender que é uma forma de reunir o grupo que se tem maior contato. A ação de comer possui uma relação além da necessidade básica do indivíduo de alimentar-se. Possui uma questão de relações sociais, onde a divisão do alimento atribui um partilha da cultura daquele grupo. De acordo com Silva (2014, p.43) “a cozinha é também a linguagem por meio da qual falamos de nós próprios e sobre nossos lugares no mundo”. Nessas reuniões de família e de grupos de amigos de mesma nacionalidade propicia uma identidade nacional, que por vezes é deixada de lado quando interage com a cultura da sociedade a qual está imersa. Devido à experiência profissional com o atendimento a refugiados colombianos, realizado na Cáritas, este pesquisador tem conhecimento da existência de um restaurante, na cidade de Manaus, gerenciado por colombianos, que serve pratos da culinária colombiana e onde alguns colombianos socializam. Entretanto, nesta pesquisa nenhum dos participantes da pesquisa mencionou esse restaurante.

3.12. A identificação como refugiado

Procurou-se entender qual a percepção das famílias quanto à identificação como refugiado e como isso interfere no sentimento de pertencimento na sociedade manauara. O entendimento de refugiado para as famílias foi diversificado, conforme se verifica nas falas abaixo:

⁵¹ Então quando temos todo o dia de domingo, levamos nossos filhos para a Ponta Negra.

⁵² Passear, tomar banho, comer, fazer um churrasco, comer.

⁵³

Ligou para dizer que vinham almoçar.

É como decir que... Como que fala em Colômbia, como decir arrimada. Não tenho casa, entonces... Moro como cucaracha, tu lo barres y vuelve a entrar. Isso não gosto como falam refugiada (SOPHIA).⁵⁴

Por decir algo, el Estado do Brasil dá para mim como um asilo, llamamos en Colombia, como un asilo. Mas eu puedo ficar aqui tranquila, porque me van a devolver para Colombia. Ellos... No sé ayudar para de pronto... El aula de elas, no Brasil eu tenho derecho a ir e matricular a algun sitio, sí? [...] También tengo derecho de ir a algún sitio y aquiarme, puedo decir algo, falar, policía federal, no sei (RITA).⁵⁵

Eu pensava que era... Era um pouco mais fácil de chegar em outro país sendo refugiado. [...] Mas é que tem muita gente aqui que não vem fugindo, se não que querem mudar de vida (LEONARDO).

Refugiada seria como venir escondida. Refugiada seria como yo venir como a escondida, ¿sí? [...] yo siento bien protegida aquí. Si yo voy a otro lado, van me perseguir (SAMANTA).⁵⁶

Quando questionados a respeito do que seria um refugiado, os entrevistados tiveram respostas diversas. Uma das respostas apresenta a questão de sentir-se uma sem teto. Nas palavras de Sophia, *arrimada*. Ela ainda cita que refugiado é morar como uma barata. Este entendimento remete a percepção de uma pessoa sem lugar para ficar, jogada ao relento. De acordo com Silva (2010), esta percepção também é compartilhada por um ex-solicitante de refúgio que afirma que os refugiados “são vistos como moradores de rua” (p.209). Todavia esse entendimento não é de todo equivocado, segundo o autor, pois ocorrem àqueles refugiados que não conseguem ajuda de redes sociais de apoio, restando perambular e viver pelas ruas da cidade.

Outra percepção a respeito do que é ser refugiado é o entendimento de ter direitos. Com esse discurso, verifica-se que a refugiada passa a se sentir indivíduo enquanto sujeito de direitos a partir e sua inserção no grupo de indivíduos protegidos no âmbito do Direito Internacional, neste caso o Direito Internacional dos Refugiados (MOREZ, 2009). Alfinito e Corradi (2011) comentam que a percepção de justiça está ligada ao que as pessoas esperam como justo em suas relações, o que causa um entendimento de equidade de justiça ao indivíduo.

O entendimento de acesso facilitado ocorre porque chegando à fronteira qualquer

⁵⁴ É como dizer que...como se fala na Colômbia, como dizer que é um sem teto, não tem casa, então... mora como uma barata, você vai e volta a entrar. Disso eu não gosto como falam dos refugiados.

⁵⁵ Por dizer algo, o estado do Brasil dá para mim como um asilo, chamamos na Colômbia, como um asilo. Mas eu posso ficar tranquila, porque não vão de devolver para a Colômbia. Eles sabem ajudar de imediato As aulas no Brasil, eu tenho direito a ir e me matricular em algum lugar, sim? [...] Também tenho direito de ir a algum lugar e dizer algo, falar, polícia federal, não sei.

⁵⁶ Refugiada seria como vir escondida. Refugiada seria como eu vir como uma escondida, sim? [...] Eu me sinto bem protegida aqui. Sim, se eu for para o outro lado, vão me perseguir.

estrangeiro pode solicitar refúgio, basta se dirigir a uma autoridade migratória, entre elas a Polícia Federal. Conforme o Art 7 da Lei nº 9474 de 1997:

o estrangeiro que chegar ao território nacional poderá expressar sua vontade de solicitar reconhecimento como refugiado a qualquer autoridade migratória que se encontre na fronteira, a qual lhe proporcionará as informações necessárias quanto ao procedimento cabível.

§ 1º Em hipótese alguma será efetuada sua deportação para fronteira de território em que sua vida ou liberdade esteja ameaçada, em virtude de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião política.

A quarta refugiada alegou o entendimento de que o refúgio é um esconderijo, mas que se sente protegida. O refúgio tem esse entendimento para ela, visto que após a sua chegada ela não sofreu com as ameaças e violência diária vivida na sua terra natal. Conforme Araújo (2009) o governo oferece proteção aos indivíduos a partir do momento que solicitam o refúgio.

Verifica-se na continuação dessa parte da pesquisa que as famílias entrevistadas, exceto a família Muñoz, sentem-se discriminadas pelo preconceito ao se declararem refugiadas. Vejamos nas falas esse entendimento:

A veces eu falo refugiada. Preguntam por que. Aí mais ou menos yo falo para eles, todas essas coisas e isso. Hay muitas colegas minhas que dão muita moral a uno, que falam muitas coisas boas. Hay outras que não, ignoram, "Ai, eu não gosto como refugiada, não gosto, vocês mataram pessoas e vieram para morar no Brasil". E eu, "Não, não matou, não". Mas aí eles não gostam tampoco, procuro não (SOPHIA).⁵⁷

Pues, sí, para não ficar como mal, porque quando me falaram, "Ah, porque você vem da Colômbia. Porque salió de algún grupo", tal cosa. Pensam que uno viene refugiado, vem que fez alguma coisa errada na Colômbia (LEONARDO).⁵⁸

No. Por lo que... Hay gentes que... Personas que solo usan para información, hay mucha gente para sacar información, "Ay, ¿como se vino? Como vive acá". Sí, de turista. Hay mucha gente que saca informaciones, ¿sí, me entiendes? Más que todo cuando és un colombiano, "Ay, ¿como viene?", como vino para entrar aquí, todo eso, solo para sacar información. [...] Turista. Me pasé aquí, me gustó, me quedé y ya (SAMANTA).⁵⁹

⁵⁷ As vezes eu falo que sou refugiada. Perguntam por que. Aí eu falo mais ou menos para eles, todas essas coisas. Tenho muitos colegas que dão muita moral para uns que falam muitas coisas boas. Tem outras que não, ignoram, "Ai, eu não gosto como refugiada, não gosto... Vocês mataram pessoas e vieram para morar no Brasil?". E eu, "Não, não matei, não". Mas aí eles não gostam tampouco.

⁵⁸ Pois assim, para não ficar como mal, porque quando me falaram, "ah porque você vem da Colômbia. Porque saiu de algum grupo", tal coisa. Pensam que quando um refugiado chega é porque ele fez alguma coisa errada na Colômbia.

⁵⁹ Não. Porque existem pessoas que somente usam para informações. Tem muita gente para tirar informações, "Como vieram? Como vive aqui?". Sim, de turista. Tem muita gente que tira informações, me entende? Mais comumente quando é colombiano, Como vens? Como fizestes para entrar aqui? tudo isso, somente para tirar informações. [...] Turista, passei por aqui, gostei e fiquei aqui.

Sí. Yo me declaro como refugiada (RITA).⁶⁰

As famílias Soarez e Bautista percebem os manauaras como preconceituosos em relação aos refugiados colombianos, enquanto as famílias Muñoz e Carbonell não percebem qualquer tipo de preconceito dos brasileiros com os refugiados. Verifica-se essa percepção nas falas abaixo:

Hay muchos que... Todo no gusta de tudo, não é? (...) Então... Brasileiro pasa como brincando. Ele fala, "Ai, colombiano... Quanto farinha branca traje? Trouxe?". Então eso é outra coisa que não gosto por ser colombiana. Porque ellos falam muito que colombiano é que trazem muita droga, essas coisas (...) Que falam, "Essa aí trouxe farinha branca, ou trouxe maconha", essas coisas (SOPHIA).⁶¹

Ellos han dado cuenta que aquí no hace distinción de raza, de nada. De nada, de nada. Nosotras que somos extranjeras, no nos hacen como a un lado, como... No. Você se sente discriminada? [ENTREVISTADOR] No. No. No. Todo bien (RITA).⁶²

Não, sempre tem um ou outro que não sabem, no les gustan... Mas é... (LEONARDO).⁶³

No, porque los brasileiros son muy buena gente, no se meten para nada con uno. Ellos, antes, los ayudan a uno (SAMANTA).⁶⁴

Um dos refugiados entrevistados comenta que foi discriminado por falar outro idioma. A discriminação provém de transformar em ação o preconceito, que é a atitude relacionada a crenças negativas com relação ao objeto que pode ter sua gênese no contexto social e cultural do indivíduo (PEREZ-NEBRA; JESUS, 2011). Ou seja, os preconceitos são baseados em percepção de homogeneidade em grupos. A discriminação é quando agimos de maneira preconceituosa ou de maneira discriminatória com grupos sociais. Quanto à questão do idioma e o preconceito, Coelho e Mesquita (2013, p.25-26) comentam:

A língua envolve todas as ações e pensamentos humanos e possibilita ao indivíduo exercer influências ou ser influenciado pelo outro, desempenhar seu papel social na sociedade, relacionar-se com os demais, participar na construção de conhecimentos e da cultura, enfim, permite-lhe se constituir como ser social, político e ideológico.

⁶⁰ Sim, eu me declaro refugiada.

⁶¹ Tem muitos que...nem todos gostam de tudo, não é? Então, brasileiro passar como se estivesse brincando e fala "Ai, colombiano... Quanto de farinha branca você trouxe?" Então isso é outra coisa que não gosto por ser colombiana. Porque eles falam muito que colombiano é quem trás muita droga, essas coisas. (...) Que falam, "Essa aí trouxe farinha branca ou trouxe maconha", essas coisas.

⁶² Eles têm dado conta que aqui não tem distinção de raça, de nada. De nada, nada. Nós que somos estrangeiros, não nos discriminam, não. Você se sente discriminada? [ENTREVISTADOR] Não, não, tudo bem.

⁶³ Não, sempre tem um ou outro que não gosta da gente... Mas é...

⁶⁴ Não, porque os brasileiros são muito boa gente, não se metem para nada conosco. Eles nos ajudam.

A existência do preconceito e da discriminação ocorre não somente com os refugiados, mas com todos os estrangeiros e todos os *outsiders*, trazendo novos valores, crenças e culturas ameaça o grupo estabelecido, pois suas crenças e valores estão sendo ameaçados. No Brasil, o preconceito se expressa continuamente, não apenas pelas atitudes e práticas cotidianas das diversas comunidades, mas através da estrutura social que afasta as populações sócio-historicamente discriminadas, estratificando de maneira desigual os grupos (PEREZ-NEBRA; JESUS, 2011).

Esses preconceitos podem se transformar em discriminações. Um bom exemplo é entender que a classificação simbólica de um forasteiro é a de ser um criminoso, pois destoam da ordem social, afinal eles não são habitantes locais, são forasteiros, pessoas perigosas, devendo ser separadas e marginalizadas (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014). Ao mesmo tempo em que os imigrantes são duplamente indesejados porque chegam trazendo outra cultura são rejeitados porque chegam para roubar os empregos dos habitantes locais (OLIVEIRA, 2008).

Todavia esse preconceito somente existe devido à existência da diferença de hierarquias entre os elementos diferentes. A diferença é um elemento central dos sistemas classificatórios por meio dos quais os significados são produzidos (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014). A relação de diferença e identidade está intrinsecamente ligada, assim, com o preconceito.

Um das questões, exposta por uma das entrevistadas que não gostava de dizer ser colombiana por associarem o colombiano com tráfico de drogas, mostra-se bem presente na sociedade. Segundo Silva (2010, p.214), “para o senso comum, “colombiano” é sinônimo de “traficante” até que se prove ao contrário”. Apesar de ter uma intenção somente de brincadeira ou chacota, existe uma questão mais importante nessa designação. Se perguntar-se a um brasileiro se todos os colombianos são traficantes, provavelmente ele falará que não. Porém é por meio dessa característica que se classifica um colombiano, colocando em performance tais preconceitos:

ao dizer algo sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, achamos que estamos simplesmente, descrevendo uma situação existente, um fato do mundo social. O que se diz faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo (SILVA HALL; WOODWARD, 2014, p.93).

Entende-se com isso que se perguntar a um refugiado colombiano se já matou alguém somente pelo fato de ser refugiado, já estaremos diferenciando ele do nosso grupo e

colocando-o em uma posição de inferioridade em relação ao meu grupo. Tal entendimento é percebido por Goffman (1988) não como sendo apenas um atributo pessoal, mas uma forma de designação social. Essa estigmatização imputa aos refugiados uma posição de inferioridade, bem como “reflete o preconceito que seus membros sentem perante os que compõem o grupo outsider” (ELIAS; SCOTSON, 2002, p.35). Para Lima e Vala (2004, p.12),

o processo de infra-humanização resulta da negação a membros dos exgrupos de determinadas características humanas, características que compõem a essência humana tais como valores, a cultura, a linguagem, a inteligência, e a capacidade de expressar sentimentos, pelos quais os grupos opressores deslegitimam os grupos oprimidos, atribuindo-lhes características extremamente negativas, o que é um processo que se percebe desde os primórdios da humanidade.

Goffman (1988) ainda comenta que o grupo acredita que o grupo estigmatizado não seja completamente humano e, com base nisso, faz vários tipos de discriminações, reduzindo suas chances de vida. Elias e Scotson (2002) comentam que a estigmatização dos *outsiders*, enquanto estigma matéria, isto é, coisificado, retira-se do grupo estigmatizador qualquer responsabilidade. Isso significa que aqueles que chamam os colombianos de traficantes e matadores respaldam-se no simbólico para eximir-se da responsabilidade da estigmatização depreciativa.

Verifica-se, portanto, que a estigmatização, o preconceito e a discriminação são fenômenos que são provenientes de um processo social que produz as identidades e as diferenças dos estabelecidos (os brasileiros, a nação anfitriã) e *outsiders* (os refugiados, os colombianos).

3.13. A identidade colombiana

Investigou-se também qual a compreensão dos entrevistados do que é ser colombiano, com o intuito de compreender a identidade cultural dos refugiados colombianos residentes em Manaus. Verificou-se que as famílias expressam sentimentos positivos por serem colombianos, mas sem explicar o que caracteriza essa identidade. Depreende-se esses sentimentos nas falas dos entrevistados:

Eu gosto de ser colombiana. Sou orgulhosa de ser colombiana (SOPHIA).⁶⁵

Ay, para mi es un orgullo ser colombiana (RITA).⁶⁶

⁶⁵ Eu gosto de ser colombiana. Sou orgulhosa de ser colombiana.

⁶⁶ Ah, para mim é um orgulho ser colombiana.

De meu país. Quando eu falo que eu sou colombiano, eu penso... Eu gosto (LEONARDO).⁶⁷

Me gusta ser colombiana, también porque lo que pasa ser colombiana, estoy en Brasil. Me toca...(SAMANTA).⁶⁸

Para analisar esta questão deve-se entender que apesar de estar em outro território, à identidade colombiana ainda existe ativamente em cada refugiado colombiano. Pelas respostas percebe-se a existência dessa identidade nacional. Esta se refere ao “sentimento de pertença a um país ou estado soberano” (PHINNEY, 2004, p.50). O autor ainda comenta que esta identidade, porém, pode ser transformada de acordo com o sentimento de lealdade que o refugiado tiver do seu novo país. Pode-se perceber também a questão da identidade social a partir de uma descrição e análise do comportamento intergrupar encontrado nesses resultados. A identidade social do colombiano é expressa pelo conjunto de suas vinculações no sistema social, no caso a própria nação, culinária, música, entre outras (BERLATTO, 2009).

A construção da nossa identidade ocorre através das posições que assumimos e com os quais nos identificamos (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014). Em complemento Tajfel (1972 apud TURNER, 2010) explica que a identidade social do indivíduo está intimamente ligada ao sentimento de pertença a um grupo social, bem como o significado emocional e avaliativo resultante desta associação. Desta forma compreende-se que os colombianos preservam características de sua identidade colombiana.

Quanto questionados a respeito de ser colombiano, todos os entrevistados souberam expressar os seus sentimentos, mostrando o orgulho de ser colombiano, mas sem especificar quais as características que determinam essa identidade. Esses refugiados desenvolveram uma identidade positiva, que manteve o seu autoconceito e autoestima, bem como um sentimento de pertença (PEREZ-NEBRA; JESUS, 2011). Em relação à questão do sentir-se pertencido, Bonomo (2010) afirma que o sentir-se pertencido a um grupo estabelece quais elementos constituirão as suas representações sociais e a identidade social do grupo.

Somente uma entrevistada se contradisse, após declarar orgulho de ser colombiana, alegando que em alguns momentos ela não gosta de se declarar colombiana em face das comparações e preconceitos que sofre.

Verifica-se que o sentimento de patriotismo e nacionalidade não está agregado somente a governo ou questão política, mas há algo muito maior ligado à questão de grupo social, território e pertencimento. Para Perez-Nebra e Jesus (2011), a identidade nos

⁶⁷ De meu país, Quando eu falo que eu sou colombiano, eu penso...Eu gosto.

⁶⁸ Gosto de ser colombiana, também por ser colombiana e estar no Brasil. Me toca.

caracteriza pelo pertencimento ao grupo e nos distingue de outros, apresentando três componentes básicos: a percepção de fazer parte de um grupo social, o pertencimento a este grupo e o sentimento relativo a esse pertencimento. Os mesmos autores alegam que de acordo com o grupo de que fazemos parte, esses componentes podem variar, estando intimamente ligado ao nosso autoconceito. Para Guareshi e Bruchi (2013), os processos da construção identitária estão sempre envolvidos com a diferença, pois sou aquilo que o outro não é. Complementando, Cabecinhas e Lázaro (2007, p.413) comentam que “os indivíduos procuram construir uma identidade social positiva mediante comparações entre o seu grupo e o(s) grupo(s) dos outros, sendo estas comparações baseadas em dimensões associadas a valores sociais dominantes e conduzindo ao favoritismo pelo grupo de pertença”. Com essa discussão depreende-se que a identidade, seja social ou cultural, propicia a manutenção de características dos refugiados como colombianos, independente de estarem em território colombiano ou a centenas de quilômetros de sua cidade de origem.

Todas as famílias alegam guardar costumes da Colômbia, sendo unânime a culinária colombiana. A família Soarez citou ainda as festas típicas; a família Bautista, a música; e a família Carbonell acresceu a música e as missas em espanhol em suas tradições mantidas. Verificam-se esses costumes nas seguintes falas:

A comida y la festa. [...] Faço só de mi terra[relativo a festas]. És como al fazer sancocho y tamales, típico de Colombia, onde eu moro, en Villavicencio, fazemos muito eso. [...] O único que fazemos, mas nunca... Invitamos otros brasileiros, pero um ratito, no más. No gostamos (SOPHIA).⁶⁹

La comida. Eu cocino a los colombianos (RITA).⁷⁰

La comida. [...] Música también, a gente escuta música (LEONARDO).⁷¹

Ah, sí. Yo hago comida colombina en la casa. [...] Sí, hay música brasileira que uno gusta también, ¿no? [...] Hay veces, cada año... Primero mes de... Hace mes... Hay una misa que es San Geraldo, cada 06 meses (SAMANTA).⁷²

Quando questionados a respeito das características colombianas que mantem no Brasil, verificou-se que todos mantem a tradição das comidas e algumas famílias da música e

⁶⁹ A comida e a festa. [...] Faço somente da minha terra[relativo a festas]. É como fazer sancocho y tamales, típico de Colômbia, onde eu moro, em Villavicencio, fazemos muito isso. [...] Somente isso que fazemos, mas nunca convidamos brasileiros, somente um tempinho, não mais que isso. Não gostamos.

⁷⁰ A comida. Eu cozinho para os colombianos.

⁷¹ A comida. [...] Música também, a gente escuta música.

⁷² Ah, sim, eu faço a comida colombina em casa. [...] Sim, tem música brasileira que se gosta também, não? [...] tem vezes que, a cada ano, no primeiro mês de... tem uma missa que é São Geraldo, a cada 6 meses.

das festas típicas. Tais características remetem esse grupo a uma identificação com seu país de origem e a identidade nacional. Mesmo estando em outro país, à necessidade da manutenção dessas características faz do refugiado ainda um colombiano.

A cultura na forma ritual, do símbolo e da classificação, é central à produção do significado e da reprodução das relações sociais. Esses rituais se estendem a todos os aspectos da vida cotidiana: a preparação de alimentos, a limpeza, a desfazer-se das coisas – tudo desde fala até a comida (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014). Em complemento a essa ideia, De Rosa e Mormino (2000 apud BONOMO, 2010, p. 57) “a variabilidade das expressões folclorísticas, através do tempo e do espaço, poderão ser interpretados como elementos de conservação da identidade grupal nos quais se manifestam os esforços para a continuação da comunidade”.

Uma das formas de se preservar a identidade e a cultura é por meio da comida. A cozinha estabelece uma identidade entre o indivíduo (cultura) e a comida (natureza) (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014). Ao se comer um prato típico do seu país, o indivíduo se remete a suas crenças, valores e cultura arraigadas na sua subjetividade entendidas como pertencente a ele. Silva, Hall e Woodward (2014, p.43) afirmam que “a cozinha é o meio universal pelo qual a natureza é transformada em cultura, [...] aquilo que comemos pode dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura na qual vivemos”. As festas também remetem a identificação. Porém deve-se lembrar de que as festas normalmente são comemoradas com comida, pois o alimento tem papel na construção identitária e na mediação da cultura e transformação do natural (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014).

As famílias ainda falaram a respeito das relações que possuem com outros colombianos. As famílias Bautista e Carbonell apresentaram um distanciamento de outros colombianos em Manaus. A família Soarez apresenta parte da família que se relaciona e outra parte não. A família Muñoz alegou uma boa relação com outros colombianos. Vejamos essas relações nas seguintes falas:

Tampoco nunca me trato con muchos colombianos, no. Sólo saludo y ya. Mi esposo, sí, tiene muchas relaciones con muchos colombianos (SOPHIA)⁷³

Ay, eu encontro a muitos colombianos, muy bien, muy bien porque somos como... Por el hecho de ser colombianos, ya somos familia aquí. Entonces... Me gusta encontrar con ellos. [...]Entonces son como se fueran familia, porque cuando lejos de colombiano aquí... És muy chévere conocer colombianos. É bom (RITA)⁷⁴

⁷³ Também nunca me relacionei com muitos colombianos, não. Somente os cumprimento e pronto. Meu marido, sim, tem muitas relações com muitos colombianos.

⁷⁴ Ah, eu encontro muitos colombianos, muito bem, por que somos como...pelo fato de sermos colombianos, já

Não tenho, assim, muito contato. Sempre quando eu encontro algum aqui que fala, já... (LEONARDO)

cuando hay reunión, así, cuando encuentro, uno saluda. Porque uno ya conoce cuando es refugiado, cual no está refugiado, así. ¿Sí? "Ah, ¿cómo estás? ¿Dónde estás?", así, ya saluda, uno se va (SAMANTA).⁷⁵

Apesar de a maioria dos entrevistados possuírem um distanciamento dos colombianos, pelo receio já explanados anteriormente, uma entrevistada possui uma boa relação com refugiados colombianos, os quais são da sua turma de português, aula oferecida na pastoral para os refugiados recém-chegados.

Rita comenta que prepara almoços para o grupo se reunir nos domingos, uma vez que a comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias, bem como reforçar a sua identidade em relação a um grupo. Considerando que esta família é sozinha em Manaus, sendo somente a matriarca e duas filhas pequenas, verifica-se a necessidade de pertencer a um grupo que foi construído com integrantes que viviam uma mesma situação e frequentavam mesmos lugares.

3.14. A identidade brasileira

Pesquisou-se a percepção dos colombianos a respeito do que é “ser brasileiro”, bem como identificar as características tipicamente brasileiras já adquiridas pelos refugiados. Tal proposta visou entender a questão da hibridização das identidades brasileira e colombiana nos refugiados colombianos. No que se refere ao que é ser brasileiro, todas as famílias descreveram o brasileiros com adjetivos positivos, conforme mostra-se nas falas:

Yo contestaría algo así, ellos son buena gente, colabora mucho a uno, muchas cosas. Todo es... Que no tengo nada más a decir, porque yo, a mí me han colaborado mucho, [...] me colaboran mucho (SAMANTA).⁷⁶

Que son muy... Muito alegres, querem... Tem muita festa aqui (LEONARDO).⁷⁷

somos uma família aqui. Então... Eu gosto de encontrar com eles. [...]Então são como se fossem uma família, porque por estarmos longe de colombianos é muito legal conhecermos colombianos. É bom.

⁷⁵ Quando tem alguma reunião, assim, quando encontro eu cumprimento. Porque um já conhece quando é refugiado ou quando não é refugiado, assim. Sim? “Ah, como estas? Onde estas? Assim, já cumprimenta e se vai.

⁷⁶ Eu responderia assim, eles são boa gente, colabora muito conosco em muitas coisas. É tudo, não tenho mais nada a dizer, porque eu, para mim eles tem ajudado muito, me ajudam muito.

⁷⁷ Que são muito, muito alegres, querem... Tem muita festa aqui.

Brasileiro é muito divertido (SOPHIA).

O que é ser brasileiro? Una persona muito boa, mas el único problema é ser... É falar la lengua portuguesa. Mas eu gosto mucho de brasileiros, brasileiras porque son gente muy amable, tratable (RITA).⁷⁸

Tais trechos apresentam um entendimento do ser brasileiro direcionado para uma pessoa amável, extrovertida e alegre. Os entrevistados percebem o brasileiro como um indivíduo com procedimentos positivos, um estereótipo de boa pessoa. De acordo com Perez-Nebra e Jesus (2001), os estereótipos são as crenças e atributos compartilhados sobre um grupo. Neste caso as crenças compartilhadas pelos colombianos em face de encontros durante atividades festivas, missas ou por comentários de terceiros são generalizados, como sendo algo constante e não momentâneo. Há uma tendência geral humana a generalizar a partir de similaridades percebidas e a não se focar no que é diferente. Por outro prisma, verifica-se que esta percepção da identidade brasileira, também cria uma diferenciação, pois se estabeleceu o que o Outro é (os brasileiros) definindo o que eu não sou. Para Berlatto (2009) o processo de identificação tem como foco a marcação dos limites entre ‘eles’ e ‘nós’ e, imediatamente, de estabelecer e manter a chamada fronteira. Entretanto, deve-se considerar, conforme a identidade social que “é através de sua pertença a diferentes grupos que um indivíduo adquire uma identidade social que define o lugar particular que ele ocupa na sociedade” (DESCHAMPS; MOLINER, 2014, p.66-67).

Uma entrevistada comentou que gostaria de ser brasileira devido à alegria que esses apresentam. A forma extrovertida faz com que a entrevistada declare que queria ser brasileira. Para Silva, Hall e Woodward (2014), esse desejo representa a existência de um hibridismo cultural que deve ser visto e analisado na condução do processo de produção das identidades nacionais, raciais e étnicas. Essa apresentação de uma identidade híbrida coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas e segregadas.

Verifica-se ainda que o desejo de ser brasileiro pode estar ligado à questão da mobilidade individual, ou seja, quando o indivíduo percebe-se em desvantagem dissocia-se do endogrupo e tenta se associar ao exogrupo mais poderoso (BERRY, 2004). Com entendimento similar da identidade social, Deschamps e Moliner (2014) apresentam o entendimento de mobilidade social como uma ferramenta do indivíduo, visto a necessidade de pertencer a um grupo socialmente valorizado. Na percepção da refugiada ser comparada a

⁷⁸ O que é ser brasileiro? Uma pessoa muito boa, mas o único problema é falar a língua portuguesa. Mas eu gosto muito de brasileiros, brasileiras porque é boa gente, muito amáveis, tratáveis.

uma traficante desvaloriza a seu grupo e em consequência a sua identidade, necessitando de uma mudança, pois o indivíduo necessita de uma identidade social positiva.

Quanto às características brasileiras adquiridas todas as famílias afirmam que a culinária foi uma característica adquirida. A família Bautista ainda inclui a música brasileira. Podemos verificar nas falas:

Eles [os filhos de Sophia] gostam tudo agora de coisas de Brasil. Porque aqui fala, comem muito macarrón, fríjoles, essas coisas. Então quando é festa, así, que fazem em Brasil, eles também querem ir para lá. Eles falam, "Não, mamãe, vamos lá, porque eu sou brasileiro", ele fala assim (SOPHIA).⁷⁹

"Eu gostaria ser brasileira como vocês". Ellos falavam para mim, "Sophia, você já é brasileira, só que você não sabe falar português". Eles falavam para mim assim, então, eu gosto (SOPHIA).⁸⁰

Os bolos. [...]E gosto mucho de... Aonde vende tapioca (RITA)⁸¹

De la música, la comida, sí, también. Sí. La música, forró. La comida también (LEONARDO)⁸²

Allá en Colombia no se mira farinha, no se mira pimenta, nada de eso. Arroz, carne, nada más. Aquí ustedes en un restaurante... Papa... Hay patacón, hay eso. Fríjol, todo eso. Allá no se mira arroz... Digo, la farinha. Tapioca, com açaí (SAMANTA)⁸³

A questão a identificação com a culinária por todas as famílias dos entrevistados propõe a ideia de que a comida pode ser uma necessidade básica do indivíduo, mas também pode deve ser interpretada como uma questão social. A comida remete a uma questão de relações sociais, onde a divisão do alimento atribui um partilha da cultura daquele grupo (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014). Essa partilha pode ser entendida como uma hibridização de cultura e identidade. A hibridização é bilateral, onde a identidade hegemônica também se transforma.

Quando os refugiados passam a residir em outro território, buscam uma adaptação ao meio, iniciando uma construção identitária a qual se constitui de características de sua antiga cultura e cultura do país que o recebeu. Essa transformação ocorre nos grupos de migrantes, e no caso, aos refugiados. Essa mistura de culturas cria uma identidade híbrida onde não existe integralmente nenhuma das identidades originais, apesar de se guardar traços delas (SILVA,

⁷⁹ Eles [os filhos de Sophia] agora gostam de tudo do Brasil. Porque aqui comem muito macarrão, feijão, essas coisas. Então quando tem festa, assim, que fazem no Brasil, eles também querem ir para lá. Eles falam, "Não, mamãe, vamos lá, porque eu sou brasileiro", eles falam assim.

⁸⁰ "Eu gostaria ser brasileira como vocês". Eles falavam para mim, "Sophia, você já é brasileira, só que você não sabe falar português". Eles falavam para mim assim, então, eu gosto.

⁸¹ Os bolos. [...]E gosto muito de... Aonde vende tapioca.

⁸² Da música, a comida, sim, também. A música, forró. A comida também.

⁸³ Na Colômbia não se vê farinha, não se vê pimenta, nada disso. Arroz, carne, somente isso. Aqui vocês em um restaurante... papa...tem patacón (comida típica colombiana), tem isso. Lá não se vê arroz, digo a farinha, tapioca, com açaí.

HALL; WOODWARD, 2014).

3.15. As relações intergrupais

Também foi pesquisado a respeito das relações que os refugiados têm com os brasileiros e com o Brasil. As famílias puderam apresentar o que mais agradava a eles na relação com seus grupos de convivência e o que mais desagradava. Quanto ao que mais agradava as famílias falam:

O que eu gosto é que outra coisa de... Como és... A Ponta Negra, banhar, essa coisa divertida, jogar balon. Essa coisa. Isso eu gosto. E eu faço mucho isso ali em Ponta Negra.[...] Com a família, com minha cunhada. Com cunhado do meu marido, brincamos. Fazemos... Eu quero fazer com ela. Ella también gusta do que eu faço e entendemos a dois, nosotras. Isso eu gosto (SOPHIA).⁸⁴

Que me gusta... São descomplicadas. Que eu trato sempre eles bem (LEONARDO).⁸⁵

Me agradan mis vecinos, porque ellos son... Ellos viven en su casa, yo vivo en mi casa.[...] Eso es que me gusta de mis vecinos. Porque ellos no se meten conmigo, ni yo con ellos, vivo tranquila, como estaría viviendo en mi casa (SAMANTA).⁸⁶

Quanto ao que desagrada nas relações com o grupo que convive, as famílias disseram:

No, no tiene (SAMANTA).⁸⁷

Eu gostaria que entendessem meu idioma também (LEONARDO).

O que me desagrada aquí de Brasil é que hay muchos ratón (RITA).⁸⁸

O que não gosto, assim, coisa de bebida. [...] porque ellos gostam beber muito. Então não gosto uma coisa, porque meu marido bebe muito. E aí ele fica muito bêbado, então termina em brigas. Isso que não gosto (SOPHIA).⁸⁹

Em seguida as famílias descreveram uma situação difícil que porventura tivessem passado com os brasileiros ou no Brasil. Duas famílias identificaram como uma situação

⁸⁴ O que eu gosto é que outra coisa de... Como é... A Ponta Negra, tomar banho, essa coisa divertida, jogar bola. Essa coisa. Isso eu gosto. E eu faço muito isso ali na Ponta Negra.[...] Com a família, com minha cunhada. Com o cunhado do meu marido, brincamos. Fazemos... Eu quero fazer com ela. Ella também gosta do que eu faço e nos entendemos. Isso eu gosto.

⁸⁵ O que eu gosto...são descomplicados. Eu sempre trato eles bem.

⁸⁶ Os vizinhos me agradam, porque eles são...eles vivem em suas casas e eu vivo na minha. Isso que eu gosto nos meus vizinhos. Porque eles não se metem comigo, nem eu com eles. Eu vivo tranquila, como estaria vivendo na minha casa.

⁸⁷ Não , não tem.

⁸⁸ O que me desagrada aqui do Brasil é que tem muito rato.

⁸⁹ O que não gosto, assim, coisa de bebida. [...] porque eles gostam de beber muito. Então não gosto uma coisa, porque meu marido bebe muito. E aí ele fica muito bêbado, então termina em brigas. Isso que não gosto.

difícil os próprios problemas intrafamiliares, enquanto uma família relembrou a diferença linguística e outra ressaltou a discriminação sofrida no trabalho. Vejamos essas questões na fala dos entrevistados:

Como... Difícil, digamos, de outras personas, no. Só difícil com minha família. Por um tempo foi muito difícil, porque brigava muito, batia muito. [...] Quando ele [MARIDO] estava bebendo. Então... Quando eu queria ir para trabalhar, eu não podia, porque a veces tenía muito morado. Então essa coisa foi muito difícil. Muito tempo (SOPHIA).⁹⁰

La única dificultad que tuve fué cuando convivi con el pai de A., que no dejaba salir de la habitación. Eso era como si yo estuviera presa. Entonces eso és lo único desagradable también, así. Depois fué normal (RITA)⁹¹

Não poder falar no começo o português. [...] pero sempre me dava dificuldade para trabalhar. Pelo que não entende o que a gente fala, não é? Porque sempre... Sempre deixam para o lado (LEONARDO).⁹²

Siempre recibí a menos (LEONARDO).⁹³

Os resultados obtidos com a questão do que agrada e o que desagrada na relação com os brasileiros teve com uma das categorias o tratamento que os vizinhos tinham com os refugiados. Um dos refugiados denominou os vizinhos como descomplicados. Quando se atribuiu essas categorias verificou-se que a relação é pacífica, mas o motivo das categorizações de descomplicados e bom tratamento deve-se à existência de uma relação distanciada, o que para os refugiados é algo positivo.

Similares às ideias já apresentadas anteriormente faz-se necessário entender que os grupos locais possuem um tratamento bem-educado e de boa vizinhança, porém sem qualquer proximidade ou intimidade maior. Tal entendimento é também do refugiado que prefere manter uma relação de boa educação, porém sem maiores contatos como frequentar casas ou participar de festas. De acordo com Elias e Scotson (2002), o apoio aos estrangeiros que chegam as comunidades é oferecido, esperando-se apenas que os migrantes sigam as normas de bom convívio e educação institucionalizados naquele grupo.

Quanto às questões que desagradam os refugiados, foi elencada a questão de brigas e bebidas, que envolvem problemas intrafamiliares. As dificuldades encontradas pelos

⁹⁰ Como... Difícil, digamos, de outras pessoas, não. Só é difícil com a minha família. Durante um tempo foi muito difícil, porque brigava muito, batia muito. [...] Quando ele [MARIDO] estava bebendo. Então... Quando eu queria ir para o trabalho, eu não podia, porque as vezes estava com muitos hematomas. Então essa coisa foi muito difícil. Muito tempo.

⁹¹ A única dificuldade que tive foi quando convivi com o pai de A., que não me deixava sair de casa. Isso era com se eu estivesse presa. Então isso foi a única coisa que me desagradou, mas depois foi normal.

⁹² Não poder falar no começo o português. [...] mas sempre me dava dificuldade para trabalhar. Porque não entende o que a gente fala, não é? Porque sempre... Sempre deixam para o lado.

⁹³ Sempre recebi a menos.

refugiados nesses casos são mais direcionadas as mulheres, principais vítimas. Esses problemas intrafamiliares podem atrapalhar a inclusão social dessas mulheres devido à baixa autoestima.

Outra questão já descrita foi dificuldade do idioma que causou dificuldade para comunicar-se e, mesmo para obtenção de emprego. Foi citado ainda que o idioma diferente causa uma exclusão social do refugiado na atividade laboral que desenvolvia. O idioma faz parte da formação da identidade e, conseqüentemente, do estabelecimento da diferença dos grupos e da inferiorização do grupo mais vulnerável. Tal diferença estabelece um preconceito que pode se transformar em discriminação, sendo designada por Berry (2004) como preconceito étnico no qual se produz a rejeição do *outgroup*.

3.16. Conclusão

Neste capítulo ratificou-se a informação de que o principal argumento para o pedido de refúgio das famílias colombianas é a questão da violência e das ameaças infligidas pelas forças paramilitares. Esses refugiados abandonam casa, familiares e emprego e vieram para o Brasil à procura de segurança. Muitos vieram para o Brasil e para Manaus por terem conhecidos morando aqui, por vezes parentes também refugiados. A questão do refúgio não é uma opção em busca de melhores condições de trabalho e moradia, mas uma imposição acarretada pelo medo e pela violência disseminados pelas forças paramilitares. Esse afastamento causa um distanciamento entre os familiares que repercute negativamente, devido à saudade dos parentes, amigos e da cidade de origem.

Mesmo com a dificuldade estruturais e de pessoal existentes na Pastoral do Migrante, além da falta de apoio do governo, verifica-se que um dos fatores que os refugiados consideram como positivos para o processo de inserção social é o acolhimento oferecido por tal instituição em Manaus. Como aspecto negativo foi elencado como principal questão a diferença do idioma, a qual dificulta a comunicação e propicia um afastamento deles com a população local.

Nesses resultados verificou-se também que alguns refugiados ainda têm receio de quanto a sua segurança. Por isso a relação entre os próprios refugiados colombianos é distanciada. Quanto ao trabalho pode-se dizer que todos trabalham em atividades similares ou mesmo iguais ao que trabalhava na Colômbia, o que descaracteriza, pelo menos no grupo investigado, a questão de que os refugiados colombianos chegam a Manaus e ocupam

empregos ou subempregos por uma restrição do mercado de trabalho, mas sim por uma falta de qualificação profissional, mantendo-o na profissão que este já praticava anteriormente.

A questão do pertencimento ou do apego pelo novo território pode ser observada quando a maioria respondeu que estava feliz com o local de moradia e com os seus vizinhos. Entretanto existe um distanciamento entre os grupos, mantendo-se as relações em um nível da boa educação, por meio de cumprimentos e auxílios esporádicos. Esse distanciamento causa ainda um isolamento quanto à socialização intergrupala, que se limita aos parentes em três das quatro famílias.

Os refugiados se identificam como tal, porém apresentam percepções diferentes quanto ao conceito de refugiado. Quanto à identidade colombiana, observou-se que todos possuem um sentimento bom pela sua nacionalidade. Quanto à identidade brasileira, esta foi designada como sendo um estereótipo de boa pessoa.

Verifica-se, portanto, que a inserção social das famílias de refugiados colombianos selecionadas vem ocorrendo com certa limitação, que pode ser acarretada em parte a tímida participação nesse processo pelas esferas do governo, bem como a carência de políticas sociais que propiciem condições de uma família chegar ao Brasil e se reestruturar. A existência de conhecidos ou familiares no local contribui para a inserção social de forma sensível, pois oferece nas primeiras semanas toda a estrutura necessária para a sua instalação na cidade, bem como oferece a segurança de um ente querido ao lado.

No que concerne à implicação identitária durante a inserção social em Manaus, compreendeu-se que os refugiados colombianos sofreram transformações, passando por uma ressignificação quanto à sua identidade nacional constituída. A partir do momento que se iniciou uma relação social entre grupos distintos, criou-se uma nova rede de relações entre os indivíduos, onde uma identidade reflete outra identidade em um contínuo construir-se, visto que o processo identitário não se constrói isoladamente, mas em um conjunto relacional, mantendo, porém, a singularidade do indivíduo (CIAMPA, 1995).

Conclui-se, portanto, que essas discussões a partir dos resultados obtidos na entrevista, propiciaram elementos para apresentar uma breve leitura psicossocial do processo de inserção das famílias de refugiados colombianos na cidade de Manaus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou descrever de forma breve, por meio de uma leitura psicossocial, o processo de inserção dos refugiados colombianos em Manaus. Todavia, o trabalho é apenas uma pequena contribuição para esta temática.

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir das contribuições teóricas da Psicologia Social, aproveitando-se de uma de suas temáticas, no caso a identidade. Dentre as várias teorias nesse campo, trabalhou-se com maior foco aquela da identidade social e cultural (nacional). A discussão sobre as identidades foi norteadora para um maior entendimento da relação entre manauaras e refugiados colombianos, onde se constatou a existência de categorizações sociais, relações afetivas e hibridização de identidades, mantendo, no entanto, a essência da identidade nacional construída em seu país de origem.

Este trabalho também agrega uma crítica a respeito da participação tímida do governo federal na inclusão social dos refugiados. A inserção social dos refugiados em uma sociedade não pode ser um problema de apenas uma entidade, que no caso pesquisado é a Pastoral do Migrante, parceria com o Acnur, que procura direcionar a inclusão de grupo desprovido de informações e que não pediu ou sequer desejou vir para o Brasil. Nesse sentido, a necessidade de apoio por órgãos federais são de extrema necessidade para auxiliar na inserção desses grupos. A omissão do governo propicia uma manutenção da marginalização desse grupo pelos habitantes locais, mantendo-os invisíveis à sociedade ou pior, sendo discriminados e considerados traficantes, ladrões e fugitivos por terem cometido algum delito em sua terra natal. Fazem-se necessárias políticas públicas para garantir efetivamente educação e moradia e trabalho dignos para os refugiados, oferecendo assim possibilidades de uma inclusão social desse grupo.

A vinda de muitos refugiados para o Brasil ocorre tendo em vista a divulgação de que o governo federal recebe os refugiados e lhes oferece condições de reestruturar suas vidas. Porém, o que se verifica é uma morosidade no processo de pedidos de refúgio que, por vezes, leva mais de dois anos para serem decididos. A necessidade de apresentar-se perante a comunidade internacional e a ONU como um país humanitário ilude esses refugiados que vêm para o Brasil em busca de uma nova vida.

Outra questão verificada neste trabalho foi à desconstrução do conceito de que o refugiado sai de seu país para ocupar subempregos em Manaus em face do preconceito e

discriminação. Não que tais fenômenos não existam na relação refugiados e habitantes da comunidade local, mas todas as famílias de refugiados que foram entrevistadas possuíam empregos similares, senão iguais, na Colômbia. A vinda para Manaus foi impositiva, face aos conflitos armados existentes na Colômbia, mas os refugiados que se deslocam para o Brasil são por vezes de regiões do interior da Colômbia. Os refugiados procuram se reestabelecer no Brasil, não com novas atividades laborais, mas com os mesmos empregos que possuíam na sua cidade natal. No caso da pesquisa, todos os refugiados conseguiram empregos similares aos que tinham na Colômbia, sendo considerados de baixa qualificação. Desta forma, pode-se dizer que a discriminação nas atividades laborais se limita ao oferecimento de remunerações inferiores aos praticados com os trabalhadores brasileiros – dado que não tivemos a oportunidade de verificar e, portanto, não podemos afirmar categoricamente.

Quanto à questão científica, constata-se que este trabalho é apenas uma centelha para iniciar trabalhos mais específicos e producentes para estudar essa questão em outros grupos de refugiados e, quem sabe, subsidiar a elaboração de propostas de intervenção a fim de oferecer melhores condições para uma inserção social digna. Existem algumas questões que ainda não foram discutidas a respeito da temática, mas merecem atenção por parte de pesquisadores e acadêmicos das diversas áreas das ciências humanas e sociais, visto ser um assunto interdisciplinar.

Este trabalho mobilizou este pesquisador de forma intensa durante quase um ano, na obtenção de informações junto a Pastoral do Migrante e realização das entrevistas com as famílias de refugiados. A dificuldade em conseguir horários que fossem satisfatórios para os entrevistados fez com que a pesquisa de campo levasse quatro meses, entre marcações e cancelamentos. Os integrantes do grupo investigado se apresentaram contraditórios em alguns momentos, bem como receosos em responder as perguntas da entrevista, talvez por uma questão de pouca afinidade com o pesquisador. Entretanto, deve-se considerar também o medo de serem identificados e perseguidos pelos colombianos que os fizeram pedir refúgio.

Esta pesquisa também apresenta um alerta visto à escassez de trabalhos acadêmicos produzidos a respeito do tema refugiados. Os poucos trabalhos produzidos no Brasil são de temas relativos a questões sociológicas, jurídicas e de direitos humanos. Por ser um fenômeno social atual, existe uma necessidade de se direcionar pesquisas a respeito dessa minoria discriminada e em situação de vulnerabilidade. Existem lacunas que devem ser preenchidas tanto nos temas psicossociais do grupo de refugiados quanto da sociedade que os recebem (SOUZA; CALEGARE, 2014).

Por fim, este trabalho proporcionou a este pesquisador a oportunidade de mergulhar no

mundo da pesquisa, onde as dificuldades para obtenção de um conhecimento original são acompanhadas da necessidade de um trabalho imparcial, elucidativo e relevante para a ciência e a sociedade. A inexistência de qualquer um desses fatores transforma qualquer pesquisa em algo invisível, sem qualquer valor científico.

REFERÊNCIAS

ACNUR. *A situação dos refugiados no mundo: cinquenta anos de ação humanitária*. Portugal: A Triunfadora. 2000. Disponível em <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/index.html>>. Acesso em 10 de Março de 2015

_____. *Acnur e Unaidns sensibilizam refugiados e autoridades sobre violência sexual e de gênero*. Dez 2012. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/manaus-acnur-e-unaidns-sensibilizam-refugiados-e-autoridades-sobre-violencia-sexual-e-de-genero/>> Acesso em 14 de abril de 2015

_____. *Apatridia: toda a pessoa tem direito a uma nacionalidade*. 2012a. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/nformaçã/quem-ajudamos/nformaçã/>> Acesso em 10 de Março de 2015

_____. *Dados sobre refúgio no Brasil: uma análise estatística (2010-2014)*. 2015. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estatisticas/>>. Acesso em 10 de Março de 2015

_____. *Fugindo em sua própria terra*. 2014a. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/nformaçã/quem-ajudamos/deslocados-internos/>>. Acesso em 13 de março de 2015.

_____. *La situación de los refugiados en el mundo: desplazamientos humanos en el Nuevo milenio*. Barcelona: Icaria, 2006

_____. *Lei nº 9474/97 e coletânea de instrumentos de proteção internacional dos refugiados*. 3. ed. Brasília: Servidéias. 2010b.

_____. *Manual de procedimentos e critérios a aplicar para determinar o Estatuto de Refugiado*. Lisboa: ACNUR. 1996

_____. *O que é a Convenção de 1951?* 2014b. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/nformaçã/nformação-geral/o-que-e-a-convencao-de-1951/?L=>>>. Acesso em 10 de Março de 2015

_____. *Tendências Globais 2009: refugiados, Solicitantes de Refúgio, Repatriados, Pessoas Deslocadas*. 2010 Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/nformaçã/Publicacoes/2010/Tendencias_Globais_2009.pdf?view=1>. Acesso em 10 de Março de 2015

_____. *Tendencias Globales 2013: el coste humano de la guerra*. 2014c. Disponível em: <http://www.acnur.es/PDF/acnur_tendenciasglobales2013_web_20140619124652.pdf>. Acesso em 10 de Março de 2015

_____. *Uma análise estatística (2010-2013): dados sobre refúgio no Brasil*. 2014d. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em 10 de Março de 2015.

ALCALDÍA DE CAICEDONIA. Caicedonia – sitio oficial de Caicedonia em Valle. <<http://www.caicedonia-valle.gov.co/index.shtml>>. Acesso em 29 de maio de 2015.

ALCALDÍA DE CÚCUTA. Cúcuta para grandes cosas – sitio oficial de Cúcuta. Disponível em <<http://cucuta-nortedesantander.gov.co/index.shtml#3>>. Acesso em 30 de maio de 2015.

ALFINITO, S., CORRADI, A.A. Contato intergrupar: conflito realístico privação relativa e equidade. In: TORRES, C.V.; NEIVA, E.R. Cols. *Psicologia social: principais temas e vertentes*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p.262-286.

AMÂNCIO, L. Identidade social e relações intergrupais. In: VALA, J.; MONTEIRO, M.B. (Orgs.). *Psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997. p. 287-308.

ANDRADE, I. Algumas reflexões sobre o conceito de identidade nacional. In: Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Memória e Patrimônio. XIV, Rio de Janeiro, 2010, *Artigo*, Rio de Janeiro, 2010.

ANTUNES, R.J.S. *Identificação partidária e comportamento eleitoral: factores estruturais, atitudes e mudanças no sentido de voto*. 2008. 508 f. Dissertação (Doutorado em psicologia). Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra. 2008.

ASSIS, G.O. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.15, n.3, p. 745-772, set./dez., 2007.

AYDOS, M., BAENINGER, R.; DOMINGUEZ, J.A. Condições de Vida da População Refugiada no Brasil: trajetórias migratórias e arranjos familiares. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO AMERICANA DE POPULAÇÃO. 3., 2008, Córdoba. *Anais...* Córdoba: ALAP, 2008. Disponível em <<http://www.migrante.org.br/migrante/images/arquivos/condicoesvidarefugiada.pdf>> Acesso em 23 de novembro de 2014.

BANCA E NEGOCIOS. Colômbia: criminales venezolanos están generando inseguridad en Cúcuta. 2014. Disponível em <<http://bancaynegocios.com/colombia-criminales-venezolanos-estan-generando-inseguridad-en-cucuta/>>. Acesso em 28 de abril de 2015.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: edições 70, 2011.

BARRETO, L. P. F. *Refúgio no Brasil: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas*. Brasília: Ministério da Justiça. 2010.

BERLATTO, O. A construção da identidade social. *Revista do curso de direito da FSG*. Caixas do Sul, v.3, n.5, p.141-151, jan/jun, 2009.

BERRY, J.W. Migração, aculturação e adaptação. In: DEBIAGGI, S.D.; PAIVA, G.J. (Orgs.) *Psicologia, E/Migração e cultura*. São Paulo: casa do psicólogo, 2004. p. 29-45.

BONOMO, M. *Identidade social e representações sociais de rural e cidade em um contexto rural comunitário: campo de antinomias*. 2010. 469f. Tese de doutorado em psicologia. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. 2010.

CABECINHAS, R.; LÁZARO, A. Identidade Social e Estereótipos Sociais de Grupos em Conflito: Um Estudo numa Organização Universitária. *Cadernos do Noroeste*, Braga, v. 10, n.1, p. 411-426, 1997.

CALEGARE, M. G. A. Abordagens em Psicologia Social e seu ensino. *Revista Transformações em Psicologia*. São Paulo, v.3, n.2, p. 01-16, 2010.

CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A. *Metodologia Científica*. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CIAMPA, A. da C. *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

COELHO, L.P.; MESQUITA, D.P.C. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. *Entreletras*, Araguaína, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013.

COIMBRA, M. Identidade nacional: realidade ou ficção? *Vila em foco*. 2006. Disponível em: <<http://www.brasilsoberano.com.br/artigos/identidadenacional.htm>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2015.

COSTA, F. B. *Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas*. 2008. 403 f. Tese (Doutorado em psicologia) Instituto de psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

DESCHAMPS, J.C.; MOLINER, P. *A identidade em psicologia social. Dos processos identitários às representações sociais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

DOMINGUES, J.A.D; BAENINGUER, R. Programa de Reassentamento de Refugiados no Brasil. Disponível em<www.migrante.org.br/programadereassentamento.pdf>. Acesso em 03 de maio de 2015.

ELIAS, N.; SCOTSON, J.L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ENGELS, F. *A situação da classe operária em Inglaterra*. Tradução Anália C. Torres. Porto: Apartado, 1975.

FANTAZZINI, O. Uma agenda proativa para as migrações internacionais. In: Acnur. *Políticas Públicas para as migrações internacionais: migrantes e refugiados*. Brasília: Alliance indústria gráfica, 2005.

FERNANDES, M.I.A. O sentido do morar: uma questão para a psicologia social. In:

DEBIAGGI, S.D.; PAIVA, G.J. (Org.) *Psicologia, E/Imigração e cultura*. São Paulo: casa do psicólogo, p. 63-82, 2004.

FERREIRA, M.C. Breve história da moderna psicologia social. In: TORRES, C.V; NEIVA, E.R. (Cols.) *Psicologia Social: principais temas e vertentes*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 13-30.

FERREIRA, R.F.; CAMARGO, A.C.C. As Relações Cotidianas e a Construção da Identidade Negra. *Psicologia: ciência e profissão*, São Paulo, v. 31, n.2, p. 374-389. 2011.

GAUDEMAR, J.P. *Movilidad del trabajo y acumulación de capital*. México : Era, 1979.

GOFFMAN, E. *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Trad: Mathias Lambert. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GUARESCHI, N.M.F; BRUSCHI, M.E. *Psicologia social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HOBBSAWM, E. *Era dos extremos: breve século XX 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. 2. ed. (26 reimpressão). São Paulo: Cia das Letras, 1995.

HUMAN RIGHT WATCH. Herederos de los paramilitares - La nueva cara de la violencia en Colombia. *Relatório de pesquisa*. New York. 2010. 131p.

HYADU, M. O envolvimento do Brasil com a problemática dos refugiados: um breve histórico. *Ponto e vírgula*, n.6, p.183-200, 2009.

INSTITUTO DE REINTEGRAÇÃO DO REFUGIADO. Moradia e trabalho são principais desafios para refugiados no Brasil. 2011. Disponível em: <<http://www.adus.org.br/2011/03/moradia-e-trabalho-sao-principais-desafios-para-refugiados-no-brasil/>>. Acesso em 12 de junho de 2015.

JUBILUT, L.L.; APOLINÁRIO, S.M.O.S. A população refugiada no Brasil: em busca da proteção integral. *Universitas: relações internacionais*, Brasília-DF, v.6, n.2, p. 9-38, 2008.

KRAWULSKI, E. A orientação profissional e o significado do trabalho. *Revista da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais*. Florianópolis, v.2, n.1, p.5-19, 1998.

LAMAS, B.G. Tropas brasileiras no Haiti. *Conjuntura Internacional*. 2004. Disponível em: <http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20050802165650.pdf?PH_PSESSID=6f637a02ea0df6bea8ae3824c49cba6>. Acesso em 20 de novembro de 2014.

LANE, S.T.M. *O que é psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LIMA, A. F.; CIAMPA, A. C. Metamorfose humana em busca de emancipação: identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. In: _____ (Org.). *Psicologia Social Crítica: paraxes do contemporâneo*. Porto Alegre: Sulinas, 2012.

LIMA, J. B. B.; SIMÕES, G. F. Programas de suporte a refugiados, asilados e apátridas no Brasil: uma abordagem exploratória. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 1, 2012, Brasília-DF. *Painel...* Brasília-DF: FINATEC, 2012. p.1-17.

LIMA, M.E.O.; VALA, J. Sucesso social, branqueamento e racismo. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v.20, n.1, p-11-19, 2004.

LOBO, Z.A. “Leito da Saudade”: representações do campo no cotidiano dos migrantes cearenses e nas letras do forró eletrônico. Disponível em <http://uece.br/eventos/eehce2014/anais/trabalhos_completos/103-9209-30072014-184958.pdf> Acesso em 13 de junho de 2015.

LYRA, M.P.O. Plano Colômbia e Iniciativa Mérida: uma análise a luz da Segurança Humana. *Argumentum*, Vitória, v. 6, n.2, p. 64-75, jul./dez. 2014.

MARANDOLA Jr., E. GALLO, P.M. del ser migrante- implicações territoriais e existenciais da migração. In: Encontro Nacional sobre Migrações. VI., 2009, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, 2009. p.1-15.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento – Pesquisa qualitativa em saúde*. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO, M.C.S (Org); DESLANDES, S.F; GOMES, R. *Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade*. 32. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço*. Cadernos de Atenção Básica nº 8. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2001.

MIRANDA, A. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. *Ciência da Informação*, v. 29, n. 2, p. 78-88, maio/ago, 2000.

MOREIRA, J. B. A Problemática dos Refugiados no Mundo: Evolução do Pós-Guerra aos dias atuais. Campinas, 2006. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_909.pdf>. Acesso em 15 de janeiro de 2015.

_____. A proteção internacional aos refugiados e a legislação brasileira (Lei Federal 9.747/97): Estudos de Direito Internacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE DIREITO INTERNACIONAL. 2., 2004, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Juruá, 2004.

_____. A problemática dos refugiados na América latina e no Brasil. *Caderno PROLAM/USP*, São Paulo, v.2, n.4, p.57-76, 2005.

_____. *O acolhimento dos refugiados no Brasil: políticas, frentes de atuação e atores envolvidos*. 2007. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/5EncNacSobreMigracao/comunic_sec_2_aco_ref_bra.pdf>. Acesso em 10 de Março de 2015.

_____. Redemocratização e direitos humanos: a política para refugiados no Brasil. *Rev. Bras. Polít. Int.*, Brasília-DF, v.53, n.1, p. 111-129, 2010.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOURA E CASTRO, L.F.D. Novos movimentos paramilitares na Colômbia. 2007. Disponível em <http://www.pucminas.br/conjuntura/noticia_conjuntura.php?codigo=440&lateral=&cabecalho=&menu=>. Acesso em 28 de maio de 2015.

OLIVEIRA, M.M. A mobilidade humana na tríplice fronteira. *Revista Estudos Avançados*. v.20, n.57, p. 183-196, mai/ago. 2006.

_____. *Refugiados e deslocados na Amazônia: contribuições para a sociologia dos deslocamentos compulsórios*. 2008. 184f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) Instituto de Ciências Humanas e letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 2008.

_____. Refugiados colombianos na Amazonia: elementos para uma sociologia dos deslocamentos compulsórios. In: _____ (Org) *Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar*. Manaus: FAPEAM/EDUA, 2010, p.205-222.

OTTONI, P; AUSTIN, J.L. A visão performativa da linguagem. *Delta*, São Paulo, v.18, n.1, p.117-143, 2002.

PATRÍCIO, M.F. A Identidade nacional num mundo intercultural. *Povos e Cultura*, Lisboa, n.13, p. 93-128. 2009.

PATRIOTA, L.M. Cultura, identidade cultural e globalização. *Revista eletrônica Caos*, João Pessoa, n.04, p.01-06. 2002. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/numero4/04patriota.pdf>> Acesso em 15 de março de 2015.

PEREZ-NEBRA, A.R.; JESUS, J.G. Preconceito, estereótipo e discriminação. In: TORRES, C.V.; NEIVA, E.R. (Cols). *Psicologia social: principais temas e vertentes*. Porto Alegre: Artmed, 2011

PERIODICO ELECTRONICO EL TIEMPO. Según el DANE, la percepción de seguridad en Villavicencio ha mejorado. 2014. Disponível em <<http://www.eltiempo.com/colombia/otras-ciudades/seguridad-en-villavicencio/14768781>>. Acesso em 3 de maio de 2015.

PHINNEY, J.S. Formação da identidade de grupo e mudanças entre migrantes. In: DEBIAGGI, S.D.; PAIVA, G.J. (Org.) *Psicologia, E/Imigração e cultura*. São Paulo: casa do psicólogo, 2004, p. 47-62.

PORTAL BRASIL. Colômbia. Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/americas_colombia.htm>. Acesso em 25 de maio de 2015.

PREFEITURA DE VILLAVICENCIO. Información General. 2015. Disponível em:

<http://www.villavicencio.gov.co/index.php?option=com_content&view=article&id=98&Itemid=188>. Acesso em 25 de abril de 2015.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E.M.L.; JABLONSKI, B. *Psicologia Social*. 27 ed. (revista e ampliada). Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ROLLSING, C.; TREZZI, H. Novos imigrantes mudam o cenário do Rio Grande do Sul. *Jornal Zero Hora On line*. Rio Grande do Sul. 16 de agosto de 2014. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/08/novos-imigrantes-mudam-o-cenario-do-rio-grande-do-sul-4576728.html>>. Acesso em 10 de Março de 2015.

ROSA, A. A saudade que arde - A peleja dos migrantes mexicanos em Nova York. 2013. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/90/a-saudade-que-arde-3379.html>> Acesso em 13 de junho de 2015.

ROVIRA, L.. A relação entre o idioma e a identidade: o uso do idioma materno como direito humano dos migrantes. 2008. Disponível em: <http://www.csem.org.br/2008/a_relacao_entre_idioma_e_identidade_lourdes_rovira_mai.pdf>. Acesso em 10 de junho de 2015.

SANTOS, L. As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teóricas. *Revista Racunhos culturais*, Coxim, v.2, n.4, p.141-157, Jul-Dez, 2011.

SILVA, C.A.S. *Direitos Humanos e refugiados*. Dourados: UFGD, 2012.

SILVA, S. A. Hermanos Amazônicos: processos identitários e estratégias de mobilidade entre peruanos e colombianos em Manaus. In: _____ (Org.). *Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar*. Manaus: FAPEAM/EDUA, 2010, p. 205-221.

SILVA, T.T (Org); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença - A perspectiva dos estudos culturais*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOARES, C.O. O direito internacional dos refugiados e o ordenamento jurídico brasileiro: análise da efetividade da proteção nacional. 2012. 252 f. Dissertação (Mestrado em Direito). Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de Alagoas, Alagoas. 2012.

SOUZA, J.C.P.; CALEGARE, M.G.A. Trabalhos científicos desenvolvidos no Brasil sobre refugiados. In: Encontro Regional N-NE da ABRAPSO, IV, 2014, Manaus. *Anais...* Manaus: ABRAPSO, 2014.

SOUZA, J.C.P.; CALEGARE, M.G.A. A contribuição do governo federal para a inserção social do refugiado colombiano em Manaus. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA POLÍTICA, VIII, 2014, Goiânia. *Resumos...* Goiânia: SBPP, 2014b. p.178.

SOUZA, J.C.P; LIMA, M.; OLIVEIRA, S.B. O sofrimento psíquico de refugiados no Amazonas: dialogando com o indizível. 2012. Disponível em <<http://www.ppi.uem.br/eventos/artigos/38.pdf>> Acesso em 03 de junho de 2015

SOUZA, L. Processos de categorização e identidade: solidariedade, exclusão e violência. In: SOUZA, L.; TRINDADE, Z.A. (Orgs.) *Violência e exclusão: convivendo com paradoxos*.

São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 57-74.

TAJFEL, H. *Human groups e social categories: studies in social psychology*. Cambridge: Cambridge University, 2010.

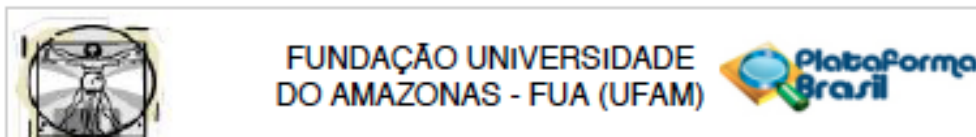
TURNER, J.C. Towards a cognitive redefinition of the social groups. In: TAJFEL, H. *Social identity and intergroup relations*. Cambridge: Cambridge University, 2010. p.15-40.

UHLEIN, T. Invisibilidade social e a questão da criminalidade entre os jovens brasileiros. In: SEMINÁRIO INTERMUNICIPAL DE PESQUISA, 15.2012. Guaíba. *Artigo...* Guaíba: Universidade Luterana do Brasil. 2012. p.1-24. Disponível em: <<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2012/artigos/direito/seminario/958.pdf>> Acesso em 11 de março de 2015.

VILLA, R.D.; OSTOS, M. P. As relações Colômbia, países vizinhos e Estados Unidos: visões em torno da agenda de segurança. *Rev. Bras. Polít. Int.* São Paulo, v.48, n.2, p. 86-110, 2005.

ZANONI, A., JUNGES, M.; FACHIN, P. América Latina, um novo destino de refugiados. *Revista On Line do Instituto Humanitas da Unisinos*, São Leopoldo, ano XI, n. 362, 2011. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3872&secao=362> Acesso em 10 de Março de 2015.

ANEXO A



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: REFUGIADOS COLOMBIANOS EM MANAUS: UMA LEITURA PSICOSSOCIAL

Pesquisador: Julio Cesar Pinto de Souza

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 36316614.9.0000.5020

Instituição Proponente: Universidade Federal do Amazonas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

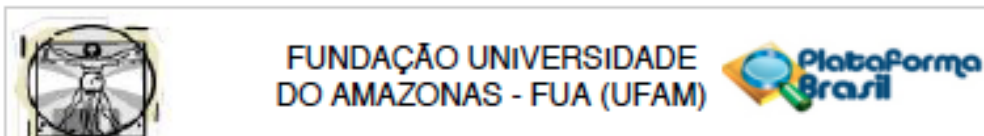
Número do Parecer: 842.570

Data da Relatoria: 15/10/2014

Apresentação do Projeto:

Desde o final da II Guerra Mundial, o número de refugiados no mundo vem aumentando gradativamente. De acordo com dados estatísticos, existiam, em 2012, 15,4 milhões de refugiados pelo mundo. O Brasil é um país muito procurado por esse grupo - principalmente pelos refugiados da América Latina que entram pelas fronteiras secas - visto a sua política de acolhimento. Na cidade de Manaus, a incidência de refugiados colombianos é grande, tornando-se o objeto desta pesquisa. A inserção desses refugiados é dificultada por aspectos político, sociais, econômicos e culturais. Com isso, esta pesquisa tem como objetivo realizar uma leitura psicossocial do processo de inserção das famílias de refugiados colombianos na cidade de Manaus. Esta pesquisa é exploratório-descritiva, utilizando-se de abordagem multimétodos, visando aumentar o conhecimento a respeito do assunto e atender aos objetivos que se propôs. Os instrumentos utilizados serão a técnica da pesquisa documental, observação sistemática e assistemática e a entrevista semiestruturada. A coleta de dados quantitativos será realizada na Pastoral do Migrante e Caritas e de dados qualitativos na residência de famílias selecionadas para o estudo. Para análise dos dados se utilizará estatística descritiva e análise de conteúdo. Com os resultados desta pesquisa pretende-se oferecer melhores condições de vida aos refugiados colombianos, tomando-se medidas e desenvolvendo intervenções sociais em favor do grupo que vem se expandindo há

Endereço: Rua Teresina, 4050
Bairro: Adrianópolis **CEP:** 69.057-070
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3305-5130 **Fax:** (92)3305-5130 **E-mail:** cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 642.570

alguns anos na cidade.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Realizar uma leitura psicossocial do processo de inserção das famílias de refugiados colombianos na cidade de Manaus.

Objetivo Secundário:

- a. Levantar dados do perfil psicossocial e econômico dos refugiados colombianos cadastrados pela Caritas e Pastoral do Migrante, no período de janeiro/2013 a junho/2014;
- b. Investigar como está sendo a inserção social das famílias de refugiados colombianos selecionadas para a pesquisa em Manaus;
- c. Compreender as implicações identitárias dos refugiados colombianos a partir da inserção em Manaus.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Quanto aos riscos pode-se considerar o temor dos refugiados em falar e sofrer represália por parte dos vizinhos, caso não haja um bom relacionamento. Pode-se ainda levantar como risco o receio de ser perseguido por colombianos por comentar alguma coisa a respeito das forças paramilitares colombianas. Em ambas as possibilidades de risco o refugiados pode preferir não participar. Para reduzir ou mesmo abolir essas possibilidades, no primeiro encontro, será enfatizada a confidencialidade das informações obtidas com a família, oportunidade na qual serão apresentados os termos constantes no TCLE.

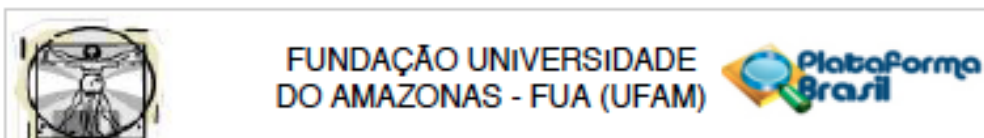
Benefícios:

Quanto aos benefícios, a realização desta pesquisa será de grande relevância acadêmica, científica e para o grupo investigado, pois com os resultados poder-se-ão gerar novos conhecimentos, contribuindo para a inserção de outras famílias de refugiados na sociedade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa em nível de mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FAPSI/UFAM, a ser desenvolvida pelo discente Júlio César Pinto de Souza, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Gustavo Aguillar Calegare. O projeto apresenta relevância social e científica, bem

Endereço: Rua Teresina, 4950
 Bairro: Adrianópolis CEP: 69.057-070
 UF: AM Município: MANAUS
 Telefone: (92)3305-5130 Fax: (92)3305-5130 E-mail: cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 642.570

como apresenta título, objetivos e metodologia propostos de maneira coerente. O estudo abrangerá 5 participantes, imigrantes colombianos sediados em Manaus há mais de dois anos, com idade superior a 18 anos e residência fixa. O estudo será desenvolvido através de abordagem qualitativa e terá caráter exploratório-descritiva

fenômeno sem a preocupação de elaborar hipóteses. Como instrumentos da pesquisa, utilizará a triangulação de método ou multimétodo, por intermédio das seguintes técnicas e instrumentos: a) Pesquisa documental; b) observação sistemática e assistemática, com registro em diário de campo; e c) Entrevista semiestruturada. Os dados serão analisados

à luz da análise de conteúdo de Bardin.parecer final deste Comitê de Ética

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

1. Folha de rosto: Apresentada e adequada, assinada pelo Coordenador de Pós-Graduação da FAPSI, Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes Castro;
2. Termo de Anuência: Apresentado e adequado, assinado pelo Frei Jorge Luiz Soares da Silva, responsável pela Cáritas Arquidiocesana de Manaus, em papel timbrado específico da instituição;
3. TCLE: Apresentado e adequado;
4. Instrumentos de coleta de dados: Apresentado e adequado;
5. Critérios de inclusão e exclusão: Apresentados e adequados;
6. Riscos e benefícios: Apresentados e adequados;
7. Cronograma: Apresentado e adequado, com coleta de dados prevista entre 20/10/2014 a 27/02/2015;
8. Orçamento: Apresentado e adequado, no valor de R\$ 838,00.

Recomendações:

Não se aplica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando que o pesquisador responsável solucionou todas as pendências e, o projeto atende às exigências da Res. 466/2012, o mesmo encontra-se apto para realização após emissão de parecer final deste Comitê de Ética.

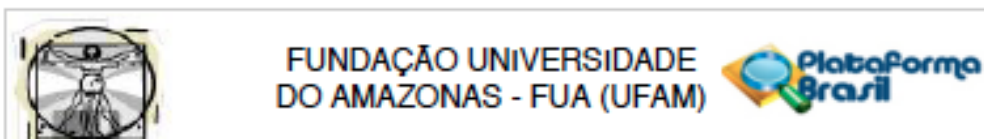
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Teresina, 4050
 Bairro: Adrianópolis CEP: 69.057-070
 UF: AM Município: MANAUS
 Telefone: (92)3305-5130 Fax: (92)3305-5130 E-mail: cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 042.570

Considerações Finais a critério do CEP:

MANAUS, 22 de Outubro de 2014

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador)

Endereço: Rua Tereza, 4050
Bairro: Adrianópolis CEP: 89.057-070
UF: AM Município: MANAUS
Telefone: (92)3305-5130 Fax: (92)3305-5130 E-mail: cep@ufam.edu.br

ANEXO B



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o(a) Sr(a) para participar da Pesquisa REFUGIADOS COLOMBIANOS EM MANAUS: UMA LEITURA PSICOSSOCIAL, sob a orientação do Prof. Dr. MARCELO GUSTAVO AGUILAR CALEGARE e responsabilidade do psicólogo pesquisador JÚLIO CÉSAR PINTO DE SOUZA o qual pretende realizar uma leitura psicossocial do processo de inserção das famílias de refugiados colombianos na cidade de Manaus. Sua participação é voluntária e se dará por meio de respostas às perguntas. Os riscos de participação na pesquisa são mínimos, resumindo-se ao constrangimento ou desconforto, porém havendo qualquer indício desses, a pesquisa será interrompida de imediato e os dados obtidos desconsiderados.

Se você aceitar participar, estará contribuindo para a obtenção de novos conhecimentos que facilitarão a inserção de outras famílias de refugiados na sociedade manauense. Se depois de consentir em sua participação o(a) Sr(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O(a) Sr(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o(a) Sr(a) poderá entrar em contato com os pesquisadores no endereço: Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Psicologia, Av. General Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 3000 Campus Universitário Setor Sul, Bloco X, Coroado, Cep 69077-000, Manaus, telefone (92) 3305-4127. Ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós-Infomação

Eu,, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do participante

Data: _/ / _____



Impressão do dedo polegar
Caso não saiba assinar

Assinatura do Pesquisador Responsável

ANEXO C**SPM****TERMO DE ANUÊNCIA**

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado "REFUGIADOS COLOMBIANOS EM MANAUS: UMA LEITURA PSICOSSOCIAL", sob a coordenação e a responsabilidade do Professor MARCELO GUSTAVO AGUILAR CALEGARE do Departamento de psicologia da Universidade Federal do Amazonas, o qual terá o apoio desta Instituição.

Manaus, 11 de abril de 2014.

Dr. Valdir dos Santos Carvalho



TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado "REFUGIADOS COLOMBIANOS EM MANAUS: UMA LEITURA PSICOSSOCIAL", sob a coordenação do Professor MARCELO GUSTAVO AGUILAR CALEGARE do Departamento de psicologia da Universidade Federal do Amazonas e desenvolvido pelo Psicólogo JÚLIO CÉSAR PINTO DE SOUZA.

O Projeto de pesquisa terá o apoio desta Instituição.

Manaus, 20 de agosto de 2014.

CARITAS ARCA DIOCESANA DE MANAUS

Prof. Jorge Luiz Soares da Silva

CPF 902.940.871-72

ANEXO D

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

A) DADOS GERAIS

1. Nome, idade, quantas pessoas da família vieram para o Brasil.
2. De onde vieram da Colômbia?
3. Quando chegaram ao Brasil?
4. Por qual região do país chegaram?
5. Qual o trajeto que fizeram desde a sua cidade Natal até Manaus?
6. Já tinham familiares em Manaus?

B) MOTIVOS DO REFÚGIO

7. Por que escolheram e vieram ao Brasil?
8. Qual motivo te levou a pedir refúgio?

C) INSERÇÃO DA FAMÍLIA EM MANAUS

CHEGADA EM MANAUS

9. Por que escolheram Manaus?

ADAPTAÇÃO

10. O que torna a vida de vocês aqui em Manaus mais fácil?
11. O que torna a vida de vocês aqui em Manaus mais difícil?
12. Como a distância dos familiares afeta a família?
13. Mesmo após o refúgio, existe algo que deixe a família receosa?
14. Vocês têm algum medo de serem identificados por algum colombiano ou antigos agressores aqui em Manaus? Por que?

EMPREGO

15. Você arranhou um emprego? Qual emprego?
16. Você se sente satisfeito com esse emprego? Por quê?
17. Qual era a sua ocupação anteriormente, na Colômbia?

MORADIA

18. Como você se sente morando nesta casa e neste bairro?
19. Como você descreveria a sua relação de amizade com os vizinhos e moradores do bairro?
20. Vocês participam de atividades sociais no bairro?

LAZER

21. O que você e sua família fazem para se divertir?

D) IDENTIDADE (categoria social, comparação social, sentimento de pertença)

REFUGIADOS

23. Para você, o que é ser um refugiado?
24. Você se declara ser um refugiado? Por que?
25. Como os refugiados são vistos e tratados pelos brasileiros?

COLOMBIANO

22. O que é ser colombiano?
26. Que características e costumes você e sua família guardam da Colômbia?
27. Como é o seu relacionamento e de sua família com os outros colombianos que moram em Manaus?

BRASILEIRO

28. Para você, o que é ser brasileiro?
29. Que características tipicamente dos brasileiros você já adquiriu?
30. O que te agrada e desagradam nas relações que você tem com os grupos que convive?
31. Descreva uma relação difícil que vocês tenham enfrentado com os brasileiros. Essa situação foi solucionada? Como?
32. O que vocês acreditam que pode ser feito para facilitar o processo de inserção social dos refugiados na cidade de Manaus?